

VI Congresso Internacional **Linguística Histórica**

Homenagem a Clarinda de Azevedo Maia



Livro de Resumos

NOTA PRÉVIA

Os resumos dos trabalhos são disponibilizados no formato submetido pelos autores e pelas autoras e estão organizados alfabeticamente por título.

ÍNDICE

Nota prévia	2
Índice	3
A “relação de causalidade” em textos dos séculos XVIII e XIX: considerações sobre os ex-votos como fontes linguísticas	5
A contribuição de dialetos insulares portugueses na formação do Português do Brasil	6
A dimensão histórica dos contatos entre o galego-português e o espanhol: quando nasceu o portunhol?	7
A História da Língua na formação de professores de Português: do necessário ao possível no currículo e nos percursos didáticos	8
A História do Futuro, de Pe. António Vieira: léxicon e <i>corpus</i> anotado	10
A impessoalidade verbal na gramaticografia sobre a língua portuguesa durante o século XIX	11
A interface lexical de dois códigos linguísticos em contato: sob perspectiva da dialetometria	12
A variação entre ‘que’ e ‘o que’ na história do português: um estudo baseado em <i>corpora</i>	13
Antroponímia portuguesa dos séculos XV-XIX em Códices de Testamentos, Baptismos e Propriedades	14
As formas derivadas de ESSE, SEDERE (> ser) e STARE (> estar) em português medieval	15
Avaliação linguística do uso dos verbos existenciais <i>ter</i> , <i>haver</i> e <i>existir</i> por falantes cultos funchalenses a partir de árvore de distâncias mínimas	17
Comunidades de prática de Xálima e Cabo Verde: estudo comparativo	18
Concordância Verbal 3SG Não-Padrão em Orações Relativas de Sujeito	19
Criterios sociolingüísticos para la selección de documentación histórica en el Nuevo Reino de Granada: el caso de las voces subalternas	20
Da Dialetologia à Dialetometria: estudo numa perspectiva interdisciplinar	22
Da Dialetologia à Dialetometria: teoria, método e estudo dialetométrico da variação lexical disposta no Atlas Semântico-lexical do Estado de Goiás (ASLEG) - Brasil	23
Depois da venda, a recompensa – o ato ilocutório de elogio em Livros de Elogios digitais do setor imobiliário	24
Dialetometria em português: estado da questão	25
Discurso informal de Lisboa e Braga (DILeB) – novo <i>corpus on-line</i> de fala do português europeu ..	27
Discutindo a norma em periódicos catarinenses do séc. XIX	28
Dos artigos chineses na obra metalingüística Arte China do Padre Joaquim Gonçalves	30
Economia, sociedade e formação do português brasileiro: elementos para uma discussão sobre as configurações linguísticas do Brasil colonial	31
Edições de manuscritos históricos brasileiros: a coleção Documentos para a história linguística do Brasil colônia	32
Enunciado fonológico e enunciado sintático nas Cantigas de Santa Maria: um estudo prosódico a partir da comparação entre letra e música	33
Escrita de negros em irmandades do século XVIII em Salvador, BA	35
Estudo e edição das Atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos escrita por afro-brasileiros	36
Investigando as origens do português brasileiro (PB) num <i>corpus</i> de cartas e atas da Bahia Colonial	37
Language Contact and the Evolution of Wh-clauses in Brazilian Portuguese	38
Latinização da escrita e grau de cultura dos redatores: análise de anúncios de jornais do Rio Grande do Sul do século XIX	40
“Ler, escrever, e contar na forma, que se pratica em todas as Escolas das Naçoens civilizadas”: Diretório dos índios e escolarização nas vilas indígenas da Bahia setecentista	42
Lingue romanze in contatto: continuità e contrasti per un'analisi applicata alla lettura di testi gallego-portoghesei medievali	43
Mapeamento do papel lexicogênico de bases participiais na primeira fase do português arcaico ou galego-português (séculos XII a XIV)	45
Mudanças de transitividade em variedades nacionais do português: o caso do português moçambicano	46

No princípio era o verbo FACERE: percursos de gramaticalização	47
Nomes de acidentes geográficos no Dicionário Histórico do Português do Brasil (sécs. XVI a XVIII): contribuições para a história do léxico.....	49
Nomes de qualidade deadjetivais no <i>Diccionario da Língua Portuguesa</i> , de Moraes e Silva	50
Novas perspectivas sobre o chiado português	51
O ato ilocutório de crítica na Pragmática da Interlíngua – Análise de produções de aprendentes chineses de Português como Língua Não Materna	51
O marcador discursivo de reformulação ‘quer dizer’: apontamentos para a sua história	53
Origem, evolução e distribuição da língua portuguesa nos manuais do ensino secundário.....	54
Os nomes das refeições (pequeno-almoço, almoço, jantar) nas línguas ibero-românicas	56
Os pronomes de tratamento na Madeira e nos Açores.....	57
Os róticos em ataque silábico inicial e intervocálico no falar de moradores de Tubarão/SC e Vacaria/RS: pelo aporte da geossociolinguística com dados do projeto ALiB	58
Os sufixos derivados do - <i>ari</i> - Latino com o valor de ‘profissão’ no português no final do século XVI	59
Padrões de concordância verbal de primeira pessoa do plural no português brasileiro	60
Para um perfil sociolinguístico histórico de escreventes mulheres gaúchas oitocentistas no Sul do Brasil	62
Para uma caracterização do português falado em Aveiro.....	63
Para uma história recente das estruturas clivadas do português europeu	64
Perspectivas sobre as crenças e as atitudes linguísticas nos estados de MS, MT e GO	65
Prescrições negativas em Manuais de Saúde do Século XIX, no Rio Grande do Sul, Brasil: um estudo sob a perspectiva das tradições discursivas	66
Representatividade dicionarística dos prefixos de origem preposicional na língua portuguesa: do século XVIII à atualidade.....	67
Semiótica e linguística de <i>corpus</i> : uma proposta de nova classificação para a análise de sentimento	68
Sobre a evolução diacrónica de ‘qualquer’ em português	69
Textos notariais na Idade Média: a tradição discursiva da ‘carta’ como documento jurídico	70
Um efeito fonológico da diacronia sobre a sincronia: segmentos complexos e segmentos inerentemente pesados do Português	71
Um estudo comparativo da construção da cortesia em cartas setecentistas de mulheres e homens na América Portuguesa	73
Uma fonte para o conhecimento do português de Goa no início do séc. XX	74
Uma vogal esquecida pela Linguística portuguesa: variabilidade diacrónica da vogal central [a] em posição átona	75
Usos e funções das orações completivas e adverbiais em sete variedades diatópicas do português: uma comparação baseada em <i>corpus</i> oral.....	77
Variações da língua política salazarista entre ditadura militar e Estado Novo: algumas considerações.	78

A “relação de causalidade” em textos dos séculos XVIII e XIX: considerações sobre os ex-votos como fontes linguísticas

Marcus Dores (marcus.dores@uevora.pt), U. de Évora

Com esta comunicação pretendemos apresentar alguns resultados da pesquisa em curso para o nosso doutorado, no qual exploramos, sob os vieses linguístico (Castilho, 2007; 2010) e filológico (Marquilhas, 2000, 2009; Dias, 2018), ex-votos pintados dos séculos XVIII e XIX que se encontram em alguns centros religiosos mineiros (Brasil) e alentejanos (Portugal). O ex-voto (etim. abrev. do latim ex-voto suscepto ‘o voto/promessa realizado’), que é um objeto de devoção popular, é um material multimodal, composto por texto verbal - legendas - e por texto não verbal - pinturas -, que envolve tradições discursivas específicas, registrando práticas de religiosidade ligadas a espaços de peregrinação e retratando ambientes específicos.

Devido às suas características multimodais, os ex-votos não chamaram a atenção dos linguistas. No entanto, os textos breves incluídos nesse material nos têm revelado ricas fontes de pesquisa.

Do ponto de vista filológico, há que se destacar a curta extensão dos textos das legendas dos ex-votos, assim como a diversidade paleográfica desse material: o uso de letras capitais ou minúsculas, de letras cursiva ou de imprensa, ou, ainda, a mescla de letras grandes com pequenas, ou dos caracteres de imprensa com os cursivos etc.

No que respeita aos aspectos linguísticos, os ex-votos podem nos revelar algumas questões relevantes da língua dos séculos XVIII e XIX, com destaque para os seguintes: a estrutura sintática prototípica das legendas dos ex-votos é um grande SN com várias estruturas encaixadas (SN OD [Milagre [que fez X] [a Y]], [que Sentença Relativa]] SN OD); o conceito de causalidade, por exemplo, é bastante evidenciado no texto por meio do gerúndio; em termos onomasiológicos, nota-se a recorrência de palavras/expressões do campo religioso e, especificamente, do campo de doenças, perigos ou qualquer situação negativa.

Neste trabalho pretendemos, portanto, explorar alguns aspectos filológicos e linguísticos dos ex-votos que compõem o nosso *corpus* com foco para a representação linguística da causalidade (Simões, 2007) presente nesse material. Procuramos demonstrar, por um lado, se os gerúndios encontrados nas legendas expressam sempre causalidade e, por outro lado, se, além do gerúndio, outras estruturas são utilizadas para expressar a causalidade. Destacaremos, por fim, que esses objetos possuem valor como testemunhos linguísticos, porquanto apresentam informação sócio-histórica relevante para a história externa da língua, ao mesmo tempo que servem de fonte sobre a língua (em especial a sua variedade popular, não culta) da época em que foram ofertados a determinado centro de devoção religiosa.

Palavras-chave: Ex-votos. Causalidade. Patrimônio cultural

Bibliografia:

- Castilho, A. T. de. (2010). *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- Castilho, A. T. de. (2007). “Abordagem da língua como um sistema complexo. Contribuições para uma nova Linguística Histórica”. In: Castilho, A. T. de; Morais, M. A. T.; Lopes, R. E. V.; Cyrino, S. M. L. (Orgs.), *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro* (pp. 329-360). Hom. a Mary Kato. Campinas: Pontes/Fapesp.
- Dias, E. N. (2018). *O sinal é este mesmo bilhete: uma tipologia documental para os escritos da roda dos expostos*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Marquilhas, R. (2000). *A Faculdade das Letras: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

- Marquilha, R. (2009). “‘Eu ainda sou vivo’. Sobre a edição e análise linguística de cartas de gente vulgar”. *Estudos de Lingüística Galega*, v. 1, 47-65.
- Simões, J. S. (2007). *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

A contribuição de dialetos insulares portugueses na formação do Português do Brasil

Marilza de Oliveira (marilza@usp.br), U. de São Paulo

Os estudos em linguística histórica, centrados na teoria do contato linguístico, têm se servido da composição étnica da população brasileira para justificar as características da variedade brasileira da língua portuguesa. Por esse viés, a língua portuguesa teria sofrido alterações fonéticas, lexicais e morfossintáticas por pressão das línguas maternas de matriz africana. Tal leitura que toma como modelo a variedade padrão lusitana e que se sustenta nas teorias de pensamento evolucionistas propagadas no século XIX leva a considerar o português brasileiro como desvio da matriz europeia. Essa perspectiva eurocêntrica que foi facilmente assimilada por linguistas brasileiros despreza a diversidade linguística portuguesa, pois desconsidera a sua configuração dialetológica continental e insular.

Objetivando mostrar que o Português Brasileiro tem por matriz os dialetos portugueses continentais e insulares, retomamos a proposta de Boléo (1943) que via nos falares açorianos a fonte para a explicação do português falado no Brasil. Inspiradas em sua hipótese, Ramos e Oliveira (2021) mostraram a necessidade de se observar a heterogeneidade linguística nas duas pontas: Brasil e Portugal. Sustentaram a hipótese de que o português brasileiro é originário do contato linguístico entre falantes de diferentes dialetos do português. Não se trata de um mero transplante de um dialeto, mas da constituição de um novo dialeto português em território americano.

Dando continuidade à hipótese de que os dialetos portugueses embasam o Português Brasileiro, propõe-se aqui que o estudo da formação do Português Brasileiro (PB) exige que se repense o conceito de contato. De acordo com Paulo Freire (2022), o contato tem como correlato a acomodação ou a adaptação a um ambiente, esgotando-se em uma atitude passiva do elemento humano. Contrariamente, a integração prevê a capacidade de o elemento humano se ajustar ao ambiente e de transformá-lo, atuando como sujeito. Essa nova leitura, associada à abordagem de Trudgill (1988), fornece uma base epistemológica sólida para discutir a formação do PB.

Com essa base epistemológica, avançamos a discussão da constituição de um novo dialeto português. Tomamos como amostra linguística os contos caipiras escritos por Othoniel Motta. Os dados linguísticos colhidos nesses contos são emparelhados com aqueles encontrados em textos dialetais produzidos por Nemésio Vitorino. Além da contemporaneidade, os dois autores se dedicam a questões filológicas. Os resultados mostram um eixo proximal entre o português caipira e o português açoriano em diferentes camadas linguísticas.

Palavras-chave: dialeto, integração, contato.

Referências bibliográficas:

- BOLÉO, M.P. (1943). *Brasileirismos: problema de método*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- FREIRE, P. (2022). *Educação como prática da liberdade*. 53ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- RAMOS, J.; OLIVEIRA, M. (2021). Introdução (Orgs.) História do Português Brasileiro. Dialetação e povoamento: da história linguística à história social. São Paulo: Contexto.
- TRUDGILL, P. J. (1998). The chaos before the order: New Zealand English and the second stage of new-dialect formation. In: E. H. Jahr (ed.) Advances in historical, sociolinguistics (p.1-11). Berlin: Mouton de Gruyter

A dimensão histórica dos contatos entre o galego-português e o espanhol: quando nasceu o portunhol?

Francisco Calvo del Olmo (f.olmo@lmu.de), Ludwig-Maximilians-Universität

Para darmos uma resposta cabal à pergunta que colocamos no título como provocação, faz-se necessário examinar os contatos e trocas que historicamente balizaram o devir das comunidades lusófonas e hispano-falantes. Assim, dirigimos primeiramente nosso olhar para a Idade Média, quando o galego-português e o castelhano surgiram como continuadores do latim falado na Hispânia; dois blocos linguísticos bem definidos desde os primeiros testemunhos escritos, próximos, mas com particularidades marcantes nos níveis fonológico, morfossintático e lexical. Em nossa comunicação, abordamos esses contrastes dentro do âmbito disciplinar da linguística românica e os descrevemos como polos que enquadram o continuum dos contatos entre ambas as línguas. Em seguida, repassamos vários cenários de convergência linguística tanto na Península ibérica como nos arquipélagos do Atlântico e na América do Sul. A vastidão dos espaços geográficos e os longos períodos de convivência entre os falantes de galego-português e de castelhano conformam itinerários enormemente imbricados onde se formaram línguas mistas como o barranqueño, o castrapo e o fronteiriço. Todas essas compartilham o fato de serem o resultado de processos de hibridação e de ter sido geralmente condenadas por uma ideologia monolíngue e purista. Em nossa exposição, o mapeamento dessas situações permite-nos ilustrar diferentes faces do portunhol cotejando paralelismos, semelhanças e diferenças. Interessa-nos saber quando e onde surgiram essas variedades, em quais contextos geográficos, temporais e sociais se criam e se recriam, se estabilizam ou mudam bem como quais valores assumem para suas comunidades de falantes, muitas vezes, moradores das fronteiras políticas entre países lusófonos e hispano-falantes. A análise dos dados, mostra o portunhol como o resultado da poligênese, como fenômeno intrinsecamente plural e bastante instável que muda segundo qual seja a variedade materna de cada usuário, seus repertórios linguísticos, a intensidade do contato e o contexto em que a comunicação acontece. Assim, na parte final do estudo tentaremos sistematizar os resultados e estabelecer um quadro de análise coerente aplicável a esse mosaico de situações. Em síntese, estudar quando surge o portunhol traz uma perspectiva inovadora à história da língua portuguesa (e da espanhola) ao colocar no centro da cena o diálogo secular entre os falantes dessas duas línguas ibero-românicas.

Palavras-chave: portunhol, línguas ibero-românicas, hibridação linguística.

Bibliografia:

- Dietrich, W. (2018). La frontière linguistique hispano-portugaise entre le Paraguay et le Brésil. In C. Ossenkop e O. Winkelmann, (eds.), *Manuel des frontières linguistiques dans la Romania* (pp. 556–570). Berlin/Boston: De Gruyter.
- Elizaincín, A. (2018). La frontière linguistique hispano-portugaise entre l'Uruguay et le Brésil. In C. Ossenkop e O. Winkelmann, (eds.), *Manuel des frontières linguistiques dans la Romania* (pp. 538-555). Berlin/Boston: De Gruyter.

- FRONTESPO. Frontera hispano-portuguesa: documentación lingüística y bibliográfica, en línea: <http://www.frontespo.org/es> Acesso em: 21 jan. 2023
- Glessgen, M. D. (2012). *Linguistique romane: domaines et méthodes en linguistique française et romane*. Paris: Armand Colin.
- Lipski, J. M. (2006). Too close for comfort? The genesis of “Portuñol/Portunhol”. T. L. Face e C. A. Klee (eds.). In *Selected Proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium, Somerville MA* (pp. 1-22). Disponível em: www.lingref.com/cpp/hls/8/paper1251.pdf Acesso em: 25 jan 2023.
- Navas Sánchez-Élez, M. V. (2011). *El barranqueño. Un modelo de lenguas en contacto*. Madrid: Editorial Complutense.
- Rojas Sánchez, G. (2004). El español de Galicia. In: R. Cano Aguilar (coord.), *Historia de la lengua española* (pp. 1087-1102). Barcelona: Ariel.
- Rona, J. P. (1965). *El dialecto “fronterizo” del norte del Uruguay*, Montevideu: Adolfo Lunardi.

A História da Língua na formação de professores de Português: do necessário ao possível no currículo e nos percursos didáticos

José António Costa (joseacosta@ese.ipp.pt), Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto/
Centro de Linguística da U. do Porto

Clarinda de Azevedo Maia defende, à semelhança de outros autores (Ferreira, 1988-89; Barros, 1997; Paiva, 2001), a importância da História da Língua (HL) no percurso formativo de professores de Português, evidenciando que “uma plena compreensão de certas características do momento presente da língua portuguesa só tem lugar se se conhecer a sua génese e desenvolvimento histórico” (Maia, 1996-97: 444).

Uma leitura atenta das informações presentes online nas páginas oficiais permite perceber que as Instituições de Ensino Superior acolhem essa preocupação contemplando, nos planos de estudos, conteúdos relativos à HL, de forma mais significativa na preparação de professores do 3.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) e do Ensino Secundário. No âmbito dos 1.º e 2.º CEB, a abordagem de informações históricas não é tão exaustiva e será mais produtiva se articulada com outros tópicos.

Mesmo que as Aprendizagens Essenciais de Português para os seis primeiros anos de escolaridade (ME, 2018) não prevejam o ensino explícito de conteúdos históricos, eles são fundamentais para compreender aspetos do funcionamento da língua, porquanto a HL fornece explicações e condições da mudança linguística. Deste modo, torna-se fundamental que os conhecimentos de natureza histórica estejam presentes não só na formação geral do professor dos 1.º e 2.º CEB, mas também no seu *conhecimento pedagógico do conteúdo* (Shulman, 1987).

Assim, esta apresentação divide-se em duas partes. Na primeira, promove-se uma reflexão mais geral, acima esboçada, sobre a importância da HL na formação do professor de Português, direcionando-a para a formação de docentes dos seis primeiros anos de escolaridade. Na segunda parte, procurar-se-á concretizar os pressupostos dessa reflexão em dois percursos didáticos: um sobre ortografia e outro sobre modalidade linguística. O primeiro apresenta evidências diretas da necessidade de conhecimentos históricos para uma abordagem sustentada da norma ortográfica (designadamente da representação gráfica das consoantes predorsodentais e palatais), pois, “embora a língua portuguesa não seja das línguas em que é maior a distância entre a imagem gráfica e a imagem fónica, a sua ortografia é, no entanto, difícil e complexa” (Maia, 1996-97: 441). A segunda proposta, já parcialmente aplicada em contexto de 1.º CEB (Costa, 2016), mobiliza as informações históricas para uma compreensão mais clara dos valores modais e das formas linguísticas que permitem explicitá-los, considerando a sensibilidade da criança às estruturas modais (Stephany, 1983) e a sua capacidade de distinguir, a partir dos cinco anos, enunciados de possibilidade e de necessidade (Ozturk & Papafragou, 2014).

Palavras-chave: História da Língua Portuguesa; ensino da modalidade linguística; ensino da ortografia

Bibliografia:

- Barros, Clara (1997). «História da Língua/Ensino da Língua» in *Línguas e Literaturas*, Revista da Faculdade de Letras. Porto: FLUP.
- Costa, J. A. (2016). As pontes entre Didática e Linguística: o possível e o necessário. Contributos da Linguística síncrona e diacrónica para o ensino implícito da modalidade e dos verbos modais no 1.º CEB [Tese de Doutoramento]. Porto: FLUP.
- Ferreira, José de Azevedo (1988-89). «O papel da História da Língua na Aula de Português» in *Diacrítica*. Braga: Centro de Estudos Portugueses da Universidade do Minho.
- Maia, Clarinda de Azevedo (1996-97). «Algumas reflexões sobre a disciplina “História da Língua Portuguesa”» in *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra: Faculdade de Letras.
- ME (2018). *Aprendizagens Essenciais de Português - Ensino Básico*.
- Ozturk, O. & Papafragou, A. (2014). The acquisition of epistemic modality: from semantic meaning to pragmatic interpretation. *Language Learning and Development*, 00, 1-24. DOI:10.1080/15475441.2014.905169.
- Paiva, Maria Helena (2001). «Para conceber a língua na sua plasticidade: o contributo da História da Língua Portuguesa» in Fonseca, Fernanda Irene, Duarte, Isabel Margarida e Figueiredo, Olívia (org.), *A Linguística na formação do professor de português*. Porto: CLUP.
- Stephany, U. (1983). *The development of modality in language acquisition*. Arbeitspapier, n.º 43. Institut für Sprachwissenschaft, Universität Köln.
- Shulman, L. (1987). Knowledge and teaching: Foundations of the new reform. *Harvard Educational Review*, 57(1), 1-22.

A História do Futuro, de Pe. António Vieira: léxicon e *corpus* anotado

Ana Paula Banza (anapaulabanza@gmail.com), U. de Évora
Helena Freire Cameron (helenac@ipportalegre.pt), Instituto Politécnico de Portalegre
Laura Melgão (laura.melgao@uevora.pt), Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades - U. de Évora

A presente comunicação tem como objetivo apresentar os resultados de um projeto em curso que visa a transcrição, anotação e criação de um léxicon da *História do Futuro*, de António Vieira.

Este texto é constituído pelos papéis escritos, de forma fragmentária e muito incompleta, por Vieira, entre 1649 e 1665, para esta obra, os quais foram apreendidos pela Inquisição na altura da prisão do autor, em 1665, tendo ficado apensos (apenso 5º) ao Processo (Torre do Tombo: Inquisição de Lisboa, Processo 01664).

Lúcio de Azevedo publicou pela primeira vez, em 1918, o conjunto mais organizado destes fragmentos (cf. Azevedo, 1918), tendo esta publicação, pouco acessível, sido reproduzida, em 1953, por Sérgio e Cidade, numa edição que se tornou a sua vulgata (cf. Sérgio e Cidade, 1953).

Sendo Vieira um escritor unanimemente reconhecido como um dos mais virtuosos cultores da língua portuguesa, a dimensão linguística do seu trabalho é, naturalmente, a par das dimensões literária e histórico-cultural, da maior relevância, com destaque para os domínios lexical e morfossintático, áreas em que a prosa de Vieira tem sido reconhecida como inovadora em relação a outros grandes autores contemporâneos, como é o caso de D. Francisco Manuel de Melo (Martins, 1994).

Com base na revisão das duas edições supra referidas (e não ainda na almejada edição crítica da obra, prevista para uma segunda fase do projeto), constituiu-se um *corpus* não lematizado, com 38999 ocorrências e 6411 palavras diferentes. Este *corpus* foi anotado morfologicamente, com recurso à ferramenta LX-Tagger, disponível no PORTULAN-CLARIN. Elaboraram-se ainda listas lexicais, alfabéticas, por frequência descendente, ou ordenadas pelo final de palavra, permitindo ver a disponibilidade do sistema sufixal. O *corpus* contém ainda um valioso intertexto latino, que foi processado manualmente de modo a constituir um subcorpus autónomo.

A anotação lexical deverá conduzir à elaboração de um léxicon da *História do Futuro*, enquanto a anotação morfossintática permitirá rastrear alguns dos aspetos mais inovadores da prosa de Vieira, nomeadamente o posicionamento dos pronomes clíticos (Martins, 1994).

Palavras-chave: Padre António Vieira, *História do Futuro*, humanidades digitais, anotação lexical, anotação morfossintática.

Referências bibliográficas:

- Azevedo, J. L. de (1918). *História do Futuro — Inédito de António Vieira com uma notícia explicativa* — Separata do Boletim de Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa, vol. XII. Coimbra: ARC.
- Martins, A. M. (1994). *Clíticos na História do Português*. Dissertação de Doutoramento inédita. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. http://www.clul.ul.pt/bigfiles/Martins_Tese_1994c.pdf.
- Sérgio, A. & Cidade, H. (1953). *Obras escolhidas do Padre António Vieira*, vol. IX. Lisboa: Sá da Costa, pp. 1-160.

A impessoalidade verbal na gramaticografia sobre a língua portuguesa durante o século XIX

Rogelio Ponce de León (rromeo@letras.up.pt), U. do Porto

Na sequência de trabalhos nossos, publicados nos últimos anos (Autor 1; Autor 2; Autor 3; Autor 4), a presente comunicação propõe-se a analisar a descrição sobre os verbos habitualmente designados como impessoais, apresentada na gramaticografia da língua portuguesa publicada no século XIX. Para concretizar este objetivo, tendo como base de estudo um *corpus* de gramáticas impressas em Portugal e no Brasil, será necessário estudar o tratamento sobre a impessoalidade verbal que se regista em cada uma das obras, de acordo com diversos parâmetros; sobressaem pela sua importância os seguintes: i) a caracterização ou definição do verbo impessoal, que habitualmente se apresenta, nas gramáticas, no capítulo morfológico – a propósito da descrição da categoria do verbo –, bem como no capítulo sintático; ii) as realizações linguísticas que, como exemplos, os autores propõem para esta noção; iii) as formas que são selecionadas para ilustrar esta subcategoria verbal nos paradigmas de conjugação.

Depois da análise da impessoalidade verbal em cada uma das gramáticas que constituem o *corpus*, tratar-se-á de determinar as tendências, quer na linha gramaticográfica portuguesa, quer na brasileira, na abordagem teórica subjacente à descrição dos verbos impessoais; nomeadamente, a pegada da gramática filosófica ou da gramática normativa. Para este estudo, serão de especial utilidade obras de referência que analisam, de forma monográfica ou não, as ideias linguísticas da gramaticografia do século XIX, como os estudos de Barbara Schäfer-Priess (2019) e de Maria Helena Pessoa Santos (2010).

Palavras-chave: Impessoalidade verbal, sintaxe, gramaticografia, século XIX.

Bibliografia:

- Santos, Maria Helena Pessoa (2010). *As ideias linguísticas portuguesas na centúria de oitocentos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Schäfer-Priess, Barbara (2019). *A gramaticografia portuguesa até 1822: condições da sua génese e critérios de categorização, no âmbito da tradição latina, espanhola e francesa*. Vila Real: Centro de Estudos em Letras / Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

A interface lexical de dois códigos linguísticos em contato: sob perspectiva da dialetometria

Yuko Takano (yukotk@gmail.com), U. de Brasília

O objetivo deste estudo é analisar a situação linguística da comunidade nipo-brasiliense. Com base nas investigações realizadas à luz de Contato de Línguas/Bilinguismo, Dialetologia e Geolinguística, objetiva-se, neste trabalho, a discutir as interfaces metodológicas de pesquisa que se intercalam e se completam. O novo “olhar” das pesquisas contemporâneas traz orientação metodológica para que possamos avaliar e reavaliar as pesquisas e, ainda, comprovar através de métodos diferenciados a triangulação de dados. O presente trabalho apresenta a situação linguística do ‘falar’ à luz da abordagem da Dialetometria. Os resultados qualitativos e interpretativos mostram a importância dos estudos acima referidos para coleta de dados e, através das ocorrências, possamos aspirar novos olhares para estudos de outras naturezas metodológicas. Inferimos que os resultados quantitativos e interpretativos corroboram e comprovam que os saberes se conjugam e se completam. Utilizamos os dados do questionário semântico-lexical visual que foi aplicado às informantes nipo-brasileiras residentes no Distrito Federal: Brasília, (BSB), Brazlândia (BRAZ), Núcleo Bandeirante (NB), Taguatinga (TAG) e Vargem Bonita (VGB), e destas, BRAZ e VGB são regiões consideradas rurais. Essa situação linguística desenvolveu-se no seio da (i)migração japonesa em que se evidencia o encontro de duas línguas (a língua portuguesa e a língua japonesa) no uso cotidiano das nipo-brasilienses. À medida que se distancia dos costumes e dos hábitos de origem, em parte, ocorre a desvinculação da língua japonesa. Perde-se, nesse contato o traço étnico-linguístico e em contrapartida, se absorvem elementos da outra língua. As línguas se entrelaçam e cria-se um repertório linguístico próprio e peculiar, o ‘falar nipo-brasileiro’ que é sustentado pela própria situação de Contato de Línguas. As 5 informantes são bilíngues (japonês e português) da faixa etária entre 51 anos até 65 anos e pertencem à segunda geração (filhas de imigrantes japoneses). Seguimos os princípios teórico-metodológicos da Escola de Dialetometria de Salzburgo e, em termos de critério, devido à peculiaridade, adotamos alguns procedimentos próprios para atender à necessidade da pesquisa: optamos pela primeira resposta; consideramos o aspecto lexical; e contemplamos o empréstimo lexical, no total de 97 respostas. Sendo assim, a pesquisa ancora-se nos pressupostos acima citados, ressaltando os estudos, entre outros de Alvar (1979); Chambers e Trudgill (1984); Giles (1977); Gal (1979); Mase, (1986); Grosjean (1982); Goebel (2010); Brissos, Guiller e Saramago (2016).

Palavras-chave: Dialetologia, Dialetometria, Sociolinguística, Contato de línguas, Semântico-lexical.

Bibliografia:

- Alvar, M. (1969). *Estructuralismo, Geografía Lingüística Y Dialectología Actual*. Gredos.
- Brissos, F., Gillier, R., & Saramago, J. (2016). O problema da subdivisão dialetal madeirense: estudo do dialetométrico da variação lexical. In XXXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (pp. 31-47). Associação Portuguesa de Linguística.
- Chambers, J. K., & Trudgill, P. (1984). *Dialectology*. Cambridge University Press.
- Gal, S. (1979). *Language shiŌ*. Academic Press.
- Giles, H. (1977). *Language Ethnicity and intergroup relations*. Academic Press.
- Goebel, H. (2006). Recent advances in Salzburg dialectometry. *Literary and Linguistic Computing*, 21(4), 411-435. doi: 10.1093/lilc/fql042.
- Goebel, H. (2010). Introducción a los problemas y métodos según los principios de la Escuela Dialectométrica de Salzburgo (con ejemplos sacados del “Atlante Italo-Svizzero”, AIS). In

- G. Aurrekoetxea & J. Ormaetxea (Eds.), *Tools for linguistic variation* (pp. 3-39). Universidad del País Vasco.
- Grosjean, F. (1982). *Life with Two Languages – An Introduction to Bilingualism*. Harvard University.
- Gumperz, J. J., & Blom, J. P. (1972). *Social meaning in linguistic structures: Code-switching in Norway*. Basil Blackwell.
- Mase, Y. (1986). *Burajiru Dayori: Burajiru nikkeijin no nihongo* (Noôcias do Brasil: japonês dos nipobrasileiros) Guengo Seikatsu

A variação entre ‘que’ e ‘o que’ na história do português: um estudo baseado em corpora

Charlotte Galves (charlotte.mgc@gmail.com), U. Estadual de Campinas
Vitor Morelli Silva (vitormorellis06@gmail.com), U. Estadual de Campinas

Na história do português, observa-se em várias orações de tipo QU (interrogativas, comparativas, clivadas) uma variação entre as formas ‘que’ e ‘o que’.

- (1) *Que / O que* viste?
- (2) Esta fruta é maior *que / do que* aquela.
- (3) Foi isso *que / o que* você encontrou.

Nesta comunicação, apresentamos a evolução dessa variação entre os séculos 16 e 20 com base em textos portugueses pertencentes a dois *corpora* sintaticamente anotados: o Corpus Tycho Brahe e o Corpus Post-Scriptum. Verifica-se que ‘o que’ não aparece nas orações interrogativas diretas nos textos dos séculos 16 e de maneira extremamente restritiva no 17, sendo também marginal nas comparativas. Inversamente, ‘o que’ é dominante no mesmo período nas interrogativas indiretas, bem como nas construções clivadas, onde ‘que’ está ausente no século 16 e marginal no século 17.

Nossa hipótese é que a forma ‘o que’ consistia no português clássico (séculos 16 e 17) em dois elementos independentes, o que pode ser corroborado por vários fatos que distinguem o português clássico do português moderno: (i) ‘o que’ pode ser interpretado como [+humano] (cf. 4); (ii) ‘o que’ pode concordar em traços de número e gênero também nas clivadas (cf. 5); (iii) num contexto preposicional, a preposição aparece entre o determinante e o pronome (cf. 6); (iv) ‘o que’ só aparece nas orações comparativas frásicas (cf. 7).

(4) mandou-o prender dentro na fortaleza, e a Luiz Mendes de Vasconcelos, que era *o que* determinava de ir a Goa; (Couto, século 16)

(5) e estas são [*as que* os lem]; (Maria do Céu, século 17)

(6) Agora, começando a entrar na leitura das regras, saibamos que cousa é carta missiva ou mandadeira, e *o* para *que* foi inventada; (Lobo, século 16)

(7) E cuido que fazem hoje os prelados menos casos dela *do que* era rezão e obrigação; (Sousa, século 16)

Argumentaremos que a sequência ‘o que’ só se gramaticaliza como pronome no século 18, consistindo essa gramaticalização na seguinte reanálise, possivelmente decorrente da mudança prosódica que afetou o português na passagem do século 17 ao 18 (cf. Galves e Paixão de Sousa 2017):

- (8) [DP *o* [CP *que* [TP >> [CP [DP *o que*] [TP

Mostraremos finalmente que a competição entre ‘que’ e ‘o que’ gramaticalizado se dá do século 18 ao século 20, numa dinâmica variável conforme as construções e as vertentes da língua.

Palavras-chave: *o que*, construções-QU, mudança sintática, gramaticalização.

Bibliografia:

Corpus Tycho Brahe <https://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>

Corpus Post Scriptum <http://teitok.clul.ul.pt/postscriptum/index.php?action=home>.

Galves, C. & Paixão de Sousa, M. C. (2017). The change in the position of the verb in the history of Portuguese: Subject Position, clitic placement and prosody. *Language* 93, 152–180.

Antroponímia portuguesa dos séculos XV-XIX em Códices de Testamentos, Baptismos e Propriedades

Anabela Barros (aldb@elach.uminho.pt), U. do Minho

Pretende-se neste trabalho extrair e aprofundar informação antroponímica especialmente rica em livros manuscritos de Testamentos, Baptismos e Propriedades, representando desde inícios do século XVII até finais do século XIX, e permitindo seguir ano a ano, em muitos casos, a evolução dos antropónimos. Trata-se de códices em edição, e de outros já editados e em vias de publicação, relativos ao Norte de Portugal — nomeadamente das Comarcas de Braga, Valença, Vila Real e Chaves, com alguma extensão até à Galiza, ao Porto e a Santarém ("O Livro das Propriedades da Mesa Arcebispoal de Braga", do início do século XVII, mas registando nomes desde o século XV, em cada um dos prazos das numerosas propriedades nele inventariadas e descritas); dois livros paroquiais de Testamentos de Barcelos e de Braga, ao longo de vários anos do século XVIII; vários livros de Testamentos tabeliônicos da Terra de Miranda (de diversas aldeias de fala Mirandesa, ao longo do século XVIII) e Livros Paroquiais de Baptismos da freguesia de Favaio do Douro, envolvendo também numerosos indivíduos de povoações circundantes e mais ou menos longínquas (século XIX). É neles possível surpreender a movimentação social entre regiões, quer portuguesas quer espanholas, incluindo, muito privilegiadamente, a Galiza e outras províncias e reinos vizinhos. A extracção de longas listas de nomes completos, e especificamente dos nomes próprios e apelidos, permite o conhecimento detalhado da evolução antroponímica em Portugal, os nomes preferidos ou da moda em cada território; nomes relativos a âmbitos culturais, religiosas, literárias; nomes de origens linguísticas específicas, etc. Mais pormenorizadamente, referir-nos-emos aos patronímicos, nestes séculos ainda com habitual variação de género, às alcunhas ou apodos e seu papel distintivo diante de nomes populares com apenas um ou dois elementos, papel igualmente desempenhado por nomes de proveniência (topónimos e microtopónimos), por profissões ou estados civis. Centrar-nos-emos ainda nas questões fonéticas especialmente colocadas por certos apelidos, à data com formas populares depois abandonadas em benefício das formas divergentes eruditas. Comparar-se-ão estas listas antroponímicas com as que já se conhecem de âmbito geral, como as do Vocabulário de Bluteau (1712-28), do Dicionário anónimo da Torre do Tombo, abarcando desde os primeiros tempos da língua até meados do século XVIII (editado por Barros, 2018), e as específicas de Picote no século XVIII (Alves e Barros, 2019), e ainda com as referidas por José Leite de Vasconcelos (1928), Ivo Castro (1990-2018) ou Ana Boullón Agrelo (1999).

Palavras-chave: História da Língua Portuguesa, Antroponímia Portuguesa, Patronímicos

Bibliografia:

- ALVES, A. B., e BARROS, A. L. (2019), *O Livro dos Testamentos (Picote, 1780-1803). Traços do português e do mirandês setecentistas na língua jurídica*, Picote: Frauga.
- BARROS, A. L. (2018), *Das Palavras de que os Dicionários não Rezam. Um Dicionário Inédito da Língua Portuguesa. Edição do manuscrito 2126 da Livraria, Arquivos Nacionais-Torre do Tombo*, com Introdução, Anotações e Índices, Braga/Famalicão: CEHUM/Húmus.
- BLUTEAU, R. (1712-1721), *Vocabulario Portuguez, e Latino...: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes e latinos...*, vols. I, II (1712), III e IV (1713), Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu; vols. V (1716), VI, VII (1720) e VIII (1721), Lisboa, Pascoal da Sylva.
- BLUTEAU, R. (1727-1728), *Supplemento ao Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Parte I (1727), Lisboa Occidental, Officina de Joseph Antonio da Sylva; e Parte II (1728), Patriarcal Officina da Musica.
- BOULLÓN Agrelo, A. I. (1999), *Antroponímia Medieval Galega (ss. VIII-XII)*, Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- CASTRO, I. (1990), "A investigação antroponímica em Portugal", *Actes du 1er. Colloque du Dictionnaire Historique des Noms de Famille Romans* (Trèves, 1987), Tübingen: Max Niemeyer, pp. 10-13.
- CASTRO, I. (2004), "A atribuição do nome próprio no espaço luso-brasileiro", *Novi te ex nomine. Estudos filológicos oferecidos ao Prof. Dieter Kremer*, ed. A. Boullón, Coruña: Fund. Barrié, pp. 245-256.
- CASTRO, I. (2018), "Longos apelidos antigos", *Discurso(s) de Cumplicidade(s). Homenagem a Fernanda Menéndez*, Lisboa: Húmus, pp. 23-32.
- MACHADO, J. P. (1993), *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, 2ª edição, Lisboa: Livros Horizonte/Ed. Confluência.
- VASCONCELOS, J. L. (1928), *Antroponímia portuguesa: tratado comparativo da origem, significação, classificação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes, e apelidos, usados por nós desde a Idade Média até hoje*, Lisboa: Imprensa Nacional

As formas derivadas de ESSE, SEDERE (> ser) e STARE (> estar) em português medieval

Maria Ribeiro (mribeiro@fcsh.unl.pt), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U. Nova de Lisboa

Em português contemporâneo, à semelhança do que sucede em outros sistemas ibero-românicos, são associados aos verbos ser e estar valores diferenciados que se caracterizam por marcar o contraste entre uma relação perspectivada como 'inerente' ou 'permanente' vs. 'temporária' ou 'transitória'. Porém, esta distribuição de valores nem se verificou na história da língua portuguesa, observando-se, em português medieval, uma sobreposição parcial dos valores semânticos associados a estes verbos, uma vez que o verbo ser era utilizado em diversos contextos em que atualmente apenas se admitiria o verbo estar.

O atual paradigma de *ser* possui uma história complexa de convergência de formas originalmente pertencentes a paradigmas distintos – esse (*‘ser’*) e *sedere* (*‘estar sentado’*) –, processo que se supõe ter sido desencadeado pela defetividade do paradigma de *esse* e por uma sobreposição dos valores/funções destes verbos, esta última resultante da dessemantização e extensão dos usos do verbo postural *sedere* (cf. Nunes, 1975: 294). Porém, o paradigma de *sedere* possuiria uma conjugação completa aquando da fusão destes dois paradigmas, o que terá resultado numa “duplicação” de formas de *ser* para alguns tempos verbais (por exemplo, *sõ/sejo, foi/seve...*). Estas formas derivadas de *sedere* “duplicadas” viriam posteriormente a cair em desuso, persistindo apenas as derivadas de *esse* (cf. Teyssier, 2005).

Com base nestes dados, pretende-se neste póster apresentar uma perspetiva do funcionamento dos verbos *ser* e *estar* em português medieval, fazendo a distinção entre as formas de *ser* derivadas de *esse* e as derivadas de *sedere*, com vista a descrever a distribuição dos usos destes verbos e a explorar alguns dos processos de mudança linguística que poderão ter intervindo na consolidação da distinção *ser/estar*, com base no quadro de estudos da gramaticalização. Como sugerido por Brocardo (2014), este quadro de estudos pode propiciar a análise do percurso evolutivo dos usos e valores destes verbos como resultado de um processo de competição entre formas e construções para a marcação dos mesmos valores, dado que, na língua portuguesa, a dessemantização dos verbos posturais *sedere*, *estar* < *stare* (*‘estar em pé’*) e, também, *jazer* < *iacere* (*‘estar deitado’*) terá gerado uma sobreposição dos valores semânticos associados a estes verbos, o que eventualmente poderá ter determinado não só que as formas menos frequentes se tenham tornado redundantes e caído em desuso – por exemplo, as formas de *sedere* que competiam com as *esse* (como *sejo* e *seve*) –, mas também uma diferenciação dos valores associados aos paradigmas de *ser* e *estar*.

Palavras-chave: *ser, estar, gramaticalização, português medieval, competição.*

Bibliografia:

- Brocardo, M. Teresa (2014) Construções com *ser, estar, jazer* na história do português: notas em torno de inovação, persistência e obsolescência. In García, L. Eirín / López Viñas, Xoán (eds.) *Lingua, texto, diacronía. Estudos de Lingüística histórica*. (Monografia 9. Revista Galega de Filoloxia). A Coruña: Universidade de A Coruña – Área de Filoloxías Galega e Portuguesa, v. 9, pp. 97-107.
- Nunes, José Joaquim (1975) *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*. Lisboa: Clássica Editora.
- Teyssier, Paul ([1989]2005) *A língua de Gil Vicente*. Lisboa: IN-CM.

Avaliação linguística do uso dos verbos existenciais *ter*, *haver* e *existir* por falantes cultos funchalenses a partir de árvore de distâncias mínimas

Aline Maria Pinguinha França Bazenga (aline.bazenga@staff.uma.pt), U. da Madeira
Aluiza Alves de Araújo (aluizazinha@hotmail.com), U. Estadual do Ceará
Rakel Beserra de Macêdo Viana (rakelbeserra@gmail.com), Secretaria de Educação do Estado do Ceará

Este recorte faz parte de uma pesquisa maior (AUTOR) que estudou a variação dos verbos existenciais *ter*, *haver* e *existir* no falar culto de Funchal, Ilha da Madeira à luz da sociolinguística variacionista. Como aporte teórico-metodológico, utilizamos os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), as orientações de Campbell-Kibler (2009, 2010), Oushiro (2021) e Sene (2019), sobre as percepções e atitudes na sociolinguística, além de Oushiro (2019), Silverstein (2003) e Eckert (2008), para o uso de árvores de distâncias mínimas. Os dados de percepções e atitudes são oriundos de um teste aplicado a funchalenses no período de novembro de 2021 a maio de 2022, criado na plataforma *Qualtrics*®, e os resultados da sua aplicação coletados *on-line*. A árvore de distâncias mínimas foi elaborada a partir de correlações estatísticas geradas com base no arquivo de dados oriundo do teste aplicado e criado a partir das seguintes características selecionadas pelos participantes no teste: *alta, branca, tímida, descolada, maconheira, religiosa, ligada à família, articulada, irritante, metida, confiável, simples, trabalhadora, confiante, solidária, prática, preguiçosa, mal-educada, engraçada, desencanada, sincera, heterossexual, homossexual, mimada, conservadora, vilão/rústica, deprimida, nerd, sofisticada, independente, betinha/betinho*. Os dados foram rodados no programa *RStudio* (RStudio Team, 2020) e, com recurso aos pacotes *amap* e o pacote *vegan*, para calcular e plotar a árvore de distâncias mínimas, como no script de Oushiro (2019). Como resultados, o teste apresentou que o verbo *ter* está muito próximo dos adjetivos *vilão/rústica, metida, mal-educada, feminino e trabalhadora*, apresentando, ao nosso ver, o uso deste verbo como relacionado com o uso descuidado da linguagem, ou mesmo, falta de domínio da língua; o verbo *existir* está em um emaranhado de adjetivos, na mesma linha que o verbo *ter*, mais à frente; contudo, *existir* está mais próximo da característica *doutoramento* e dos adjetivos *confiante, conservadora, sofisticada, trabalhadora, feminino, religiosa*; já o verbo *haver* se encontra bastante distante de *ter* e *existir*, estando próximo das características *faixa 2 e faixa 3, área de estudo não informada, técnico superior* e dos adjetivos *articulada e branca*. Desse modo, podemos concluir que o teste mostrou que, de um modo geral, os participantes funchalenses relacionam o verbo *ter* com a informalidade junto a *existir* em relação a *haver*; assim, *haver* é considerado formal e *ter* é considerado informal.

Palavras-chave: Árvore de distâncias mínimas, Percepções e atitudes linguísticas, Sociolinguística Variacionista, Fala culta, Português europeu

Bibliografia:

- Campbell-Kibler, K. (2009). The nature of sociolinguistic perception. *Language Variation and Change*, 21(1), 135–156. <https://doi.org/10.1017/S0954394509000052>
- Campbell-Kibler, K. (2010). Sociolinguistics and Perception. *Linguistics and Language Compass*, 4(6), 377–389. <https://doi.org/10.1111/j.1749-818X.2010.00201.x>
- Eckert, P. (2008). Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, 12(4), 453–476. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9841.2008.00374.x>
- Labov, W. (2008). *Padrões Sociolinguísticos* (M. Bagno, M. M. P. Scherre, & C. R. Cardoso (trans.)). Parábola.
- Oushiro, L. (2019). A computational approach for modeling the indexical field. *Revista de Estudos da Linguagem*, 27(4), 1737–1786. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.0.0.1737-1786>

- Oushiro, L. (2021). Avaliações e percepções sociolinguísticas. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, 50(1), 318–336. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.21165/el.v50i1.3100>
- RStudio Team. (2020). *RStudio: Integrated Development for R* (1.4). RStudio, PBC. <http://www.rstudio.com/>.
- Sene, M. G. de. (2019). Percepções sociolinguísticas, avaliações subjetivas e atitudes linguísticas: três domínios complementares língua. *Língua e Linguística*, 21(1), 304–323. <https://doi.org/10.5935/1980-6914/letras.v21n1p304-323>
- Silverstein, M. (2003). Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language and Communication*, 23, 193–229. [https://doi.org/10.1016/S0271-5309\(03\)00013-2](https://doi.org/10.1016/S0271-5309(03)00013-2)
- Weinreich, U., Labov, W., & Herzog, M. I. (2006). *Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística* (M. Bagno (trans.)). Parábola Editorial.

Comunidades de prática de Xálíma e Cabo Verde: estudo comparativo

Bartosz Dondelewski (bartosz.dondelewski@uj.edu.pl), Jagiellonian University of Krakow
 Natalia Czopek (natalia.1.czopek@uj.edu.pl), Jagiellonian University of Krakow

O objetivo desta proposta é um estudo comparativo da situação sociolinguística atual de duas comunidades linguísticas, Xálíma e Cabo Verde, através do prisma da teoria da comunidade de prática (Rampton, 2009; Meyerhoff e Strycharz, 2013, Dondelewski e Czopek, 2022). A comunidade de prática é definida como um agregado de pessoas que se reúnem em torno de um compromisso mútuo num esforço de preservação e promoção da sua língua vernácula.

A Fala de Xálíma é uma língua que pertence à família galego-portuguesa, falada por cerca de 5000 pessoas (bilingues) na fronteira hispano-portuguesa, na província de Cáceres em Espanha (Costas González, 2013). É uma língua minorizada: não reconhecida pelo Estado, sem prestígio sociolinguístico explícito (ex. sem ortografia padrão), apresentando sintomas de desaparecimento de algumas características vernáculas e um número decrescente de jovens falantes (Ramallo, 2011). A situação sociolinguística da língua cabo verdiana, apesar do seu número muito superior de falantes nativos, que assegura o seu futuro, apresenta algumas semelhanças relativamente à sua minorização por parte do Estado (ex. falta de reconhecimento oficial ou de uma ortografia padrão, Lopes, 2016).

Contudo, em ambos os casos podemos observar o empenho dos falantes em alterar a situação sociolinguística mencionada, o que nos permite analisar as duas realidades (de outra forma díspares) aplicando a mesma metodologia. Os membros das duas comunidades têm o prestígio social e a capacidade de determinar o futuro do sistema linguístico que utilizam.

Compararemos algumas observações sobre os esforços para a normalização ortográfica dos dois sistemas e os seus possíveis efeitos (introdução no sistema educativo, normalização, etc.). O material empírico será uma série de observações antropológicas e excertos de entrevistas semi-dirigidas com os membros das duas comunidades, feitas no local pelos autores.

Encontraremos alguns itens indexicais ideologicamente saturados através dos quais os falantes constroem discursivamente a comunidade de prática e a sua pertença a esta última. O nosso objetivo é demonstrar que o princípio metodológico da comunidade de prática é transversal, aplicável e adequado para lançar nova luz sobre diversos contextos sociolinguísticos minorizados, revelando assim semelhanças pouco visíveis de outra forma.

Palavras-chave: Xálíma, Cabo Verde, comunidade de prática

Referências bibliográficas:

- Costas González, X. H. (2013). O valego. As falas de orixe galega do Val do Ellas (Cáceres - Extremadura). Vigo: Xerais.
- Dondelewski, B.; Czopek, N. (2022). El concepto de la comunidad de práctica en el contexto de un grupo determinado de hablantes de a Fala de Xálima. *Romanica Cracoviensia*. 22 (3), 203-212.
- Lopes, A. Melo (2016). As línguas de Cabo Verde. Uma radiografia sociolinguística. Praia: Edições UniCV.
- Meyerhoff, M.; Strycharz, A. (2013). Community of Practice. In: J. Chambers, N. Schilling (Eds.), *The Handbook of Language Variation and Change* (p. 428–448). Malden, MA: Blackwell Publishing.
- Ramallo, F. (2011). O enclave lingüístico de Xálima: Unha análise sociolingüística. *Estudos de Linguística Galega*, 3, 111–135. <https://doi.org/10.3309/1989-578X-11>
- Rampton, B. (2009). Speech community and beyond. In: N. Coupland, A. Jaworski (Eds.), *The New Sociolinguistic Reader* (p. 694–713). London: Palgrave Macmillan.

Concordância Verbal 3SG Não-Padrão em Orações Relativas de Sujeito

Márcia Bolrinha (marciacoelhob@gmail.com), Centro de Linguística da U. de Lisboa

A concordância é um fenómeno gramatical através do qual dois ou mais constituintes de uma expressão linguística têm o mesmo valor relativamente às categorias gramaticais da pessoa, do número e do género e pode ser vista como um meio para reforçar nexos gramaticais e/ou semânticos (Raposo 2013:2415).

Algumas construções em português europeu (PE) permitem opções distintas de concordância verbal, como é o caso das orações impessoais (cf. (1)), e, ainda, outras parecem envolver um tipo de concordância não-padrão, como por exemplo, quando o sujeito é um título, denotando uma entidade única (cf. (2)) ou quando são topónimos gramaticalmente plurais (cf. (3)).

(1) Dói-me/Doem-me os rins.

(exemplo de Raposo 2013:2472)

(2) [Mãos de Fada] saiu pela primeira vez em 1945.

(3) [Azenhas do Mar] pertence ao concelho de Sintra.

(exemplos de Raposo 2013:2452-2457)

Este tipo de variação verbal é pode ser explicada através da fonologia, pois é mais frequente em verbos em que a diferença entre o singular e o plural não é tão saliente, da morfologia, pois pode haver um género de "substituição morfológica" do verbo pela forma na terceira pessoa do singular (3SG), e ainda, através da sintaxe, devido à posição pós-verbal do sujeito ou a questões de adjacência (Naro & Scherre, 2007).

A presença de verbos inacusativos, ou estruturas sintaticamente semelhantes, tal como estruturas copulativas, estruturas passivas e construções com verbos modais e aspetuais, é considerado por diversos autores um fator determinante para a concordância 3SG em PE (Cardoso, Carilho & Pereira, 2011).

Nas orações relativas, particularmente, a concordância com 3SG não-padrão manifesta-se predominantemente nas relativas de sujeito (cf. (4)) e o fenómeno parece estar relacionado com as construções inacusativas, estando em causa uma posição de sujeito não temático e a extração do sujeito diretamente de uma posição interna predicativa (Rizzi, 1982; Cardoso, Carilho & Pereira, 2011).

(4) Havia bocados que ainda estava em lume, em brasa. (Lavre, CORDIAL-SIN LVR07)

Este trabalho tem como objetivo apresentar quais os fatores sintáticos que favorecem a concordância verbal 3SG não-padrão em orações relativas de sujeito. A base empírica para esta investigação é o CORDIAL-SIN, um *corpus* geograficamente representativo de dados dialetais do PE composto por excertos de discurso espontâneo. Com base neste *corpus*, será dada especial atenção à distribuição geográfica dos fenómenos, bem como à possibilidade de esta construção envolver um elemento expletivo nulo. O estudo é descritivo, seguindo os pressupostos da gramática generativa (Chomsky, 1981, 1995).

Palavras-chave: concordância, variação sintática, orações relativas, expletivo nulo.

Bibliografia:

- Cardoso, A., Carrilho, E. & Pereira, S. (2011). On verbal agreement variation in European Portuguese: syntactic conditions for the 3SG/3PL alternation. *Diacritica*, 25(1), 135-157.
- Chomsky, N. (1981). *Lectures on government and binding, The Pisa Lectures*, Dordrecht: Foris.
- Chomsky, N. (1995). *The Minimalist Program*, Cambridge/Mass.: The MIT Press.
- Naro, A. & Scherre, M. (2007). *Origens do Português Brasileiro*, São Paulo: Parábola.
- Raposo, E. P. (2013). Concordância Verbal. In E. P. Raposo et al. (Orgs), *Gramática do Português* (pp. 2425-2495). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rizzi, L. (1982). *Issues in Italian Syntax*, Dordrecht: Foris.

Criterios sociolingüísticos para la selección de documentación histórica en el Nuevo Reino de Granada: el caso de las voces subalternas

Ana Constanza Rodríguez-Álvarez (acrodriqueza@unal.edu.co), Instituto Caro y Cuervo
Edwin Daniel Algarra Suárez (edalgarra@unal.edu.co), Instituto Caro y Cuervo

Tradicionalmente la sociolingüística se ha concentrado en la relación entre los usos lingüísticos de los hablantes de una lengua y las estructuras sociales en las que ellos se desenvuelven, incluidos sus roles en ellas. Allí, los registros orales han jugado un papel fundamental dando volumen a las voces que se producen "desde abajo" y que representan las subalternidades en sociedades contemporáneas. No obstante, en la disciplina lingüística en clave histórica los insumos se reducen a los textos escritos, desvinculados de muchos de los condicionamientos discursivos que permitieron su producción, por lo que siempre será una tarea difícil, pero imperiosa, su reconstrucción mediante vínculos desde distintos paradigmas investigativos.

En la textualidad de los documentos históricos americanos, sin embargo, no es fácil recuperar información sociolingüística, pero sí es posible reconstruir los perfiles tanto de los scriptores como de quienes acudían a ellos para acceder a las distintas esferas de la oficialidad. Hay, eso sí, elementos rescatables en la documentación histórica que dan como resultado el reconocimiento de una impronta de las peculiaridades de la oralidad. En este trabajo se expone la constitución de los Documentos para la historia lingüística de Colombia (DHLC), *corpus* que ha concentrado sus esfuerzos en visibilizar estas voces subalternas, bajo la premisa de que son un eslabón importante en la formación de las variedades dialectales que componen la diversidad lingüística del país en la actualidad.

Palavras-chave: Sociolingüística, Historia del español de Colombia, *Corpus* histórico, Voces subalternas, DHLC

Bibliografía:

- Archila, M. (2005). Voces subalternas e historia oral. *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*, 32, 293-308.
- Blas Arroyo, J. L. (Dir.). (2019). *Sociolingüística histórica del español. Tras las huellas de la variación y el cambio lingüístico a través de textos de inmediatez comunicativa*. Iberoamericana.
- Conde, J. C. (2007). *Sociolingüística histórica*. Gredos.
- Kabatek, J. (2013). ¿Es posible una lingüística histórica basada en un corpus representativo? *Iberoromania: Revista dedicada a las lenguas y literaturas iberorrománicas de Europa y América*, 77, 8-28.
- Medina Morales, F. (2005). Problemas metodológicos de la sociolingüística histórica. *Forma y Función*, 18, 115-137.
<https://revistas.unal.edu.co/index.php/formayfuncion/article/view/17979>
- Osterreicher, W. (1994). El español en textos escritos por semicultos. Competencia escrita de impronta oral en la historiografía indiana. En J. Lüdtke (Coord.), *El español de América en el siglo XVI: actas del simposio del Instituto Ibero-Americano de Berlín, 23 y 24 de abril de 1992* (pp. 155-190).
- Ruiz, N. (2022). La voz del negro en un corpus de documentos históricos neogranadinos: siglos XVI a XIX. *Ianua*, 22, 1-31.
- Sánchez-Prieto, P. (2012). Desarrollo y explotación del *Corpus de documentos españoles anteriores a 1700 (CODEA)*. *Scriptum Digital*, 1, 5-35.

Da Dialetoлогия à Dialetoimetria: estudo numa perspectiva interdisciplinar

Rita de Cássia Silva Soares (cassiasilva@uol.com.br), UnB; GPDG/USP; GPS/UFU, Faculdade Anhanguera de Guarulhos

O Brasil possui um vasto território e por vezes é comparado a uma dimensão continental. Esse, entre outros motivos, conduz muitos estudiosos, há muito tempo, a escreverem sobre a necessidade de se mapear os falares regionais. Esse propósito foi formulado primeiramente pela Dialetoлогия tradicional, posteriormente, pesquisadores da Geolinguística mostraram que era urgente a continuidade dos estudos para o registro dos falares do português brasileiro. Eles afirmavam a importância da elaboração de Atlas regionais que pudessem retratar e ao mesmo tempo registrar as variantes linguísticas de cada região do país. Acreditamos que cada comunidade comporta características e especificidades linguísticas, denotando a identidade histórica e cultural dos sujeitos que se desenvolve, sobretudo, nos momentos de interação. Dada essa característica, conhecer a variedade linguística de uma comunidade de fala pode contribuir para o reconhecimento da identidade linguística desses sujeitos. A partir do Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê-SP desenvolvido sob os preceitos teóricos da Dialetoлогия, Sociogeolinguística e Geolinguística, cuja coleta de dados resultou em 5132 itens lexicais, culminando na descrição da norma dos sujeitos da região composta por cinco municípios da Região Metropolitana do Estado de São Paulo (RMSP), quais sejam: Guarulhos, Arujá, Santa Isabel, Mairiporã e Nazaré Paulista; essa apresentação objetiva mostrar a análise dos itens lexicais coletados nesse atlas sob os princípios teórico-metodológicos da Dialetoimetria, postulados pela Escola de Dialetoimetria de Salzburgo (EDS). Essa análise foi desenvolvida no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), com base nesses princípios, tivemos como propósito analisar o *corpus* a partir do *software* DiaTech. Assim foi possível observar e identificar o comportamento da variação na língua por meio de agrupamentos (análise *cluster*) linguísticos entre as cinco localidades que compuseram o espaço geográfico para a coleta de dados. Esses resultados são apresentados em cartas poligonais (no nosso trabalho adaptamos as cartas para cartogramas), dendrogramas e histogramas, permitindo a análise e a interpretação dos resultados de maneira quantitativa e qualitativa.

Palavras-chave: Dialetoлогия, Dialetoimetria, Atlas Semântico-Lexical, Variação Linguística.

Bibliografia:

- Álvarez Blanco, R., Dubert Garcia, F., & Sousa Xulio, F. X. (2006). Aplicación da análise dialectométrica aos datos do Atlas Lingüístico Galego. In R. Álvarez, F. Dubert e X. Sousa (Eds.), *Língua e território* (pp. 461-493). Santiago de Compostela: Instituto da Língua Galega - Consello da Cultura Galega.
- Aurrekoetxea, G. (1999). Naffaroako Euskara: azterketa dialektometrikoa. *Utzaro*, 5, 59-109.
- Brissos, F. (2016). Portugal: a cidade e o interior. *Limite - Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonia*, 10(1).
- Brissos, F., Gillier, R., & Saramago, J. A. (2017). Variação lexical açoriana: estudo dialectométrico do Atlas Lingüístico-Etnográfico dos Açores.
- Chambers, J. K., & Trudgill, P. J. (1994). *La dialectología*. (C. Morán González, Trad.). Madrid: Visor Libros.
- Clua, E. (2004). El mètode dialectomètric: aplicació de l'anàlisi multivariant a la classificació de les varietats del català. In M. P. Perea (Ed.), *Dialectologia i recursos informàtics* (pp. 59-88). Barcelona.
- Goebel, H. (2006). Recent advances in Salzburg dialectometry. *Literacy and Linguistic Computing*, 21(4), 411-435. DOI: 10.1093/llcc/fql042.
- Goebel, H. (2016). Romance linguistic geography and dialectometry. In A. Ledgeway & M. Maiden (Eds.), *Romance Languages*. USA: Oxford University Press.

- Hanks, W. F. (2008). *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. (A. C. Bentes, Trad.). São Paulo: Cortez.
- Saramago, J. (1996). *Variação Linguística e Perspectiva Dialógica*. In I. H. Faria (Org.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editora Caminho.

Da Dialetoлогия à Dialetoimetria: teoria, método e estudo dialetoimétrico da variação lexical disposta no Atlas Semântico-lexical do Estado de Goiás (ASLEG) - Brasil

Vera Augusto (veraugusto@terra.com.br), Faculdades Integradas da América do Sul - Íntegra

Nos últimos anos, o âmbito de estudos dialetais e dialetoimétricos cresceu muito com o garantindo o sempre vivo interesse pelos estudos linguísticos. A proposta desta comunicação é apresentar uma breve conceituação da Dialetoлогия e Dialetoimetria, disciplinas que se ocupam do processamento quantitativo de dados dialetais e descrever um estudo dialetoimétrico, com base no resultado do primeiro trabalho realizado a guisa dos princípios teórico-metodológicos da Dialetoimetria, de pós-doutorado realizado na Universidade de São Paulo e Universidade de Lisboa. Para atingir tais objetivos, adotamos como aportes teóricos estudos dialetoológicos e geolinguísticos que norteiam uma moderna direção para a Dialetoлогия e a Geolinguística no Brasil baseada em *corpus*. Abordaremos, aqui, o método de constituição e análise do banco de dados de um atlas linguístico, considerando exemplos concretos do Brasil, mais especificamente do estado de Goiás, apoiando-nos na história e cultura regional. A recolha do material que viabilizou este estudo foi adquirido como resposta a 102 conceitos na totalidade dos pontos, conforme a metodologia de análise da Escola Dialetoimétrica de *Salzburg*. Os resultados alcançados para este estudo são procedentes da aplicação da dialetoimetrização baseada em *corpus* selecionado que, segundo Goebel (1984), procura dispensar os traços individuais em detrimento do estudo dos aglomerados de traços. Desse modo, buscou-se utilizar métodos computacionais que propiciam uma análise por agrupamentos (*cluster analysis*), para a constituição dos mapas e dendrogramas dialetoimétricos, possibilitando a interpretação de resultados de forma quantitativa e qualitativa. A análise dialetoimétrica foi efetuada a partir da postagem do *Projeto Dialetoimetrização do ASLEG no software on-line DiaTech*, que foi concebido e desenvolvido na Universidade do País Basco, a fim da constituição da base de dados. A técnica dialetoimétrica que possibilita “identificar uma dada área em grupos dialetais é a *análise cluster* ou *dendrográfica*, que segmenta, num diagrama em árvore, os núcleos dialetais num nível crescente de homogeneidade a partir do tronco da árvore” (cf. Brissos; Gillier; Saramago, 2017, p.17). Os resultados evidenciaram um espaço para divulgação e discussão da Dialetoimetria, disciplina ainda pouco conhecida no Brasil, apresentando, assim, o primeiro cenário dialetal da variação goiana, sob a perspectiva dialetoimétrica, que estabelece procedimentos precisos e bem estruturados, determinados em experimentos anteriores e originados de subsídios teórico-metodológicos pontuais.

Palavras-chave: dialetoлогия do português do Brasil, dialetoimetria, variação lexical goiana.

Bibliografia:

- Aurrekoetxea, G.; Ormaetxea, J. (eds.) (2010). «*Tools for linguistic variation*». Universidad del País Vasco, pp. 3-39.
- AUGUSTO, Vera Lúcia Dias dos Santos (2012). «*Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás*». 650 f. 2012. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.

- AUGUSTO, Vera Lúcia Dias dos Santos (2019). «*Relatório de Pesquisa - Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás, sob perspectiva da dialetometria*». Pós-doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Brissos, Fernando; Gillier, Raïssa; Saramago, João. (2017). «Variação lexical açoriana: estudo dialetométrico do Atlas Linguístico - Etnográfico dos Açores», em *Revista Galega de Filoloxía*, pp. 11-28. Disponível *on line* em: <http://hd1.handle.net/104551/32734>.
- Brissos, Fernando; Gillier, Raïssa; Saramago, João. (2016). «O problema da subdivisão da variedade dialetal madeirense: estudo dialetométrico da variação lexical», em *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* 2, pp. 31-47. Disponível *online* em <http://ojs.letras.up.pt/index.php/APL/issue/view/116>
- DiaTech. (2017). Disponível em: <<http://eudia.ehu.es/diatech/index>> .
- Ferreira, C; Cardoso, S. A. M. (1984). «*A dialetologia no Brasil*». São Paulo: Contexto.
- GOEBL, Hans. (1984). «*Dialektometrische Studien anhand italo-romanischer, rätoromanischer und galloromanischer Sprachmaterialien aus AIS und ALF*. Tübingen: Max Niemeyer.
- GOEBL, Hans. (2018). «Dialectometry», em BOBERG, Charles, John NERBONNE & Dominic WATT (eds.), *The handbook of dialectology*. New Jersey: Wiley, pp. 123-142.
- SARAMAGO, João (1986). «Differentiation lexicale (un essai dialectométrique appliqué aux matériaux portugais de l'A.L.E.)», em *Géolinguistique*, vol. II, pp. 1-31.

Depois da venda, a recompensa – o ato ilocutório de elogio em Livros de Elogios digitais do setor imobiliário

Solange Lima (solange_lima28@hotmail.com), U. de Coimbra, CELGA-ILTEC, Faculdade de Letras

No que diz respeito ao ato ilocutório expressivo de elogio em Português Língua Materna, escassos são os estudos que o definem e caracterizam (cf. Seara (1998), Almeida (2010, 2013) e Seara & Cabral (2017). A diversidade de estratégias possíveis na enunciação de elogios dificulta o seu processo de categorização (Seara & Cabral, 2017: 327); sendo estes geralmente integrados no grupo de felicitações e congratulações (Seara, 1998: 420; Norrick, 1978: 286) ou numa categoria geral de atos valorizadores, nos quais, segundo Seara e Cabral (2017: 320), o comentário elogiativo inclui o ato de felicitar. Contudo, apesar de se reconhecerem as ténues fronteiras entre os atos expressivos já mencionados, neste estudo sublinha-se que o ato de elogio deve ser definido e categorizado como um ato de fala independente.

Não obstante, dada a sua complexidade de análise, considera-se que o ato de elogio deve ser igualmente observado segundo uma abordagem discursiva que o considera um *speech act set* (SAS), isto é, um ato de fala constituído por uma cadeia de unidades menores que, uma vez produzidas em conjunto, formam um ato de fala completo (Murphy & Neu, 1996: 214; V Válková, 2013: 44).

Como suporte teórico para esta investigação, consideram-se os contributos de Manes e Wolfson (1980), Holmes (1986) e Válková (2013) relativamente a definições e categorizações deste ato, assim como as noções de cortesia de Brown e Levinson (1987).

Deste modo, visando contribuir para uma descrição de estruturas do ato ilocutório de elogio em Português Língua Materna, a presente investigação pretende analisar as estruturas do ato de elogio em produções escritas por falantes do português europeu nos Livros de Elogios digitais de duas imobiliárias. O *corpus* em que se baseia este estudo é composto por 60 elogios de falantes do português (41 produzidos por mulheres e 19 produzidos por homens). A presente análise pretende identificar i) as fórmulas semânticas mais utilizadas, em concomitância outros atos ilocutórios; ii) as estruturas sintáticas mais recorrentes; e iii) as marcas linguísticas que evidenciam estratégias de intensificação do ato.

Os resultados apontam para o predomínio de enunciados extensos e segmentados por diferentes atos ilocutórios (congratulações, recomendações, agradecimentos, votos e saudações) em simultaneidade com o elogio. Desta forma, foi possível identificar uma estrutura prototípica que define a força ilocutória deste ato, constituída por cinco categorias que contêm (i) o elogio propriamente dito em conjunto com estratégias de (ii) iniciação, (iii) preparação, (iv) justificação e (v) reforço do elogio.

Palavras-chave: pragmática, atos ilocutórios, elogio, pragmatics, illocutionary acts, compliment.

Bibliografia:

- Almeida, C. (2010). “Se à sua imagem corresponder a beleza da sua voz, é fácil imaginar a razão pela qual não nos dá o sono nestas duas horas” (ouvinte do programa ‘Boa Noite’): a co-construção do sentido em programas de rádio nocturno. In J.S. Ribeiro, O. Gonçalves & C. Pinto (Coord.). *Imagens da cultura - Actas do VI Seminário Imagens da Cultura / Cultura das Imagens*, pp. 122-130. Centro de Estudos das Migrações e Relações Internacionais - CEMRI - Universidade Aberta.
- Almeida, C. (2013). Contributos para o estudo da configuração dos rituais verbais de descortesia em programas de rádio portugueses. In F. Silva; I. Falé & I. Pereira. *Textos Seleccionados - XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 59-77. Coimbra, APL.
- Brown, P. & Levinson, S. C. (1987). *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Holmes, J. (1986). Compliments and compliments responses in New Zealand English. *Anthropological Linguistics*, 28(4), pp. 485-508.
- Manes, J. & Wolfson, N. (1980). The compliment formula. In F. Coulmas (ed.). *Conversational Routine*. The Hague: Mouton.
- Murphy, B. & Neu, J. (1996). My grade’s too low: The speech act set of complaining. In S. M. Gass & J. Neu (eds). *Speech Acts Across Cultures: Challenges to Communication in a Second Language*, pp. 191–216, Berlin: Mouton de Gruyter.
- Norricks, N. R. (1978). Expressive illocutionary acts. *Journal of Pragmatics*, 2(3), pp. 277-291.
- Seara, I. R. (1998). Formas de felicitação e congratulação: elementos para o seu estudo. *Actas do XIV Encontro Nacional da APL*, pp. 419-429.
- Seara, I. R., & Cabral, A. L. T. (2017). O comentário elogiativo nas redes sociais: estratégias de cortesia valorizadora. *Revista Da Associação Portuguesa De Linguística*, (3), pp. 311-332.
- Válková, S. (2013). Speech acts or speech act sets: apologies and compliments. *Linguistica Pragmática*, 23(2), pp. 44-57

Dialetometria em português: estado da questão

Fernando Brissos (fernandobrisso@campus.ul.pt), Centro de Linguística e Faculdade de Letras da U. de Lisboa

A dialetometria, disciplina científica que se ocupa da análise quantitativa e da representação cartográfica avançada dos dialetos (Goebl 2018), é recente mas tem vindo a construir uma tradição significativa de estudos aplicados às realidades de Portugal e do Brasil. Nesta comunicação fazemos um ponto da situação desse processo.

Depois de estudos parcelares realizados entre as décadas de 1980 e 2000 — o marco inicial é Saramago 1986, quando a metodologia dialetométrica, originária de França, tinha ainda pouco mais de uma década —, uma linha de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa tem vindo, desde 2014, a aplicar sistematicamente os princípios dialetométricos a atlas linguísticos portugueses e brasileiros. O racional explica-se em dois pontos. Por um lado, assume-se que só uma metodologia quantitativa de base tecnológica, com recurso intensivo a *software* especializado, permite tratar eficientemente *corpora* de grandes dimensões como os atlas linguísticos. Por outro lado, tanto Portugal como o Brasil têm atlas linguísticos nacionais por processar, a que se juntam, no Brasil, muitos atlas regionais criados recentemente. A dialetometria impõe-se então, no caso do português, em absoluto e em concreto — i.e. como metodologia fundamentalmente necessária e, neste momento, particularmente útil também.

O português europeu e o português brasileiro têm, contudo, sistemas dialetais crucialmente diferentes, contraste especialmente interessante tendo em conta os poucos precedentes de aplicação do processo dialetométrico a realidades não europeias. Adotaremos nesta comunicação, portanto, uma perspetiva comparativa, analisando que adaptações tem sido necessário efetuar àquele processo para estudar o sistema dialetal brasileiro. A principal reside no tratamento de *corpora* pouco densos (i.e. com poucas respostas aos questionários dialetais, o que gera dificuldades de ordem estatística); mas várias outras têm sido encontradas, da seleção das variáveis à cartografia dos resultados.

Sintetizaremos essa experiência e, bem assim, as principais necessidades práticas que daí advêm para a prossecução dos estudos dialetométricos sobre o português europeu e brasileiro, a partir dos resultados de uma amostra representativa de projetos. A saber:

(i) dialetometrização concluída de *corpora* de diferentes regiões de Portugal e Brasil: Açores (Brissos, Gillier & Saramago 2019), Madeira (Brissos, Gillier & Saramago 2016), Amazonas (Brissos 2021), Região Sul do Brasil (Brissos & Saramago 2019), comunidade nipo-brasileira de Brasília (Brissos 2022a);

(ii) dialetometrização concluída de um *corpus* relativo à totalidade de Portugal continental (o Atlas Linguarum Europae: Saramago 1986; Brissos 2022b);

(iii) dialetometrização em curso do atlas linguístico de Portugal (Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza).

Palavras-chave: dialetologia do português, dialetometria, atlas linguísticos.

Bibliografia:

- Brissos, Fernando, Gillier, Raïssa & Saramago, João (2016): «O problema da subdivisão da variedade dialetal madeirense: estudo dialetométrico da variação lexical», em *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* 2, pp. 31-47. Disponível online em <http://ojs.letras.up.pt/index.php/APL/issue/view/116>.
- Brissos, Fernando & Saramago, João (2019): «Análise dialetométrica do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil: variação lexical», em CARRILHO, Ernestina et al. (eds.), *Estudos linguísticos e filológicos oferecidos a Ivo Castro*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, pp. 349-379. Disponível online em <http://hdl.handle.net/10451/39619>.
- Brissos, Fernando, Giller, Raïssa & Saramago, João (2019): «As variedades açorianas no sistema dialetal português: síntese atualizada», em *O Faial e a periferia açoriana nos séculos XV a XX*. Atas do VII Colóquio realizado na cidade da Horta e na Vila das Velas entre 14 e 17 de maio de 2018. Horta: Núcleo Cultural da Horta, pp. 557-576.
- Brissos, Fernando (2021): «Análise dialetométrica do Atlas Linguístico do Amazonas: variação lexical», em *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana* XIX/1 (37), pp. 167-205.

- Brissos, Fernando (2022a): «Problemas, soluções e hipóteses no estudo da linguagem dos nipo-brasileiros do Distrito Federal do Brasil», em *Estudos Japoneses* 45, pp. 27-54.
- Brissos, Fernando (2022b): «Quarenta anos de dialetometria nos materiais portugueses do *Atlas Linguarum Europae*». Comunicação apresentada na mesa-redonda «Muito mais de meio século de João Saramago» do VI Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 07- 10/11/2022 (<https://cids.ufms.br/>).
- Goebel, Hans (2018): «Dialectometry», em BOBERG, Charles, John NERBONNE & Dominic WATT (eds.), *The handbook of dialectology*. New Jersey: Wiley, pp. 123-142.
- SARAMAGO, João (1986): «Differentiation lexicale (un essai dialectométrique appliqué aux matériaux portugais de l'A.L.E.)», em *Géolinguistique*, vol. II, pp. 1-31.

Discurso informal de Lisboa e Braga (DILeB) – novo *corpus on-line* de fala do português europeu

Celeste Rodrigues (celesterodrigues@campus.ul.pt), Faculdade de Letras da U. de Lisboa

A escassez de estudos sociolinguísticos do PE contemporâneo resulta, em certa medida, da indisponibilidade de dados de fala obtidos sistematicamente. Para colmatar essa falha, é necessário disponibilizar *corpora* obtidos com rigor de períodos circunscritos no tempo de falantes de diversos perfis socioculturais, já que existem diferenças sensíveis de uso da língua típicos de diversas gerações de falantes, de regiões do território e de camadas da população. Apesar da existência de recolhas de fala dialetal, os dados não se encontram *on-line* e os seus informantes não possuem, em geral, a diversidade desejável de perfis sociais por localidade, o que condiciona a realização de vários estudos. A dificuldade de criação, manutenção e disponibilização de *corpora* de fala fiáveis para os estudos sociolinguísticos tem levado a que os investigadores diligentes recolham dados para estudos particulares, sem a preocupação de os disponibilizar para posteriores investigações. Isto reflete-se sobretudo na produtividade da investigação em Fonologia, pois esta depende do uso das produções orais. Para a fonologia são necessários dados de fala recolhidos em períodos relativamente curtos de modo sistemático e que, de preferência, apresentem transcrição para facilitar as pesquisas. Qualquer tarefa de recolha e de transcrição de fala, seja ela ortográfica ou fonética é dispendiosa, morosa, árdua e falível. Tendo criado um *corpus* de fala com 180 entrevistas sociolinguísticas em 1996 e 1998 em Lisboa e Braga que, agora, contém transcrição ortográfica e áudio alinhados, disponibilizámos o discurso informal *on-line*, promovendo o estudo desse período do português. Os falantes, dos dois sexos, pertencem a diversas faixas etárias e graus de escolaridade – cf. na Tabela 1. Apesar de o número de falantes por célula variar, isso não inviabiliza a realização de múltiplos estudos comparativos da fala de vários perfis sociais das duas cidades. O *corpus* constitui um testemunho único do PE utilizado em entrevista sociolinguística nas duas principais variedades dialetais, setentrional e centro-meridional, por pessoas de todas as faixas etárias acima dos 13 anos. A dimensão e a inexistência de um roteiro fixo nas entrevistas permitiram a captação do vernáculo dos informantes com frequência. A disponibilização do *corpus* no sistema TEI:TOK (Janssen, 2014) possibilita o seu uso em variados estudos linguísticos (ex: frequência de estruturas (sub)lexicais, fonéticos, fonológicos, sintáticos e discursivos), por ser pesquisável pelos parâmetros disponíveis nos meta-dados e apresentar alinhamento da transcrição ortográfica e áudio. Para além de apresentar o *corpus*, pretende-se explicitar como fazer pesquisas e, assim, agilizar a utilização dos dados.

Informantes do DILeB						
Escolaridade	Sexo	Idade				
		13-19	20-25	26-39	40-55	> 56
Analfabetos	Feminino	-	-	3	4	6
	Masculino	-	-	-	1	4
Até ao 9º ano	Feminino	9	5	6	7	7
	Masculino	7	4	2	4	5
Com 12º ano	Feminino	6	10	5	6	6
	Masculino	6	5	7	4	2
Licenciados	Feminino	-	6	8	6	4
	Masculino	-	6	7	7	5

Tabela 1 - Número de informantes do DILeB por perfil

Palavras-chave: discurso informal, variação linguística, *corpus* de fala.

Bibliografia:

<https://clul.ulisboa.pt/projeto/alepg-atlas-linguistico-etnografico-de-portugal-e-da-galiza>
Janssen, M. 2014. TEITOK. <http://www.teitok.org/index.php?action=about>

Discutindo a norma em periódicos catarinenses do séc. XIX

Suzane Madruga (suzane.madruga@gmail.com), U. Federal de Santa Catarina

Este trabalho objetiva apresentar uma breve discussão acerca da concepção de norma a partir da análise de artigos de opinião escritos em jornais publicados em Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis/SC, no final do século XIX. Tais artigos compõem um construto em que a noção de norma e de língua correta precisam de análise e discussão no âmbito da Linguística Histórica, amparando-se numa perspectiva sócio-histórica e cultural, levando em conta aspectos formais da língua portuguesa, bem como aspectos sociais e políticos dessa noção. Os embates políticos que constroem a noção de norma em jornais catarinenses podem ser observados por um viés sociológico e histórico das concepções então em voga no Império Brasileiro, levando-se em conta, portanto, aspectos das concepções existentes de história, língua e língua nacional. Neste sentido, os papéis sociais assumidos pelos redatores, muitos deles se colocando como educadores, é de fundamental importância para se compreender a dinâmica discursiva acerca da língua. A respeito dessa imprensa periódica e seu papel na sociedade, cabe enveredar pela história dos jornais e destes materiais numa perspectiva da História e da História da Educação (Pallares-Burke, 1998; Jinzenji, 2010), pois depreende-se dessa relação uma importante e necessária conversa. Como base para a construção de uma análise cujo foco é a norma, a perspectiva de Eugenio Coseriu será movimentada. A partir disso, pretende-se empreender uma discussão com outros linguistas (Pagotto, 1998, 2011, 2013; Mattos e Silva, 1996; Faraco e Zilles, 2017, entre outros) que discutem a norma – ou as normas – da língua portuguesa e sua influência na adoção de uma gramática em detrimento de outra, bem como na imposição de usos sociais da língua conforme os autores dos textos. A temática desta apresentação pertence a uma pesquisa no âmbito do doutorado e as discussões aqui elencadas pretendem contribuir para a construção e a ampliação da compreensão histórica do Português Brasileiro, seus possíveis movimentos teóricos, os quais podem efetivamente promover um estudo interdisciplinar, como proposto pela Sociolinguística Histórica, segundo Conde Silvestre.

Palavras-chave: norma, linguística histórica, língua nacional, textos jornalísticos, Eugenio Coseriu.

Bibliografia:

- Conde Silvestre, J. C. (2007). *Sociolinguística histórica*. Gredos.
- Coseriu, E. (1987). *Teoria da linguagem e lingüística geral*: cinco estudos. Presença.
- Faraco, C. A.; Zilles, A. M. (2017). *Para conhecer norma linguística*. Contexto.
- Mattos e Silva, R. V. (1996). Variação, mudança e norma: movimentos no interior do português brasileiro. In Cardoso, S. A. M. (Org.), *Diversidade linguística e ensino*. EDUFBA.
- Jinzenji, M. Y. (2010). *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. UFMG.
- Pagotto, E. G. (1998). Norma e condescendência: ciência e pureza. In Guimarães, E. Orlandi, E. P. (Eds.), *Línguas e instrumentos Linguísticos*. Pontes.
- Pagotto, E. G. (2011). Rui Barbosa e a crise normativa brasileira. In Callou, D. Barbosa, A. (Org.), *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. Fundação Casa Rui Barbosa.
- Pagotto, E. G. (2013). A norma das constituições e a constituição da norma no século XIX. In *Revista Letra*, 8(1).
- Pallares-Burke, M. L. G. (1998). A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. *Cadernos de Pesquisa*, 104.
- Varejão, F. O. A. (2009). O português do Brasil: revisitando a história. In *Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, 39.

Dos artigos chineses na obra metalinguística *Arte China* do Padre Joaquim Gonçalves

Ling Li (liling@elach.uminho.pt), Centro de Estudos Humanísticos da U. do Minho

Uma das características distintivas entre o português e o chinês consiste na ausência de artigos neste último. Em termos gerais, a determinação e indeterminação de um sintagma nominal expressam-se por meios lexicais, morfológicos ou sintáticos na língua chinesa (Zhang, 2014, 2020), sendo um destes o recurso aos demonstrativos “zhe4” e “na4” (Chao, 1968; Chen, 2004). Embora a determinação enquanto categoria gramatical não se encontre plenamente desenvolvida no chinês (Chen, 2004), o uso destes dois determinantes na expressão da identificabilidade tem sido notado e analisado desde o início da fase moderna da gramática chinesa, sobretudo em estudos contrastivos entre o chinês e uma língua que possua um sistema de artigos, como é o caso da *Arte China* (1829) do padre lazarista e sinólogo português Joaquim Afonso Gonçalves (1781-1841), um método gramatical português-chinês concebido com base no paradigma analítico a descritivo do modelo greco-latino que engloba simultaneamente as tradições e particularidades próprias da língua chinesa. No seu terceiro capítulo *Grammatica*, foi proposta a classe gramatical *Artigo* que acolhe somente dois exemplos bilingues, ambos estruturados recorrendo a léxicos expressivos da determinação em chinês, nomeadamente o demonstrativo “na4” no estilo vulgar e a partícula “zhe3” no estilo sublime. A dupla função desta última partícula como artigo e terminação de participio encontra-se exemplificado no capítulo seguinte *Syntaxe* do mesmo compêndio. Quanto ao demonstrativo “na4”, apesar da sua disseminação ao longo do compêndio, não temos acesso às explicações gramaticais necessárias que o autor certamente forneceria no decurso da sua atividade de docência sendo este um método muito diretamente dirigido aos seus alunos (Barros, 2014), ao contrário do que acontece noutros estudos comparativos da mesma época como é o caso das observações do sinólogo britânico Thomas Francis Wade (1867). O presente trabalho visa estudar o emprego dos dois artigos identificados na obra de Gonçalves através da recolha de todas as ocorrências dos mesmos nos textos bilingues para uma categorização e análise de acordo com os respetivos tipos de marcação da determinação juntamente com a tradução oferecida nos textos equivalentes em português. Os resultados deste estudo constituem uma tentativa de interpretação e restauração da conceptualização dos mecanismos de marcação de determinação em chinês do padre Joaquim Gonçalves, contribuindo assim para o estudo da história da linguística chinesa.

Palavras-chave: determinação, gramática chinesa, linguística missionária.

Bibliografia:

- Barros, A. L. de. (2014). Referências interculturais oitocentistas nas obras metalinguísticas em Português e Chinês do Pe Joaquim Gonçalves. *Revista Diacrítica*, 28(1), 103–139.
- Chao, Y. R. (1968). *A grammar of spoken Chinese*. University of California Press.
- Chen, P. (2004). Identifiability and definiteness in Chinese. *Linguistics*, 42(6). <https://doi.org/10.1515/ling.2004.42.6.1129>
- Gonçalves, J. A. (1829). *Arte China, constante de alphabeto e grammatica comprehendendo modelos das differentes composicoens*. Real collegio de S. Jose.
- Wade, T. F. (1867). *Yü-yen Tzŭ-erh Chi, a Progressive Course Designed to Assist the Student of Colloquial Chinese, as Spoken in the Capital and the Metropolitan Department: In Eight Parts, with Key, Syllabary, and Writing Exercises*. Trübner.
- Zhang, J. (2014). *Comparação do sistema de determinação/indeterminação entre a língua portuguesa e a língua chinesa*.
- Zhang, J. (2020). Estudo semântico comparativo do sistema de artigos em Português e dos mecanismos de marcação de determinação em Chinês. *Diacrítica*, 34(3), 80–95.

Economia, sociedade e formação do português brasileiro: elementos para uma discussão sobre as configurações linguísticas do Brasil colonial

Pedro Daniel dos Santos Souza, (pdan.uneb@gmail.com), U. Federal da Bahia
Tânia Lobo (tanlobo@gmail.com), U. Federal da Bahia

A análise de fontes inquisitoriais legadas pelas duas primeiras visitas do Santo Ofício à América portuguesa, realizadas nos séculos XVI e XVII (Lobo & Sartori, 2020 e Lobo, Sartori & Mota, 2016), não sustenta a perspectiva, ainda hoje recorrentemente acionada, de compreensão da estratificação socioeconômica da sociedade brasileira em termos dicotômicos, em que se oporiam, por um lado, a “casa-grande” e, por outro, a “senzala” (Freyre, 2002 [1933]). Muito mais há entre esses dois “pólos”, o que tem óbvias implicações na interpretação do processo de formação do português brasileiro. Para além desse ponto, ressalte-se ainda um aspecto pouco problematizado no que tange especificamente à “casa-grande”: a patente necessidade de melhor compreender as interações linguísticas no seio da família colonial dita “branca”, em que figuravam, muitas vezes, um homem branco, no geral, mais ou menos letrado, casado ou coabitando com uma mulher que, quer fosse branca, indígena, mameluca, negra ou mulata, era, na maioria das vezes, analfabeta ou semialfabetizada. A polarização sociolinguística do português brasileiro (Lucchesi, 2015), tão clara quando contrastada a elite socioeconômica com a base da população escravizada, torna-se uma emaranhada teia, se postas em análise nuances que a realidade linguística e cultural no âmbito doméstico abriga (Sartori, 2016). A partir da leitura de um pequeno, porém instigante texto de autoria de Emílio Pagotto (2016), propõe-se, nesta comunicação, aprofundar a reflexão sobre o que interpretações engendradas a partir da década de 70 do século XX sobre a economia e a sociedade coloniais (Fragoso, Florentino & Faria, 1998) desvelam sobre a história do português brasileiro, destacando-se alguns pontos fundamentais: o fato de a economia colonial não poder ser apreendida pela visão reducionista dos “ciclos”; o fato de não se ter limitado ao modelo (agro)exportador; o fato de não guardar muitas semelhanças com a de regiões como o Caribe e o Sul dos Estados Unidos da América (EUA), onde predominaram as *plantations* e, por fim, a relevância do papel exercido pelo mercado interno, mais visível quando se “olha para dentro”, ou seja, quando se considera a conquista e a colonização dos sertões, em muitos casos alicerçada na expansão da atividade pecuária (Santos, 2010).

Palavras-chave: Ocupação territorial; economia de subsistência; português brasileiro colonial.

Referências bibliográficas:

- Fragoso, J., Florentino, M., & Faria, S. de C. (1998). *A economia colonial brasileira (séculos XVI-XIX)*. 3. ed. São Paulo: Editora Atual.
- Freyre, G. (2002 [1933]). *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Lobo, T., & Sartori, A. (2020). Aos olhos do Santo Ofício: Difusão social da escrita nas capitanias da Bahia, Pernambuco, Itamaracá e Paraíba em finais de Quinhentos. In: Callou, D., & Lobo, T. (org.). *História social do português brasileiro: da história social à história linguística* (Coleção História do português brasileiro, v. 9). São Paulo: Editora Contexto.
- Lobo, T., Sartori, A., & Mota, R. S. (2016). O aporte das fontes inquisitoriais para uma história da difusão social da leitura e da escrita no Brasil. *Caderno de Estudos Linguísticos*, 58, 277-298.
- Lucchesi, D. (2015). A polarização sociolinguística do Brasil: Formação histórica. In: *Língua e sociedade partidas: A polarização sociolinguística no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Pagotto, E. (2018). Ebulição e sedentarização linguística: o lugar da economia de subsistência na formação do português brasileiro. *Diadorim*, 20, 53–63.

- Santos, M. R. A. dos. (2010). *Fronteiras do sertão baiano: 1640-1750*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Sartori, A. (2016). *Pela pena do Santo Ofício: difusão social da escrita nas Capitanias de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba em finais de Quinhentos*. (Tese de Doutorado). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

Edições de manuscritos históricos brasileiros: a coleção Documentos para a história linguística do Brasil colônia

Alícia Duhá Lose (alicia.lose@ufba.br), U. Federal da Bahia
Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda (marianafag@gmail.com), U. Estadual de Feira de Santana
Zenaide de Oliveira Novais Carneiro (zenaidenovais@gmail.com), U. Estadual de Feira de Santana

Pesquisas realizadas no âmbito da Linguística Histórica Stricto Sensu dependem do trabalho da Filologia; é na documentação remanescente do passado que se buscam os dados para a análise histórico-diacrônica. A edição com que trabalha o historiador das línguas deve ser fidedigna ao texto original, garantindo a legitimidade dos dados na pesquisa linguística. É indispensável, portanto, no tratamento do texto antigo como *corpus* da Linguística Histórica, considerar a qualidade das edições realizadas, bem como a veracidade das informações oferecidas sobre os textos editados – em especial no que se refere às indicações das coordenadas geográficas e cronológicas – e sobre o perfil sociocultural das mãos que os escrevem. Desta forma, a presente comunicação pretende apresentar o trabalho de edição da mais nova coleção do projeto Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS/UEFS), intitulada *Documentos para a história linguística do Brasil Colônia*, a qual será composta por três volumes. Na oportunidade deste evento, será apresentado o Volume 1 da coleção, o qual se encontra no prelo. O referido volume compõe-se de documentos produzidos por mãos de indígenas, brancos e africanos; trata-se de 4 tomos: o Tomo 1 traz a escrita mameluca, edição preparada por Márcia Silva de Souza; o Tomo 2, correspondências dos Vieira Ravasco nascidos no Brasil, edição sob a responsabilidade de Emília Carneiro dos Santos; o Tomo 3, textos dos terços dos homens pretos e pardos, sob os cuidados de Izaías Araújo das Neves Paschoal; o Tomo 4, a edição de documentos de André Vidal de Negreiros, preparada por Victória da Silva Santana Araújo, e cartas do português João Fernandes de Oliveira, editadas por Alícia Duhá Lose. Ademais, esse primeiro volume contará com um encarte especial, contendo transcrição e tradução integral das Cartas dos Índios Camarões, escritas em 1645, em Tupi Antigo, trabalho sob a responsabilidade de Eduardo Navarro. Toda a coleção terá a coordenação e supervisão das linguistas Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda e da filóloga e paleógrafa Alícia Duhá Lose, a fim de cruzar os olhares dessas áreas, garantindo a qualidade do material editado.

Palavras-chave: edição de documentos históricos, documentos para a história linguística do Brasil colônia, critérios de edição conservadora.

Referências:

- ARAÚJO, Victória da Silva Santana. O Testamento de Vidal de Negreiros (século XVII): edição semidiplomática e elementos para uma descrição da sintaxe das relativas. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual de Feira de Santana, 2023.

- CARDOSO, Lara Silva; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; LACERDA, Mariana Fagundes de Oliveira. Para um estudo da formação do português brasileiro: descrição, representatividade e potencialidades do corpus colonial do CE-DOHS. *LaborHistórico*, v. 7, 2021. p. 330-355. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/41843>. Acesso em: 3 abr. 2023.
- LOSE, Alícia Duhá. Edições de documentos históricos: a quem interessam? a quem se destinam? *Revista da ABRALIN*, n. 16, v. 2, São Paulo, 2017. p. 71-86.
- LOSE, Alícia Duhá; SOUZA, SACRAMENTO, Arivaldo de. Para uma filologia na pesquisa em linguística histórica. *Letras. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Maria*, Santa Maria, n. 60, 2022. p. 11-31. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2176148542058>. Acesso em: 3 abr. 2023.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. «De fontes sócio-históricas para a história social linguística do Brasil: em busca de indícios». In: Rosa Virgínia Mattos e Silva (ed.). *Para a história do português brasileiro*. V. 2, Tomo 2 – Primeiros estudos. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2001. p. 275-301.
- PASCHOAL, Izaías Araújo das Neves (2023). *Dos terços dos homens pretos e pardos (1650-1793): edição e análise linguística*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. (Em andamento).
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. Transcrição e tradução integral anotada das cartas dos índios Camarões, escritas em 1645 em tupi antigo. In: *Memória*, Belém, vol. 17, n. 3. 2022. p. 1-49. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/vy7RnrNvd5B4rrCCX6vVx4d/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 abr. 2023.
- SANTOS, Emília Carneiro dos. Documentos da família Vieira Ravasco: edição semidiplomática e elementos para uma descrição da concordância verbal. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual de Feira de Santana. 2021.
- SANTIAGO, Huda da Silva; LACERDA, Mariana Fagundes de Oliveira; BRITO, Rosana Carvalho; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. CE-DOHS: um banco de dados sociolinguísticos para a história do português brasileiro. *LABORHISTÓRICO*, v. 7, 2021. p. 311-329.
- SOUZA, Márcia Silva de. Documentos de mamelucos no Brasil Colonial: edição e descrição de índices grafofonéticos. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual de Feira de Santana. 2021.

Enunciado fonológico e enunciado sintático nas Cantigas de Santa Maria: um estudo prosódico a partir da comparação entre letra e música

Gladis Massini-Cagliari (gladismac@gmail.com), U. Estadual Paulista - Unesp/Araraquara

Esta comunicação objetiva estudar a constituição prosódica no ancestral medieval do português, período trovadoresco (século XIII, Galego-Português; ou Português Arcaico, em homenagem a Rosa Virgínia Mattos e Silva, 1989). Como *corpus*, são analisadas as primeiras 25 *Cantigas de Santa Maria* (CSM), uma coleção de 420 cantares religiosos de louvor à Virgem Maria atribuídos a Afonso X (1221-1284) (Mettmann, 1986, p. 7), que sobreviveram em quatro códices contemporâneos à sua compilação (os códices de Toledo, Escorial rico, de Florença, e Escorial), todos com notação musical.

Dada a impossibilidade de recurso a registros históricos da voz falada da época, o foco deste trabalho é mostrar a construção de uma metodologia que permita o estudo dos constituintes prosódicos, em termos de agrupamentos em sintagmas/frases. O objetivo é mostrar que, dada a dificuldade de encontrar pistas advindas apenas do registro escrito da letra (poema) das cantigas medievais, uma saída é buscar essas pistas na notação musical que acompanha essas cantigas. Para trazer maior segurança quanto à delimitação dos constituintes prosódicos mais altos, este trabalho recorre à relação entre letra e música, uma vez que, por serem poemas construídos como letra para canções destinadas à performance pública, partimos do pressuposto de que os agrupamentos prosódicos no canto - enquanto realização sonora de versos em uma língua a ser processada pelos ouvintes apreciadores da performance - revelam a constituição prosódica linguística.

O estudo desenvolvido investiga a relação entre os enunciados fonológicos e sintáticos, focalizando os momentos de encavalgamento poético (*enjambement*), em que pode haver não coincidência entre os limites sintático e fonológico do enunciado prosódico. A partir do estudo desenvolvido, foi possível mostrar que o encavalgamento poético não interfere na divisão das cantigas em enunciados fonológicos, no nível prosódico linguístico, que dá suporte ao nível musical das CSM. Desta forma, o encavalgamento se mostra somente como um fenômeno sintático e não prosódico, uma vez que, em relação às cantigas, a constituição do texto em versos a serem cantados tem mais força na constituição dos enunciados fonológicos do que a estrutura sintática, que faz a sentença “transbordar” de um verso para o seguinte. Ao contrário, em termos prosódicos, o final do enunciado fonológico é sempre o final do verso, independentemente de o conteúdo semântico e a estrutura sintática serem completados no verso seguinte.

Palavras-chave: Cantigas de Santa Maria; constituintes prosódicos; interface Fonologia Sintaxe.

Referências:

- MATTOS E SILVA, R. V. (1989) *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- METTMANN, W. (Ed.). (1986) *Cantigas de Santa Maria (cantigas 1 a 100)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia.

Escrita de negros em irmandades do século XVIII em Salvador, BA

Mirela Dorea (mireladorea@hotmail.com), U. Federal da Bahia

Este trabalho pretende abordar, fundamentando-se no campo da História Social da Cultura Escrita, a relação de negros escravizados, livres e libertos com a escrita, enquanto sujeitos históricos, através de registros da sua inserção no mundo da cultura escrita no âmbito das irmandades de negros, no século XVIII, em Salvador, Bahia. A partir de fontes manuscritas, disponíveis no Arquivo Público do Estado da Bahia, analisa-se uma petição feita, em 1789, por membros da mesa diretora da Irmandade de São Benedito do Convento de São Francisco da cidade de Salvador, em que eles solicitam autorização à Coroa Portuguesa para reformar seu Compromisso original, datado de 1730, a fim de que os irmãos que exercessem os cargos de escrivão e tesoureiro, tradicionalmente ocupados por brancos, fossem homens pretos, busca-se investigar a tensão entre as partes principais envolvidas – irmãos negros e brancos –, na disputa pela ocupação de espaços de prestígio. Ademais, analisa-se também a implicação de representantes de outras instâncias da sociedade, desde a Rainha de Portugal, D. Maria I, que pede esclarecimentos sobre o episódio, através dos deputados da Mesa de Consciência e Ordens; ao Juiz do Crime Provedor das Capelas e Resíduos da cidade, instado a dar seu parecer; a um subtabelião, que registra em cartório a solicitação dos irmãos negros; até a recomendação final do Governador Geral, D. Fernando José de Portugal. Trata-se de personagens de diversos espaços da hierarquia social na sociedade colonial e escravagista de então, que se mobilizam para atender a uma demanda de um grupo marginalizado institucionalmente. Ressalta-se que para fundamentar o pedido, os membros da Irmandade de São Benedito listam outras doze confrarias de pretos que, então, já gozavam deste mesmo privilégio, acrescentando ainda o exemplo de todas as irmandades de pardos, o que evidencia que o caso daquela irmandade não é inédito. A documentação mostra a luta por autonomia dos negros através de suas irmandades, que, além de sociedades de ajuda mútua, eram espaços de negociação e resistência. Sob uma perspectiva linguística, mostra além: as Irmandades Negras, no Brasil, parecem emergir, já no século XVIII, como espaços de uma produção escrita negra de próprio punho. Do ponto de vista da História Social da Cultura Escrita e dos estudos em Linguística Histórica, o reconhecimento da imersão desses grupos no universo da cultura escrita é fundamental para a ampliação das perspectivas nos estudos e na compreensão do processo histórico de constituição do português brasileiro.

Palavras-chave: história social da cultura escrita, irmandades negras, Bahia no século XVIII.

Bibliografia:

- Castillo Gómez, A. (2003, janeiro-junho). Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. *Revista Brasileira de História da Educação*, 3(1 [5]), 93-124.
- Lobo, T., & Oliveira, K. (2019) Os afro-brasileiros da Sociedade Protetora dos Desvalidos. In: Galves, C., & Lobo, T. (Orgs.). *O português escrito por afro-brasileiros no século XIX. Atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos*. (pp. 21-50) Salvador: EDUFBA.
- Reis, J. J. (1996). Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão. *Tempo*, 2(3), 7-33.
- Reginaldo, L. (2009). Irmandades e devoções de africanos e crioulos na Bahia setecentista: histórias e experiências atlânticas. *Afro-Latin American Religious Expressions and Representations Representaciones y Expresiones Religiosas Afrolatinoamericanas*, 4, 25-35.
- Reginaldo, L. (2005). *Os rosários dos angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista*. (Tese de doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. Recuperado de <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1599650>.

Ordens Régias. (1786-1790). [manuscrito] *Seção Colonial e Provincial*. (livro 78, fls. 275- 286). Arquivo Público do Estado da Bahia. Salvador, BA, Brasil.

Estudo e edição das Atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos escrita por afro-brasileiros

Elisa Maria Rocha Andrade (elisa.rocha2015@gmail.com), U. do Estado da Bahia
Emanuelle Silva Santos (emanuellsilvasantos17@gmail.com), U. do Estado da Bahia
Geisa de Sousa Ribas (geisasousaribas@gmail.com), U. do Estado da Bahia
Kawanne Oliveira de Jesus (kauaneoliveira54321@gmail.com), U. do Estado da Bahia
Williane Silva Corôa (williscoroa@gmail.com), U. do Estado da Bahia

O trabalho apresentado aqui é parte de um projeto maior, *Corpus de Documentos do Brasil Colônia: contato linguístico e mudança na emergência do Português Brasileiro*, que tem como objetivo a elaboração edições eletrônicas (diplomáticas, semi-diplomáticas e modernizadas) – a fim de estudar aspectos linguísticos importantes do português brasileiro. Neste trabalho, apresentaremos a edição eletrônica em formato XML, com o auxílio da ferramenta e-Dictor (<https://www.tycho.iel.unicamp.br/edictor>) de uma parte das atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos (SPD), levantadas por Oliveira (2006). A SPD é uma das primeiras sociedades civis negras do Brasil, com 188 anos de resistência negra, cujos membros tinham um nível de letramento diversificado, algo muito raro à época (BRAGA, 1987). O conjunto sob análise integra a Plataforma Tycho Brahe (<https://www.tycho.iel.unicamp.br/home/>) e possui um valor inestimável, visto que atesta aspectos ligados à língua dos marginalizados à época. Esse conjunto de atas foi classificado por Oliveira (2006) como prováveis brasileiros, o que veio a ser confirmado posteriormente. Levando-se em consideração o fato de que os escravizados à época eram proibidos de frequentar escolas e sabendo-se que os membros da SPD tinham acesso à escrita (LOBO; OLIVEIRA, 2006), apresentaremos, ao lado da edição, um breve estudo acerca da trajetória de acesso à escrita desses negros, buscando entender qual o papel da irmandade no acesso à escrita e quais mecanismos foram desenvolvidos para que esses indivíduos se tornassem letrados, visto que tentou-se, de todas as formas, apagar, dificultar e até proibir o ensino à população negra. A metodologia utilizada é a abordagem qualitativa, pois foi feito um breve levantamento dos aspectos sócio-históricos que estão por trás da escolarização e letramento dos membros da SPD. Os resultados apontam para uma melhor compreensão da importância das irmandades negras, de seu funcionamento e dos caminhos que levaram negros forros ou escravos a adquirirem as habilidades com a escrita.

Palavras-chave: Edição eletrônica, estudo, Sociedade Protetora dos Desvalidos, letramento

Bibliografia:

- BRAGA, Júlio. **Sociedade Protetora dos Desvalidos**: uma irmandade de cor. Salvador: Ianamá, 1987.
- LOBO, Tânia. OLIVEIRA, Klebson. (org.). **África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- OLIVEIRA, Klebson. **Negros e escrita no Brasil do século XIX**: sócio-histórica, edição filológica de documentos e estudo linguístico. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2006.
- GALVES, Charlotte; ANDRADE, Aroldo; FARIA, Pablo (2017, December). **Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese**.

Investigando as origens do português brasileiro (PB) num *corpus* de cartas e atas da Bahia Colonial

Williane Silva Corôa (williscorôa@gmail.com), U. do Estado da Bahia

O estudo sobre os caminhos do português no Brasil tem rendido discussões bastante profícuas. Trabalhos como o de Tarallo (1993) e seus discípulos (Berlinck, 1988; Duarte, 1993; Pagotto, 1992) indicam que o PB emerge no século XIX. Já Ribeiro (1998) e Galves (2007) propõem um recuo temporal, defendendo que o PB, provavelmente, tenha suas origens no século XVIII. Neste trabalho, apresento os resultados encontrados ao analisar quatro fenômenos sintaticamente interligados: efeito V2, colocação de clíticos, sujeito e objeto nulos, em um conjunto de cartas e atas da Câmara Municipal de Salvador, escritas durante os séculos XVII e XVIII. Em relação ao efeito V2, o Português colonial do século XVII manifesta movimento do verbo para a periferia esquerda da sentença tal como acontece com o Português Clássico (PCI) (Antonelli, 2011; Galves e Paixão de Sousa, 2017; Galves, 2020), com a generalização das construções de inversão. Isso muda a partir do século XVIII, quando a possibilidade de inversão com verbos transitivos perde espaço para construções inacusativas, evidenciando a perda de V2 (Figura 01). A colocação de clíticos também é similar ao PCI (Galves, Britto e Paixão de Sousa, 2003), exceto em sentenças cujo verbo encontra-se em primeira posição na sentença (ênclise obrigatória) e em sentenças cuja oração dependente aparece fronteada (exemplos 01 e 02, respectivamente). Os dados sobre a colocação de clíticos apontam que o Português colonial começa a se diferenciar já no século XVII, processo que se aprofunda no século XVIII, anunciando uma característica idiossincrática da gramática brasileira: a próclise generalizada. Há diferenças também com relação aos sujeitos nulos. Entre os séculos XVII e XVIII, a ocorrência de sujeitos nulos nas sentenças matrizes cai paulatinamente e são registrados sujeitos nulos indeterminados – uma inovação brasileira (Duarte, 1993). Também são encontrados – de modo incipiente – casos de objetos nulos com leitura referencial (exemplo 03). Os resultados confirmam a hipótese Ribeiro e Galves: a gramática do PB emerge em período anterior ao século XIX.

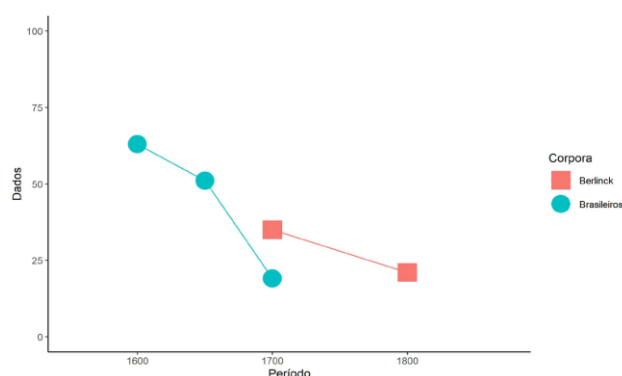


Figura 1 - VS com verbos transitivos em Berlinck (1988) e nos escrivães

- (1) e passadas as ferias da festa trabalharei [s:syn-clause] *seveirão* ese rezolvão Sua materias (Magalhães).
- (2) e assim [prostrados aos reais pés de Vossa Alteza] *o pedimos* a Vossa Alteza (Aragão).
- (3) À vista desta resposta escusou-se o requerimento como se vê dele mesmo que remeteu $\emptyset$ (Azevedo).

Palavras-chave: Português Brasileiro, Origens, Português Colonial, Mudança sintática.

Bibliografia:

- Antonelli, A. L. Sintaxe da posição do verbo e mudança gramatical na história do português europeu. 230f. p. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2011.
- Berlinck, R. d. A. A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem, 1988.
- Duarte, M. E. L. Português brasileiro: uma viagem diacrônica. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Ed.). [S.l.]: Editora da UNICAMP, 1993. cap. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito nulo no português do Brasil, p. 107–128.
- Galves, Charlotte. A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro. In: Castilho, Ataliba; Torres Morais, Maria Aparecida; Lopes, Ruth & Cyrino, Sonia (org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007, p. 513-528.
- Galves, Charlotte. Relaxed V-Second in Portuguese. In: Theresa Biberauer, Sam Wolfe and Becky Woods (eds.) *Rethinking Verb Second*. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- Galves, Charlotte; Britto, Helena; Paixão de Sousa, Maria Clara. The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 4, n.1, p. 39-68, 2005.
- Galves, Charlotte; Maria Clara Paixão de Sousa. The Position of the Verb in the History of Portuguese: Subject Position, Clitic Placement and Prosody, *Language*, 93(3): p. 152–80, 2017.
- Pagotto, Emílio. *A posição dos clíticos em Português: um estudo diacrônico*. 1992. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. Campinas, SP, 1992.
- Ribeiro, Ilza. A mudança sintática do Português Brasileiro é uma mudança em relação a que gramática? In: Castilho, Ataliba T. de. (Org.). *Para a história do português brasileiro: primeiras ideias*. V.1. São Paulo: Humanitas, 1998. p.101-119.
- Tarallo, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: Roberts, I. & Kato, M. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 1 ed. Campinas: Editora da Unicamp: 1993, p. 69-106.

Language Contact and the Evolution of Wh-clauses in Brazilian Portuguese

Andre Antonelli (alantonelli@uem.br), U. Estadual de Maringá

In Portuguese, until the end of the 18th century, overt grammatical subjects in *wh*-clauses were strictly post-verbal (Duarte, 1992; Lopes-Rossi, 1996), as illustrated in (1).

(1) Como **posso** eu **caber** aí?

In contemporary Brazilian Portuguese (BP), the subject usually precedes the inflected verb (Miotto & Kato, 2005). As exemplified in (2), the S(ubject)-V(erb) word order is licensed under three different configurations: i) non-cleft *wh*-clauses (2a); ii) inverted cleft *wh*-clauses (2b); and iii) reduced cleft *wh*-clauses without a copula (2c).

(2) a. O que a Maria **comprou**?

b. O que *é que* a Maria **comprou**?

c. O que *que* a Maria **comprou**?

Different proposals have already been made, as the one developed by Rosemeyer & Van de Velde (2020), who explain this syntactic change as a more general consequence of a diachronic increase in SV structures in BP. Here, we propose that the change is triggered by a situation of language contact involving Portuguese and African languages. The first evidence comes from a comparison with languages of the Bantu family, which show the same syntactic strategies seen in BP (cf. 3). This fact is relevant because a considerable amount of slaves brought from Africa to Brazil were speakers of Bantu languages (Bonvini, 2009).

- (3) a. Chě mw-ăn **é-pim-εε**? (Akɔɔse / non-cleft)
what 1-child NSE.1.SM.NEG-throw.out-PRF.IRR
“What didn’t the child throw out?”
- b. Naanu *ni-ye* Nafula **a-a-siim-a**? (Lubukusu / inverted cleft)
1.who COP-1 1.Nafula 1.SM-PRS-love-FV
“Who is it that Nafula loves?”
- c. Ñsó *ń!kpó* *!ké* afò **à-φ-nám**? (Ibibio / reduced cleft)
what thing that you 2S.SA.do
“What do you do?”

A second piece of evidence comes from African varieties of Portuguese, which also behave in a way similar to BP (Santos & Oliveira, 2011; Chutumiá, 2013; Santos & Silva, 2019).

- (4) a. como você **soube** disso? (Guinean Portuguese)
- b. O que *é que* os miúdos **fizeram**? (Mozambican Portuguese)
- c. donde *que* a Teté **veio** encaminhada? (Angolan Portuguese)

Considering that the linguistic varieties in (4) emerge from a situation of language contact between Portuguese and an African substratum, these data suggest that BP may have gone through an identical process of formation. Our results reinforce the view that a set of particularities attested in BP is formed in a context of intense language contact, where a massive number of slaves acquired Portuguese as a second language with structural innovations, thus providing linguistic input with considerable deviations for new generations (Lucchesi and Baxter 2009).

Palavras-chave: interrogative clauses, language contact, brazilian portuguese, african languages.

Bibliografia:

- Bonvini, E. (2009). Línguas africanas e português falado no Brasil. In M. Petter & J. L. Fiorin (Eds.), *África no Brasil: a formação da língua portuguesa* (pp. 15-62). Contexto.
- Chutumiá, D. I. (2013). *As interrogativas-Q do português de Moçambique: contribuição para uma análise comparativa com o português europeu e o português brasileiro* [unpublished master’s thesis]. Universidade do Porto.
- Duarte, M. E. L. (1992). A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas Qu- no português do Brasil. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 8, 37-52.
- Lopes-Rossi, M. A. G. (1996). *A sintaxe diacrônica das interrogativas-Q do português* [unpublished doctoral dissertation]. Universidade Estadual de Campinas.
- Lucchesi, D. & Baxter A. (2009). A transmissão linguística irregular. In D. Lucchesi, A. Baxter & I. Ribeiro (Eds.), *O português afro-brasileiro* (pp. 101-124). EDUFBA
- Mioto, C. and Kato, M. A. (2005). As interrogativas Q do português europeu e do português brasileiro atuais.” *Revista da ABRALIN*, 4, 171-196.
- Rosemeyer, M. & Van de Velde, F. (2020). On cause and correlation in language change: word order and clefting in Brazilian Portuguese. *Language Dynamics and Change*, 11(1), 130-166.

- Santos, E. F. de & Oliveira, M. S. D. de (2011). Aspectos da categoria foco no português de Angola. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 13, 269-303.
- Santos, E. F. de & Silva, R. (2019). Estudo inicial das perguntas-Q no português de Guiné-Bissau. In M. S. D. de Oliveira & G. A. de Araujo (Eds.), *O português na África Atlântica* (pp. 237- 257). FFLCH/USP.

Latinização da escrita e grau de cultura dos redatores: análise de anúncios de jornais do Rio Grande do Sul do século XIX

Tatiana Keller (tatiana.keller@ufsm.br), U. Federal de Santa Maria
Valeria Monaretto (monareto@ufrgs.br), U. Federal do Rio Grande do Sul

Romaine (1982), de modo pioneiro, indaga sobre a possibilidade de investigar-se aspectos extralinguísticos da variação linguística observada em registros históricos de uma língua. Dessa forma, lança as bases para o surgimento da *Sociolinguística Histórica*, segundo Hernández-Campoy e Conde-Silvestre (2012), área do saber cujo objetivo é reconstruir a história de uma língua em seu contexto sociocultural. No âmbito dessa teoria, Medina Morales (2005) alude dificuldades na definição de variáveis sociais, como por exemplo, *escolaridade*, visto que poucos eram os que tinham acesso à alfabetização e aos meios de comunicação em tempos passados. Contudo, Marquilhas (1996) admite que seja possível medir a habilidade na escrita de um escrevente, ou seja, seu maior ou menor contato com a escrita, com base em aspectos físicos, gráficos e fonéticos. De modo semelhante, Barbosa (2005) propõe que a existência de formas latinizadas (taxa de uso), bem como seu uso de modo adequado a sua etimologia (taxa de acerto) seriam indícios de maior grau de cultura e de domínio da norma culta. Conforme Barbosa (2005), quanto maior for a quantidade de grafias latinas em um autógrafo oitocentista maior terá sido o contato do autor com os meios de transmissão de modelos de erudição, tais como jornais, livros, manuais escolares etc. São consideradas formas latinizadas palavras que apresentam: encontros consonantais com consoantes mudas (*optimo*), consoantes geminadas (*anno*), uso de letras especiais (*muyto*), uso de *h* 'mudo' (*theatro*). Desse modo, a fim de observar o grau de cultura de redatores do Rio do Grande do Sul do século XIX, propomos a análise de anúncios dos jornais *Gazetinha*, *O Combatente*, *Diário do Rio Grande*, *O Taquaryense* e *A Imprensa* os quais estiveram em circulação no estado nesse período e cujas edições digitalizadas estão disponíveis no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital do Brasil. A metodologia seguiu os seguintes passos: (a) seleção de formas latinizadas nos anúncios de jornais gaúchos do século XIX, (b) observância da manutenção da origem latina correta ou não das palavras, (c) categorização, com base nas taxas de uso e de acerto de formas latinizadas, dos redatores dos anúncios de acordo com seu grau de cultura. Por fim, pretende-se comparar os resultados obtidos nesta pesquisa com os de Lima (2014) em que foram analisados jornais cariocas oitocentistas e com os de Monareto (2021) cujo objeto de exame foram cartas particulares gaúchas desse mesmo período.

Palavras-chave: latinização da escrita, grau de cultura, anúncios de jornal, século XIX, Rio Grande.

Bibliografia:

- Barbosa, A. G. (2005). Tratamento dos 'Corpora' de sincronia passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In C. R. dos S. Lopes (Org.). *A norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: FAPERJ.

- Biblioteca Nacional Digital do Brasil. (2023, 30 de março). Recuperado de <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>
- Hernández-Campoy, J. M., & Conde-Silvestre, J. C. (Eds). (2012). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. London: Blackwell.
- Lima, A. X. (2014). *Descrição da ortografia portuguesa: a inserção do princípio etimológico na prescrição e na prática gráficas oitocentistas*. Tese (Doutorado) – UFRJ / Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas.
- Marquilhas, R. (1996). *A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no século XVII*. Universidade de Lisboa, Lisboa, v.2, p. 239-257.
- Medina Morales, F. (2005). Problemas metodológicos de la sociolingüística histórica. *Forma y Función*, n. 18, p. 115-137.
- Monaretto, V. N. de. O. (2021). Para uma estratificação de redatores oitocentistas por graus de cultura e escrita. In P. V Andresen, M. A. R. Martins, & I. de O. e S. Monguilhott (Orgs.). *Variação e mudança linguística no português falado e escrito na região sul e outros temas*. São Paulo: Blucher.
- Romaine, S. (1982). *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press.

“Ler, escrever, e contar na forma, que se pratica em todas as Escolas das Nações civilizadas”: Diretório dos índios e escolarização nas vilas indígenas da Bahia setecentista

Pedro Daniel dos Santos Souza (pdan.uneb@gmail.com), U. do Estado da Bahia

A política de gestão das línguas na América portuguesa prevista no *Diretório dos índios*, que determinava a proibição das línguas indígenas dos diversos grupos etnolinguísticos e, em particular, da chamada geral – considerada uma invenção “abominável” e “diabólica” –, resultou em reconfigurações sociolinguísticas da Bahia. Nesse contexto, a abertura de escolas para os meninos e as meninas indígenas, assim como os índios inclinados a esta matéria, nas vilas erigidas dos antigos aldeamentos jesuíticos, na segunda metade do século XVIII, configurou-se como importante instrumento para execução dessa política linguística, considerada a base da “civilidade” dos povos indígenas que se pretendia alcançar pela Coroa portuguesa (Almeida, 1997). Na Bahia setecentista, o tribunal especial do Conselho Ultramarino, instalado em Salvador, desempenharia um papel crucial na implementação das ordens de Sua Majestade expressa no *Diretório*, trazendo à cena um novo agente de ensino de língua portuguesa como segunda língua e de letramento indígena, o escrivão-diretor (Souza, 2019). Inscrevendo-se nos campos da História Social Linguística do Brasil e da História Social da Cultura Escrita, este trabalho busca refletir sobre alguns caminhos de interpretação sobre a construção das vilas de índios na Bahia e suas implicações linguísticas, na tentativa de mapear o cumprimento das orientações do *Diretório dos índios* quanto à abertura de escolas públicas e, em caso positivo, à sua abrangência, assim como até que ponto estavam ou não generalizadas, o papel que desempenharam na eliminação de línguas e culturas e se cumpriram o objetivo de ensinar a ler e a escrever. Nesse sentido, faz-se o enfrentamento a dois percursos investigativos (Mattos e Silva, 1998): (i) a recuperação da articulação entre os fatos de ocupação territorial, as sucessivas distribuições demográfico-linguísticas e as prevalências e desaparecimento das línguas; e (ii) a reconstrução da história da escolarização no Brasil, mais amplamente, a difusão social da escrita, verticalizando o olhar para a participação dos povos indígenas na cultura escrita. Assim, a partir de fontes do Arquivo História Ultramarino (AHU), do Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB) e da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNJR), lançamos luz sobre a atuação dos escrivães-diretores, quanto à obrigação de ensinar a “ler, escrever e contar aos meninos” indígenas, e as reconfigurações demográfico-linguísticas dos espaços investigados. A política linguística expressa no *Diretório* e a sua implementação por meio da “escola para índios” configuram-se como variáveis fundamentais para compreendermos o avanço da língua portuguesa nas vilas de índios e suas implicações linguísticas.

Palavras-chave: Diretório dos índios., Políticas linguísticas., Escolarização., Capitania da Bahia setecentista, Escrivães-diretores.

Bibliografia:

- Almeida, Rita Heloísa de. (1997). *O Diretório dos índios: um projeto de civilização no Brasil do século XVIII*. Brasília: Editora UnB.
- Furtado, Francisco Xavier de Mendonça. (!758). *Directorio, que se deve observar nas Povoações dos Indios do Pará, e Maranhão, Enquanto Sua Magestadenaõ mandar o contrario*. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues.
- Mattos e Silva, R. V. (1998). Ideias para a história do português brasileiro: fragmentos para uma composição posterior. In: Castilho, A. T. de. *Para a história do português brasileiro: primeiras ideias*, vol. I. São Paulo: Humanitas. p. 21-52.

Souza, Pedro Daniel dos Santos. (2019). *Sobre o uso da Língua do Príncipe: história social da cultura escrita, reconfigurações linguísticas e populações indígenas na Bahia setecentista*. 2019. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Lingue romanze in contatto: continuità e contrasti per un'analisi applicata alla lettura di testi gallego-portoghesi medievali

Chiara Valorzi (valorzi.chiara@gmail.com), Ludwig-Maximilians-Universität München

L'elaborato si basa sulla presentazione delle dinamiche di intercomprensione nel testo scritto tra le varietà romanze in epoca medievale centrale, con specifica analisi applicata al gallego-portoghese.

L'introduzione della nascita e della diversificazione delle lingue romanze in epoca romana e postuma tramite un'analisi di teorie della linguistica stratigrafica e genealogica, della variazione linguistica, della frammentazione della Romania ed una presentazione storico-europea del viaggio e degli scambi letterari in periodo medievale, aiuteranno a condurre un'indagine specifica sulla comprensione inter linguas nel periodo del Medioevo centrale (XI-XIII secolo).

L'interesse per questa tematica è nato a partire dall'analisi di testi medievali in lingua romanza francese e gallego-portoghese e dalla conseguente constatazione dell'esistenza di tratti comuni e similitudini tra queste varietà, ponendo la domanda dell'intelligibilità e dell'intercomprensione effettiva nel testo scritto in territorio romanzo medievale.

Verrà tenuta in considerazione la variazione diastratica come mezzo di conoscenza linguistica, in quanto nel periodo d'interesse l'educazione era riservata ad una parte privilegiata della popolazione. La variazione diastratica indica, pertanto, una discrepanza tra le classi sociali più privilegiate e quelle meno, conferendo alle genti più agiate, soprattutto in primis grazie all'istruzione, gli strumenti d'apprendimento necessari alla lettura. Fu proprio questa piccola parte della popolazione ad avere l'opportunità di affrontare la lettura di testi che non fossero scritti nella loro lingua nativa, accedendo a tradizioni discorsive di altre regioni europee e confrontandosi con varietà linguistiche diverse dalla propria.

I capitoli storici sul viaggio e gli scambi letterari sosterranno l'exkurs sulle teorie del plurilinguismo ricettivo e produttivo in epoca medievale, in quanto epoca profondamente marcata dal plurilinguismo, un plurilinguismo che facilitò l'intercomprensione tra varietà genealogicamente vicine. L'intento di quest'elaborato sarà, pertanto, quello di portare luce su questo periodo storico, sull'efficacia nell'intercomprensione scritta tra lingue genealogicamente vicine, con un'analisi ultima applicata e mirata alla varietà gallego-portoghese medievale.

I testi che verranno analizzati sotto un punto di vista linguistico saranno la strofa in gallego-portoghese del discordo plurilingue di Raimbaut de Vaqueiras Eras quan vey verdeyar, la prima strofa della cantiga di Dom Dinis A mia senhor que eu por mal de mim e la prima strofa del giullare Juião Bolseiro Da noite d'eire poderam fazer. Verrà elogiato il virtuosismo poetico di Raimbaut de Vaqueiras nel riprodurre più o meno correttamente la lingua gallego-portoghese, che verrà successivamente messa in contrasto alla lingua utilizzata dai due scrittori nativi al fine di determinare l'effettiva trasparenza delle varietà romanze analizzate in un contesto intrinsecamente plurilingue e marcato da una comunicazione molteplice libera dal potere egemonico delle lingue di Stato.

Palavras-chave: o Intercomprensione, o plurilinguismo medievale, o Dom Dinis, o Juião Bolseiro, o Raimbaut de Vaqueiras.

Bibliografia:

- Braunmüller, Kurt (2007): Receptive multilingualism in Northern Europe in the Middle Ages in: Receptive Multilingualism: Linguistic analyses, language policies and didactic concepts, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 25-47.
- Brugnolo, Furio (1983): Plurilinguismo e lirica medievale, Roma: Bulzoni editore.
- Brugnolo, Furio (2009): La lingua di cui si vanta Amore: Scrittori stranieri in lingua italiana dal Medioevo al Novecento, Roma: Carocci editore.
- Classen, Albrecht (2016): Multilingualism in Medieval Europe: Pilgrimage, Travel, Diplomacy, and Linguistic Challenges in: Multilingualism in the Middle Ages and Early Modern Age: Communication and Miscommunication in the Premodern World, De Gruyter, p. 279-312.
- Escudé, Pierre e Calvo del Olmo, Francisco (2019): Intercomprensão: a chave para as línguas, São Paulo: Parábola Editorial
- Frateschi Vieira, Yara, Morán Cabana, Maria Isabel e Souto Cabo, José António (2015): O caminho poético de Santiago, São Paulo: Cosac Naify
- Krefeld, Thomas (2003): Methodische Grundfragen der Strataforschung: Questions fondamentales et méthodologiques relatives à la recherche sur les strates in: Romanische Sprachgeschichte / Histoire Linguistique de la Romania. 1. Teilband: Ein Internationales Handbuch Zur Geschichte der Romanischen Sprachen / Manuel International d'Histoire Linguistique de la Romania, Gerhard Ernst, et al., De Gruyter, Inc. p. 555-567.
- Lüdtke, Helmut (2009): Der Ursprung der romanischen Sprachen: eine Geschichte der sprachlichen Kommunikation, Kiel: Westensee-Verlag
- Reichert, Folker (2001): Erfahrung der Welt: Reisen und Kulturbegegnung im späten Mittelalter, Stuttgart: Kohlhammer

Siti web:

- Cantigas Medievais Galego-Portuguesa - Instituto de Estudos Medievais, Lisboa. Accessibile da: [<https://cantigas.fcsh.unl.pt>] [Ultimo accesso: 11.12.2022]
- DGLFLF (2016). L'intercompréhension. Références 2016. 2ème édition. Délégation générale à la langue française et aux langues de France, OIF. Accessibile da: [<https://www.culture.gouv.fr/Thematiques/Langue-francaise-et-langues-de-France/Agir-pour-les-langues/Encourager-le-multilinguisme/Multilinguisme-toutes-nos-publications/References-Intercomprehension>] [Ultimo accesso: 15.12.2022]
- DoM en ligne. Accessibile da: [<https://dom.badw.de>] [Ultimo accesso: 13.12.2022]

Mapeamento do papel lexicogênico de bases participiais na primeira fase do português arcaico ou galego-português (séculos XII a XIV)

Matheus Pinto (matheus.machadopinto@gmail.com), U. Federal da Bahia

O papel do participio nos processos de formação de palavras é reconhecido em diferentes descrições do latim (De Vaan, 2008; Fruyt, 2011) e do português (Viaro, 2011, 2013; Rio-Torto *et al.*, 2016). No português contemporâneo, para a derivação de tipo deverbal, o processo morfológico pode selecionar principalmente como base (i) o radical do verbo (ex. *estendal* ← *estend-(er)* + *-al*), (ii) seu tema (ex. *conquistador* ← *conquista-(r)* + *-dor*) ou (iii) seu participio (ex. *semeadura* ← *semead-(o)* + *-ura*). Além disso, é frequente a conversão de participios verbais em adjetivos departicipiais (Rio-Torto & Rodrigues, 2016). No fluxo histórico da língua, outro aspecto importante dos participios se revela: sua combinação com afixos latinos levou à emergência de novos sufixos derivacionais, como *-ância*, *-ência*, *-ança* e *-ença*, resultantes da reanálise de amálgamas do radical do participio presente com o sufixo latino *-ia,ae* (Lacotiz, 2007). Dada a posição singular dos participios nas estratégias lexicogênicas da língua portuguesa, fica evidenciada a importância de uma investigação pormenorizada que sobre eles se debruce. Busca-se, portanto, mapear o papel lexicogênico de bases participiais na primeira fase do português arcaico ou galego-português a partir dos textos *Foro Real* (século XIII) e *Primeyra Partida*, de Afonso X (século XIV) disponíveis no Corpus Informatizado do Português Medieval. São selecionados para a análise vocábulos de radical participial sincrónico, isto é, com radical correspondente a participio documentado no português arcaico, e de radical participial diacrónico, aqueles presentes em latim, mas não encontrados na sincronia sob estudo. Tais unidades lexicais são trasladadas para tabela Excel constituída pelas seguintes colunas: i) código alfanumérico, ii) lexema, iii) estrutura sincrónica, iv) sentido, v) etimologia, vi) classe fonte, vii) classe alvo, viii) classe observada, ix) verbo, x) formante, xi) estratégia de formação. A organização deste *corpus* permite o escrutínio dos principais aspectos atinentes à constituição de palavras a partir de bases participiais, bem como os afixos e estratégias derivacionais mais comuns com este tipo de *input*. Inserindo este trabalho em um programa de investigação que toma como aporte teórico a Morfologia Construcional (Booij, 2010) e a Gramática de Construções (Goldberg, 2006), procura-se também postular os principais esquemas derivacionais resultantes da combinação de construções participiais com outras construções lexicogênicas.

Palavras-chave: participio, construção, derivação departicipial.

Bibliografia:

- Booij, G. (2010). *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press.
- De Vaan, M. (2008). *Etymological dictionary of Latin and the other Italic languages*. Leiden: Brill.
- Fruyt, M. (2011). Word-formation in Classical Latin. In Clackson, J. (Ed.). *A companion to the Latin language* (pp. 157-175). Malden: Wiley Blackwell.
- Lacotiz, A. (2007). *Estudo diacrónico da função e dos valores semânticos dos sufixos -ança/-ença, -ância/-ência no português*. Dissertação, Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Rio-Torto, G. *et al.* (2016). *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Rio-Torto, G. & Rodrigues, A. (2016). Formação de adjetivos. In Rio-Torto, G. *et al.* *Gramática derivacional do português* (pp. 241-296). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Viaro, M. (2013). *Manual de etimologia do português*. São Paulo: Globo.
- Viaro, M. (2011). *Etimologia*. São Paulo: Contexto.

Mudanças de transitividade em variedades nacionais do português: o caso do português moçambicano

Alice Mevis (alice.mevis@gmail.com), U. Católica Portuguesa - Centro Regional de Braga

Devido a uma longa história de expansão e colonização, o português é hoje verdadeiramente uma língua pluricêntrica (Soares da Silva 2022). Ao ser levado para vários continentes, o português esteve diacronicamente em contacto com várias línguas, de entre as quais se destacam línguas africanas do grupo bantu e línguas indígenas do grupo tupi. O contacto linguístico – quer histórico no caso do Brasil, quer contemporâneo no caso dos países africanos de língua oficial portuguesa – teve um impacto significativo no rumo próprio das variedades não-europeias do português, tendo-se naturalmente acentuado depois da independência dos respetivos países. O estudo das variedades não-europeias do português permitiu observar que elas partilham alguns traços linguísticos alheios à gramática do português europeu (PE), o que levou alguns linguistas à hipótese de um *contínuo afro-brasileiro* (Álvarez-López *et al.* 2018). Especificamente, o português brasileiro (PB), angolano (PA) e moçambicano (PM), por apresentarem condições socio-históricas de emergência semelhantes, nomeadamente um contacto intensivo e extenso com línguas do grupo bantu num contexto colonial, também se espera que apresentem desenvolvimentos linguísticos convergentes. Entre outros exemplos destas convergências, encontram-se a falta de concordância de número e género (Pissurno 2018), a perda dos clíticos e a sua substituição por formas tónicas (Kosi 2021), mudanças na expressão do objeto direto e indireto e casos de lheísmo (Adriano 2014), e ainda mudanças na estrutura argumental dos verbos (Gonçalves 2010).

No que diz respeito a esta última área de variação e mudança, Petter (2009: 215) afirma que “há muitos casos em que a estrutura sintática do verbo em PE é diferente da encontrada em PA, PB e PM. Gonçalves (1996) afirma que a variedade moçambicana do português se distingue do PE porque amplia a classe dos verbos transitivos diretos”. No entanto, essa hipótese de mudança ainda não foi testada empiricamente nem descrita sistematicamente. O presente estudo pretende fornecer novos elementos para descrever a *hipótese da transitivação* e avaliar o seu impacto. Mais especificamente, propomos investigar, com base num estudo de *corpus*, as mudanças de regência verbal no PM, especialmente os processos de transitivação de verbos, incluindo uma breve comparação com a situação no PA. À luz da Gramática de Construções (Goldberg 2006) e da Gramática Cognitiva (Langacker 2008), a nossa análise, baseada em dados extraídos do *Corpus do Português* (Davies 2016), permite (i) a identificação de três processos de transitivação no PM, com diferentes graus de produtividade, nomeadamente a transitivação de verbos intransitivos, a alteração do complemento preposicional para complemento direto e as chamadas construções de duplo objeto; (ii) a caracterização conceptual, semântica e pragmático-discursiva das chamadas construções *passivas dativas*, exclusivas da variedade moçambicana e já bastante produtivas, e (iii) a demonstração de que o contacto de línguas, não só gera convergências entre variedades não-europeias do português, como também impulsiona diferentes rumos de mudança particular a cada ecologia linguística. Os resultados obtidos conduzem a uma reavaliação do papel do contacto linguístico, tendo em conta que o sistema da própria língua portuguesa também condiciona, em certa medida, a mudança linguística.

Palavras-chave: pluricentrismo, contacto linguístico, transitividade.

Bibliografia:

Adriano, P. (2014). *Tratamento morfossintático de expressões e estruturas frásicas do português em Angola. Divergências em relação à norma europeia*. Tese de Doutoramento. Universidade de Évora.

- Álvarez López, L., Gonçalves, P., & Ornelas de Avelar, J. (eds.). (2018). *The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam: John Benjamins.
- Davies, M. (2016). *Corpus do Português: Web/Dialects*. One billion words; 4 countries. <http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>.
- Goldberg, A. (2006). *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press.
- Gonçalves, P. (1996). *Português de Moçambique: uma variedade em formação*. Maputo: Livraria Universitária – UEM.
- Gonçalves, P. (2010). *A génese do português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Kosi, E. (2021) Ainda na onda de uma gramática do além-mar. In A. Timbani, D. Sassuco & M. Undolo (eds.). *O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino*. São Paulo: Editora Opção, 194–215.
- Langacker, R. W. (2008). *Cognitive Grammar. A basic introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Petter, M., (2009). Aspectos morfossintáticos comuns ao português angolano, brasileiro e moçambicano. *Papia* 1, 201–220.
- Pissurno, K. (2018). Padrões de concordância verbal de terceira pessoa plural no Português de São Tomé e no Português de Moçambique. In S. Brandão (ed.), *Duas Variedades Africanas do Português: Variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 245–276
- Soares da Silva, A. (2022). Portuguese, pluricentricity and Brazilian Portuguese: A case of a reverted asymmetry?. In R. Muhr, E. Duarte, C. Rodrigues & J. Thomas (eds.). *Pluricentric languages in the Americas*. Graz: PCL-Press, 135–156.

No princípio era o verbo FACERE: percursos de gramaticalização

Rui Pereira (ruiabelp@gmail.com), U. de Coimbra, CELGA-ILTEC, Faculdade de Letras

A observação de estádios diferentes de uma língua permite captar o facto de uma forma que funciona inicialmente como um item lexical passar, numa fase posterior, a ser usada também como um item de natureza gramatical, ou seja, permite observar o seu processo de gramaticalização. É dessa forma que tradicionalmente é descrito o surgimento, em várias línguas românicas, do sufixo *-mente* formador de advérbios (do ablativo do nome *mens*, *mentis* em sequências sintáticas latinas: cf. CLARA MENTE > *claramente*) e dos afixos flexionais presentes nas formas de futuro do indicativo e do condicional (cf. AMARE HABEO > *amarei*; AMARE HABEBAM > *amaria*) (Castro et al., 1991; Grandgent, 1970; Joseph, 1998). Esta constatação leva vários autores a afirmar que a fonte primária da morfologia é o material já existente na língua, em resultado de processos de mudança (fónica, sintática e semântica), bem como da ressegmentação e recategorização das unidades linguísticas (Hopper & Traugott, 2003; Mendes, 2013; Norde, 2021; Silva, 2012; van der Auwera et al., 2015).

Em alguns estudos recentes, também o sufixo verbalizador *-ificar* passou a ser referenciado como um exemplo da atuação do processo de gramaticalização (Mendes, 2013, Pereira, 2007; Silva, 2012). De facto, um conjunto de verbos com o segmento sufixal *-(i)ficar* (e.g. *crucificar, sacrificar, santificar*), com origem em construções sintáticas latinas que envolviam o verbo FACERE, passou a funcionar como um padrão produtivo de construção de verbos denominais e deadjetivais. Paralelamente, o português incorporou um conjunto de palavras que são vestígio da existência, em latim, de um esquema de construção de sequências de palavras com a estrutura *advérbio + facere* (e.g. *satisfacere, rarefacere*), entretando descontinuado. Ou seja, as fases pretéritas da evolução linguística estão presentes na gramática das línguas modernas, seja na forma de esquemas de construção de palavras e suas instâncias concretas, seja na forma de “fósseis linguísticos” (Heine et al., 2013).

Nesta comunicação, pretendemos descrever o percurso de gramaticalização sofrido pelo verbo latino FACERE, que está na origem do sufixo *-ificar* usado em português na construção de verbos denominais e deadjetivais (e.g. *classificar, dignificar*). Analisar-se-ão não apenas os processos de dessintatização e de reinterpretação sofridos pelas construções com o verbo FACERE, mas também as condições de convivência entre os derivados em *-ificar* e outras construções linguísticas (sintéticas e analíticas) que integram o constituinte *fazer* em português.

Palavras-chave: Sufixo, diacronia, gramaticalização.

Bibliografia:

- CASTRO, I., MARQUILHAS, R. & LÉON ACOSTA, J. (1991). *Curso de História de Língua Portuguesa*. Universidade aberta.
- GRANDGENT, C. H. (1970). *Introducción al Latín Vulgar*, 4.^a ed. Trad. y anot. por Francisco de B. Moll. Publicaciones de la Revista de Filología Española, núm. IX.
- HEINE, B.; KALTENBÖCK, G. & KUTEVA, T. (2013). On the origin of Grammar. In C. Lefebvre, B. Comrie & H. Cohen (eds.), *New Perspectives on the Origins of Language* (pp. 379-406). John Benjamins.
- HOPPER, P. J. & TRAUGOTT, E. C. (2003). *Grammaticalization*, 2nd ed. Cambridge University Press (1st ed. 1993).
- JOSEPH, B. D. (1998). Diachronic Morphology. In A. Spencer & A. M. Zwicky (eds.), *The Handbook of Morphology* (pp. 351-373). Blackwell Publishers.
- MENDES, A. (2013). Processos de gramaticalização. In Raposo, E.P et al. (eds), *Gramática do Português*. Vol. I (pp. 249-292). Fundação Calouste Gulbenkian.
- NORDE, Muriel (2021). Grammaticalization in morphology. In R. Lieber (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Morphology*. Oxford University Press.
- PEREIRA, R. (2007). *Formação de Verbos em Português: Afixação Heterocategorial*. Lincom.
- SILVA, A. S. (2012). Gramaticalização, reanálise e subjectificação. Para uma revisão do conceito de gramaticalização. In M. M. Santiago-Almeida & M. C. Lima-Hernandes (orgs.), *História do Português Paulista*. Série Estudos Vol. III (pp. 25-44). UNICAMP/Publicações do Instituto de Estudos da Linguagem
- VAN DER AUWERA, J, VAN OLMEN, D. & DUMON, D.(2015). Grammaticalization. In E. Dabrowska & D. Divjak (eds.), *Handbook of Cognitive Linguistics* (pp. 634-650). De Gruyter Mouton.

Nomes de acidentes geográficos no Dicionário Histórico do Português do Brasil (sécs. XVI a XVIII): contribuições para a história do léxico

Maria Filomena Gonçalves (mfg@uevora.pt), U. de Évora

O objetivo trabalho deste trabalho é demonstrar o contributo do *corpus* de textos que serviu de base à elaboração do Dicionário Histórico do Português do Brasil (DHPB) para o estudo dos nomes de acidentes geográficos. O DHPB corresponde a um recorte cronológico que vai de 1500 (Carta de Pero Vaz de Caminha) a 1808 (ano da chegada corte portuguesa a território brasileiro). O referido “banco de dados” tem servido de fonte para vários estudos – sobretudo teses de doutoramento (cf. Bernardo, 2020; Almeida, 2022) – na área das ciências do léxico, sendo inúmeras as investigações que, a partir dele, são possíveis na área das com destaque para os âmbitos tanto da lexicologia como da terminologia diacrónica.

O DHPB foi concebido e iniciado por Maria Teresa Biderman, lexicógrafa da UNESP/FCLAr, Brasil, e foi levado a bom termo por Clotilde Almeida Azevedo Murakawa, vice-coordenadora do projeto, tendo contado com o financiamento do CNPq/Institutos do Milênio. Encerrado em 2012, o DHPB, que tem 10.470 verbetes, está disponível em linha desde setembro de 2021, assim como o seu *corpus*. Quer o DHPB quer o “banco de textos” constituem um marco na história da lexicografia luso-brasileira, por ser o primeiro dicionário de cariz histórico que parte, exclusivamente, de um *corpus* textual recolhido com essa finalidade, e por apresentar verbetes que apontam, exclusivamente, as aceções registadas no *corpus* composto por transcrições de documentos escritos no período atrás mencionado.

Em 2019, Carmo, Villalva & Cardeira (2019) já se debruçaram sobre os nomes que, em português, se referem a acidentes geográficos, correspondentes, em inglês, à unidade “hill”. Neste trabalho, trataremos de recensear precisamente os nomes de acidentes geográficos registados no *corpus* textual agora on-line (por ex. barranco, colina, cordilheira, desfiladeiro, escarpa, entre outros), unidades lexicais que, por um lado, serão contrastadas com os testemunhos da tradição lexicográfica portuguesa, e, por outro, com os dados disponíveis em vários *corpora* do português.

Com a análise dos dados recolhidos, pretende-se contribuir não só para o estudo histórico das denominações de acidentes geográficos, identificando aceções e matizes léxico-semânticos, mas também para a cronologia lexical deste tipo de unidades lexicais.

Palavras-chave: dicionário histórico, léxico, acidentes geográficos.

Nomes de qualidade deadjetivais no *Diccionario da Língua Portuguesa*, de Moraes e Silva

Sílvia Ribeiro (sribeiro@ua.pt), Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda da U. de Aveiro/
CLLC-UA/ U. de Coimbra, CELGA-ILTEC, Faculdade de Letras

Neste trabalho analisam-se os nomes de qualidade deadjetivais registados no *Diccionario da Língua Portuguesa*, de Antonio de Moraes e Silva (2.^a edição, publicada em Lisboa, em 1813), conferindo-se especial atenção à rivalidade entre sufixos usados, mas aferindo também a distribuição destas unidades adjetivais por diferentes áreas léxico-conceituais, e especialmente, a sua associação (ou não) a áreas do saber particulares. Considerando a estrutura morfológicamente complexa dos nomes de qualidade deadjetivais (Correia, 2004; Moita, Janssen & Correia, 2010; Rio-Torto & Rodrigues, 2016; Hidalgo Matias & Martin Garcia, 2019), pretende-se conhecer as bases e afijos mobilizados para a sua criação, estudando de modo mais detalhado os pares/trios de unidades que, sendo construídas a partir de uma mesma base, aceitam acoplar-se a diferentes sufixos (Correia, 2015). Optou-se pela escolha deste Dicionário não apenas pela sua relevância na história da lexicografia portuguesa (Biderman, 2003; Verdelho, 2003), mas também pelo facto de nele haver já registo de diversos termos científicos que refletem a efervescência da Ciência em Portugal, na transição dos séculos XVIII para XIX. Os dados já analisados mostram uma significativa rivalidade nos sufixos selecionados, verificando-se, sobretudo, a coexistência de unidades formadas com sufixos autóctones (e.o., *-ez(a)*, *-ur(a)*) e com sufixos internacionais (e.o., *-idad(e)*). Regista-se também uma preferência, ainda que não muito evidente, do sufixo *-idad(e)* para denominações associadas a diversos domínios científicos (ex.: Química).

Palavras-chave: nomes de qualidade deadjetivais, rivalidade sufixal, lexicografia

Referências bibliográficas:

- Biderman, M.T. (2003). Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. Alfa - Revista de Linguística, 47(1), pp. 53-69.
- Correia, M. (2004). Construção de palavras e denominação: o caso dos nomes das qualidades em português. Edições Colibri.
- Correia, M. (2015): Rivalidade entre sufixos com base em dados da neologia do português. In E. Bernal & J. DeCesaris (eds.), Los afijos: variación, rivalidad y representación (pp. 47-64). IULA.
- Hidalgo Matias, J. & Martin Garcia, J. (2019): Cualidades, estados y estados resultantes: su distribución en derivados con base adjetiva compartida, Revista Signos – Estudos de Linguística, 52 (100), pp. 432-456.
- Moita, M., Janssen, M., & Correia, M. (2010). Affix selection and deadjectival nouns. A data-driven approach. In C. Humphries, J. Kossec & A. Gomolo (eds.), English language, literature and culture: new directions in research. Wydawnictwo Akademii Techniczno-Humanistycznej.
- Rio-Torto, G. & Rodrigues, A. S. (2016). Formação de nomes. In: G. Rio-Torto (coord.), Gramática Derivacional do Português (pp. 135-240). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Silva, A. M. (1813). Dicionário da Língua Portuguesa (2.^a ed). Typographia Lacerdina.
- Verdelho, T. (2003). O dicionário de Moraes Silva e o início da lexicografia moderna. In Head, B. et al. (Orgs.), História da Língua e História da Gramática: Actas do Encontro (pp. 473-490), Universidade do Minho / ILCH.

Novas perspectivas sobre o chiado português

Paul O'Neill (ponpauloneillpon@gmail.com), The University of Sheffield (from October Ludwig Maximilians Universität - LMU Munich)

Os estudos sobre a origem da palatalização de /s/ em final de sílaba no português europeu se concentram em suas origens geográficas e quando esta mudança ocorreu. Tradicionalmente, pensava-se que a palatalização teria ocorrido no século XVII na área meridional de Portugal, de onde acabou se espalhando para o resto do país (Silva Neto, 1988; Teyssier, 1984). Entretanto, pesquisas mais recentes sugeriram que houve pronúncias palatais muito antes e também no Norte (Cardeira, 2003; Maia, 1986; Nunes, 1928). Poucos estudos, no entanto, oferecem uma explicação convincente sobre o porquê de esta palatalização ter ocorrido em primeiro lugar. Meu trabalho tenta abordar esta questão através da combinação de insights da fonética experimental e da dialetologia histórica.

Palavras-chave: chiado, koineização, contato de dialetos.

Bibliografia:

- Britain, D., & Trudgill, P. (2005). New Dialect Formation and Contact-Induced Reallocation: Three Case Studies from the English Fens. *International Journal of English Studies*, 5(1), 183-209. doi:10.6018/ijes.5.1.47951
- Cardeira, E. a. (2003). Alguns dados sobre o sistema de sibilantes do português. In I. C. Castro & I. s. Duarte (Eds.), *Razões e emoção. Miscelânea de estudos oferecida a Maria Helena Mateus*. (Vol. 1, pp. 129-145). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Garrett, A., & Johnson, K. (2011). Phonetic Bias in Sound Change.
- Kerswill, P. (2013). Koineization. In (pp. 519-536). Oxford, UK: John Wiley & Sons, Inc.
- Maia, C. d. A. (1986). *História do galego-português: estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Nunes, J. J. (1928). *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses* (Vol. 1). Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Silva Neto, S. (1988). *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença.
- Stevens, M., Bukmaier, V., & Harrington, J. (2015). *Pre-consonantal /s/-retraction*. Paper presented at the 18th International Congresses of Phonetic Sciences, Glasgow.
- Teyssier, P. (1984). *História da Língua Portuguesa* (C. Cunha, Trans. 2nd ed.). Lisboa: Sá de Costa.
- Trudgill, P. (1986). *Dialects in contact*. Oxford: Blackwells.

O ato ilocutório de crítica na Pragmática da Interlíngua – Análise de produções de aprendentes chineses de Português como Língua Não Materna

Conceição Carapinha (mccarapinha@fl.uc.pt), U. de Coimbra, CELGA-ILTEC, Faculdade de Letras
Xin Li (zulmira.lixin@yahoo.com), U. de Estudos Internacionais de Xi'an

Alicerçando-se numa investigação sobre a realização do ato ilocutório de crítica, uma subcategoria de atos ilocutórios expressivos pouco explorada no âmbito das pesquisas desenvolvidas na área da Pragmática Linguística e, sobretudo, na área da Pragmática da Interlíngua, o presente estudo tem o intuito de analisar a produção do ato de crítica por alunos chineses que aprendem o português europeu como língua estrangeira (PLE), em comparação com os usos desse ato ilocutório produzidos por falantes nativos portugueses.

Foram recolhidos, no total, 30 conjuntos de produções escritas de um inquérito elaborado com 5 situações que serviram de estímulo. O grupo dos informantes do presente estudo é composto por 10 aprendentes chineses do nível intermédio, 10 do nível avançado e 10 alunos nativos da língua portuguesa europeia. A análise do *corpus* foi efetuada com base no modelo de Nguyen (2005) e recai principalmente sobre dois aspetos: (i) orientação da crítica; (ii) estratégias de realização do ato. As variáveis consideradas dizem respeito ao nível de proficiência linguística, ao grau de formalidade e às características do grupo e do seu *ethos*.

Os resultados mostram uma certa convergência intergrupar dentro de cada situação alvo de estímulo, tanto no que toca à sua orientação, como no que respeita às fórmulas semânticas utilizadas. Além destes resultados, e contrariamente ao que afirmam alguns estudos (Wu & Fan, 2004) sobre a existência de estratégias indiretas na expressão da crítica, na cultura chinesa, as produções linguísticas dos estudantes chineses não mostram essa tendência em todos os contextos, o que pode ser um resultado de (i) um enviesamento dos resultados, provocado pelo DCT, que corresponde sempre a uma situação artificial e que, conseqüentemente, gera uma maior distância emocional perante dilemas morais; (ii) uma estratégia de evitamento, motivada por uma ainda não bem consolidada competência linguística e comunicativa da LA.

Atesta-se ainda a existência de melhorias na competência pragmática dos níveis de proficiência mais avançados, convergindo com o que acontece com o grupo dos falantes nativos, pelo facto de, nesses níveis, os informantes se inclinarem a ser mais diretos e conseguirem um maior equilíbrio entre as estratégias diretas e indiretas, embora, às vezes, usando formas mais diretas que o próprio grupo-alvo por efeito da sobregeneralização pragmática.

Palavras-chave: ato ilocutório de crítica, competência pragmática, português língua estrangeira (PLE).

Bibliografia:

- Blum-Kulka, S. (1987). Indirectness and politeness in requests: Same or different? *Journal of Pragmatics*, 11(2), 131–146.
- Brown, P., Levinson, S. C., & Levinson, S. C. (1987). *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge University Press.
- Costa, A., Foucart, A., Hayakawa, S., Aparici, M., Apesteguia, J., Heafner, J., & Keysar, B. (2014). Your Morals Depend on Language. *PLOS ONE*, 9(4), e94842. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0094842>.
- Farnia, M., & Sattar, H. Q. A. (2016). A Sociopragmatic Analysis of the Speech Act of Criticism by Persian Native Speakers. *International Journal of Humanities and Social Sciences*, 2(3), 305–327.
- Gu, Y. G. (1990). Politeness phenomena in modern Chinese. *Journal of Pragmatics*, 14(2), 237–257. [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(90\)90082-o](https://doi.org/10.1016/0378-2166(90)90082-o).
- Nguyen, T. T. M. (2005). *Criticizing and responding to criticism in a foreign language: A study of Vietnamese learners of English*. Auckland: University of Auckland Ph.D. thesis.
- Nguyen, T. T. M. (2013). An exploratory study of criticism realization strategies used by NS and NNS of New Zealand English. *Multilingua*, 32(1). <https://doi.org/10.1515/multi-2013-0005>
- Trosborg, A. (1995). *Interlanguage Pragmatics: Requests, Complaints, and Apologies*. Walter de Gruyter.
- Válková, S. (2013). Speech acts or speech act sets: apologies and compliments. *Linguistica Pragmática*, 23(2), 44–57.
- Wu, S. Q., & Fan, W. W. (2004). A comparison of the strategies of English and Chinese criticism speech act. *Foreign language Teaching*, 25(2), 22–25. (em chinês).

O marcador discursivo de reformulação ‘quer dizer’: apontamentos para a sua história

Ana Sofia Pinto (sofiapinto.as@hotmail.com), Faculdade de Letras/Centro de Linguística – U. do Porto
Clara Barros (mbarros@letras.up.pt), Faculdade de Letras/Centro de Linguística – U. do Porto
Fátima Oliveira (moliv@letras.up.pt), Faculdade de Letras/Centro de Linguística – U. do Porto
Fátima Silva (mhenri@letras.up.pt), Faculdade de Letras/Centro de Linguística – U. do Porto

O marcador discursivo de reformulação (MDR) ‘quer dizer’ tem sido objeto de descrição sincrónica de forma autónoma (e.g. Lopes 2014, Loureiro & Gil 2021, Silva & Pinto 2021) e em conjunto com outros MDR (e.g. Pinto 2018) e outras expressões metadiscursivas incluindo o verbo ‘dizer’ (Duarte & Marques 2019). Define-se como uma expressão lexicalizada, invariável, com um conteúdo procedimental, que permite ao locutor sinalizar ao seu interlocutor que um segmento precedente é objeto de nova formulação, podendo introduzir diferentes valores semânticos relativamente ao segmento que reformula, numa escala entre a paráfrase e a retificação.

Assumindo que este MDR é, como os outros marcadores discursivos (MD), resultado de um processo de gramaticalização, Mago (2001) e Gonçalves et al. (2007), entre outros, delimitaram o percurso de ‘quer dizer’ desde o seu primeiro uso como sintagma livre até à sua fixação como MDR, concluindo, globalmente, que o marcador ‘quer dizer’ responde aos parâmetros de um processo de gramaticalização gradual e apresenta três estádios centrais na sua evolução. Apesar da acuidade destas análises, consideramos necessário o seu aprofundamento para estabelecer de forma mais completa a emergência das diferentes formas gramaticalizadas e os valores semântico-discursivos associados, o que se reveste de especial importância dada a polifuncionalidade do MD ‘quer dizer’ e a sua coocorrência com formas de expressão homónimas até à atualidade.

Para tal, compilámos dados de diferentes *corpora* datados entre o século XIII e o século XXI e de diferentes tradições discursivas, aos quais foi aplicada uma análise quantitativa e qualitativa, sustentada em Heine et. al. (1991), Hopper & Traugott (1993) e Barros (2018), para: i) delimitar a diacronia dos usos de ‘quer dizer’; ii) analisar esses usos em articulação com diferentes tradições discursivas; iii) relacionar os estádios centrais da sua evolução com a periodização da língua portuguesa; iv) delimitar a evolução dos seus valores semântico-discursivos como MDR.

Uma análise preliminar dos dados permitiu concluir que ‘quer dizer’ sofreu um processo gradual de gramaticalização: as suas primeiras ocorrências são atestadas num texto do século XIII, com o uso pleno dos dois verbos (querer + dizer) e valor de paráfrase/tradução; o seu primeiro uso como expressão com valor de reformulação ocorre no século XVI; e a sua utilização como MDR expande-se a partir do século XIX, momento em que assume os valores semântico-discursivos atuais mais frequentes. A emergência de novos usos parece estar correlacionada com a periodização da língua portuguesa e diferentes tradições discursivas.

Palavras-chave: Marcadores discursivos, gramaticalização, tradições discursivas, gramática histórica, história da língua portuguesa.

Bibliografia:

- Barros, C. 2018. Percursos de gramaticalização dos contrastivos em Português: análise em diversas tradições discursivas. In R. Antonelli, M. Glessgen & P. Videsott (eds.). *Atti del XXVIII Congresso internazionale di linguistica e filologia romanza*. Vol. I. Strasbourg: ELIPHI, 271- 282.
- Duarte, I. M. & Marques, M. A. 2019. Expressions métadiscursives comprenant le verbe portugais *dizer*. *Studii de lingvistică*, 9(2), 113-130.

- Gonçalves, S. C. L., Lima-Hernandes, M. C. & Casseb-Galvão, V. C. (orgs.) (2007). *Introdução à Gramaticalização: Princípios Teóricos e Aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Heine, B. & Claudi, U. 1991. Hünemeyer, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press.
- Hopper, P. & Traugott, E. 1993. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lopes, A. C. M. 2014. Contributo para o estudo sincrónico dos marcadores discursivos *quer dizer, ou seja* e *isto é* no português europeu contemporâneo. *Diacrítica*, 28 (1), 33-50.
- Loureiro, A. & Gil, I. 2021. *Os dizeres de Quer Dizer. Operações de reformulação introduzidas pelo MD Quer Dizer no âmbito do discurso político parlamentar*. In D. Ablali, M. Gonçalves & F. Silva (Eds.). *Reformuler, une question de genres? / Reformular, uma questão de géneros?*, Lisboa: Editora Húmus, 119-140.
- Mago, D. del. 2001. *Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Pinto, A. S. 2018. *Marcadores de reformulação parafrásticos no género artigo científico*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Silva, F. & Pinto, A. S. 2021. O marcador de reformulação *quer dizer* no discurso oral: funções semântico-discursivas e questões de género. In D. Ablali, M. Gonçalves & F. Silva (Eds.). *Reformuler, une question de genres? / Reformular, uma questão de géneros?*, Lisboa: Editora Húmus, 141-162.

Origem, evolução e distribuição da língua portuguesa nos manuais do ensino secundário

Paulo Feytor Pinto (paulofeytorpinto@gmail.com), U. de Coimbra, CELGA-ILTEC, Faculdade de Letras

“Conhecer a origem, a evolução e a distribuição geográfica do Português no mundo” (ME, 1018: 10), uma aprendizagem essencial da disciplina de Português, no 10.º ano, é a única ao longo dos doze anos de escolaridade obrigatória, dedicada à história da língua portuguesa, da sua origem à atualidade. Nesta comunicação, serão apresentados os resultados da análise daquilo que propõem, para a concretização desta aprendizagem, os seis manuais de Português, do 10º ano, atualmente disponíveis para adoção. Trata-se de materiais didáticos certificados, publicados no início desta década (Cameira, Andrade & Pinto, 2021; Catarino & outros, 2021; Cruz & outros, 2021; Pereira & Delindro, 2021; Ruivo, Ribeiro & Gaspar, 2021; Silva, Cardoso & Nunes, 2021), e cujas fontes identificadas e datadas foram publicadas entre 1990 e 2020.

Tendo presente que os manuais escolares revelam e influenciam representações dominantes na sociedade, o objetivo deste estudo não é tanto avaliar o conteúdo de cada manual sobre a orientação curricular em análise, mas antes contribuir para a identificação de consensos e tensões na representação portuguesa contemporânea dos contactos de línguas e da história social da língua que se formou em Portugal e hoje é falada em dezenas de países do mundo. Todos os manuais estabelecem a origem do português no latim imposto no contexto da romanização sendo, por isso, uma língua românica tal como o galego, o castelhano, o francês, o italiano e o romeno. Nos diferentes manuais é apresentado um total de doze línguas, com uma referência ao mirandês. Para a evolução da língua portuguesa nos séculos XIII-XIV, é destacado o papel de D. Dinis, mas não há consenso se o monarca tornou o galego-português em língua oficial, se o adotou na documentação oficial ou se passou a ser obrigatório em todo o país. A própria designação da língua não é consensual. Na representação, no mapa-mundo, da distribuição atual do português, os manuais assinalam os nove países e a região chinesa em que o português é língua oficial e quantificam erradamente o número de falantes com base na população total desses territórios. Por outro lado, excluem os falantes de português, das diferentes diásporas, que vivem em inúmeros países em que o português não é língua oficial.

O estudo sobre as representações da história social da língua portuguesa, a partir da análise dos manuais de Português, do 10º ano, cujos resultados se apresentam nesta comunicação, em março de 2023, ainda se encontra em desenvolvimento.

Palavras-chave: cultura linguística, história social da língua, educação linguística.

Referências:

- Cameira, C., A. Andrade & A.D. Pinto (2021). Mensagens. Português 10º ano. Texto Editores.
- Catarino, A., A. Felicíssimo, I. Catiajo & M.J. Peixoto (2021). Novo Sentidos. Português 10º ano. ASA.
- Cruz, R., I. Sousa, B. Tavares & D. Pinheiro (2021). Marca a página. Português 10º ano. Porto Editora.
- M E (1018). Aprendizagens Essenciais – Português, 10º ano, Ensino Secundário. Ministério da Educação.
- Pereira, M.J. & F.B. Delindro (2021). Págin@s 10. Português – 10º ano. Areal Editores.
- Ruivo, A., C. Ribeiro & M.C. Gaspar (2021). Lugares em Português 10. Raiz Editora.
- Silva, P., E. Cardoso & S.R. Nunes (2021). Letras em dia 10. Porto Editora.

Os nomes das refeições (pequeno-almoço, almoço, jantar) nas línguas ibero-românicas

Przemysław Dębowiak (przemyslaw.debowski@uj.edu.pl), U. Jaguelónica de Cracóvia

O objetivo da comunicação será apresentar e comparar os nomes das três refeições principais do dia, consumidas geralmente de manhã, ao meio-dia ou às primeiras horas da tarde e ao fim da tarde, isto é, o pequeno almoço, o almoço e o jantar, nas seguintes línguas ibero-românicas: português (*pequeno almoço / almoço / jantar*), galego (*almorzo / xantar / cea*), mirandês (*zayuno / almuorço / jantar*), asturiano (*almuerzu / xinta / cena*), espanhol (*desayuno / almuerzo / cena*), aragonês (*almuerzo / chenta / zena*) e catalão (*esmorzar / dinar / sopar*). Este problema e afins já foram abordados na literatura linguística de uma forma global por Herzog (1916) e numa perspetiva mais estreita por Dauzat (1940), Höfler (1968), Said Ali (1975) e Goosse (1989). Contudo, levando em consideração as mudanças no estilo de vida da sociedade urbana ocidental, refletidas na língua, e os progressos que têm feito os romanistas no campo da investigação geolinguística, etimológica e lexicográfica, achamos que o assunto merece ser atualizado e aprofundado.

O estudo será realizado segundo o princípio onomasiológico, a saber, comentar-se-ão os nomes de cada uma das três refeições em todas as línguas enumeradas acima. Embora sejam as designações contemporâneas que constituirão o ponto de partida, ao longo da análise recorrer-se-á sempre à sua etimologia e história a fim de verificar se elas têm antepassados comuns e até que ponto continuam a nomenclatura latina ou rompem com ela. Comentar-se-ão também outras denominações das refeições em questão, hoje etiquetadas como antiquadas ou regionais (por exemplo: port. *desjejum*, cat. *desdejuni*, *berenar*). Não faltarão referências ao léxico usado noutras línguas românicas com o intuito de demonstrar, por um lado, algumas tendências no desenvolvimento desta terminologia comuns ao espaço românico (como a deslocação semântica gradual: ‘pequeno almoço’ > ‘almoço’, ‘almoço’ > ‘jantar’, ‘jantar’ > ‘ceia’, a partir do francês, a qual desencadeou, no século XIX, a criação de novos termos para denominar o pequeno almoço), e por outro lado, a especificidade do espaço ibero-românico neste aspeto (por exemplo: presença do neologismo vulgar **admordiu-*, derivado do verbo *mordēre* ‘morder’; continuação do vocábulo do latim clássico *iantāre / ientāre* ‘almoçar’). Na parte final da comunicação apresentar-se-ão as conclusões da análise.

Palavras-chave: línguas ibero-românicas, etimologia, refeições.

Bibliografia:

- CORDE = Real Academia Española, *Corpus diacrónico del español*: <https://corpus.rae.es/cordenet.html>.
- CP = Davies, Mark, Ferreira, Michael (2006–). *Corpus do Português: Historical Genres*: <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>.
- Dauzat, Albert (1940). “*Déjeuner, dîner, souper*, du moyen âge à nos jours”, [em:] Paul Hazard, Jean Pommier (eds.), *Mélanges de philologie et d’histoire littéraire offerts à Edmont Huguet*. Paris: Boivin, 59–66.
- DCECH = Corominas, Joan, Pascual, José A. (1980–1991). *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*, 6 vol. Madrid: Editorial Gredos.
- DELP1 = Machado, José Pedro (19773 [19521]). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 5 vol. Lisboa: Horizonte.
- DELP2 = Cunha, Antônio Geraldo da (20124 [19821]). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon.

Os pronomes de tratamento na Madeira e nos Açores

Erro! A origem da referência não foi encontrada. Víctor Lara Bermejo (viktoresc@hotmail.com), U. e Coimbra, CELGA-ILTEC, Faculdade de Letras

O sistema de tratamentos no português europeu é conhecido pela sua enorme complexidade. Embora os estudos ainda façam referência aos dados que fornecem as gramáticas, carecemos de trabalhos empíricos que apoiem ou refutem tais dados. Além disso, as análises que se levam a cabo repetem as mesmas ideias: o pronome *você* é controverso e, portanto, é evitado; a estratégia do pronome nulo ou do sintagma nominal mais a 3sg é a mais utilizada para substituir a instabilidade de *você* (Carreira 2003); a forma *vós* só existe no norte, mas *vocês* é o pronome por definição para o plural, com dupla concordância: 3pl para verbos e reflexos, e 2pl para objetos e possessivos (Buzaglo et al. 2013). Ademais, os trabalhos que se publicam focam-se no território continental, mas não há nem estudos sobre os Açores nem sobre a Madeira, exceto os feitos por Bazenga (2019 ou 2022) para a realidade madeirense.

Nesta apresentação, tenciono mostrar o sistema atual de pronomes de tratamento em ambos os arquipélagos de Portugal, graças a um trabalho de campo específico realizado durante 2022. Através de um inquérito a mais de 200 pessoas, obtive mais de 3.000 ocorrências mediante a dobragem de uma série de cenas de uma série de televisão, onde uma personagem tratava a outra pessoa ou a um grupo de pessoas. O inquérito garantia a espontaneidade do falante e tinha em conta os fatores pragmáticos da situação comunicativa. Os dados indicam que as zonas insulares divergem com respeito a Portugal continental, não só no uso explícito de *você*, mas também no referente à conceção da família. Igualmente, a concordância sintática do pronome *vocês* espalha-se aos poucos, sendo sempre o núcleo urbano o epicentro deste fenómeno. No entanto, encontram-se claras diferenças entre os Açores e a Madeira, já que a Madeira é mais propensa à solidariedade pragmática, enquanto os Açores anda a criar um sistema inédito em português europeu, com a reciclagem da forma *vós* para a distância em plural.

Os resultados em ambos os arquipélagos demonstram que a idade e o nível de estudos são as variáveis essenciais e significativas no desenvolvimento da cortesia nas áreas insulares, mas também evidenciam outros fenómenos mais desconhecidos e que têm a ver com a polidez, como o *lheísmo* de cortesia.

Palavras-chave: cortesia, variedades insulares, dialetologia.

Bibliografia:

- Bazenga, A. 2019. Forms of address in an insular variety of European Portuguese (Funchal, Madeira island): a Labovian analysis. Conference presented at *Languages, Nations, Culture LNC 2019*. Stockholm: University of Stockholm, 24th May 2019.
- Bazenga, A. 2022. Formas de tratamento de segunda pessoa de singular em português: representações e crenças de falantes madeirenses. *Arquivo Histórico da Madeira*, 4, 1-35.
- Buzaglo, E. B. P. et al. 2013. *Gramática do português*. Lisbon: Fundação Calouste Gulbenkian
- Carreira, M. H. A. 2003. Les formes allocutives en portugais européen: évolution, valeurs et fonctionnements discursifs. *Franco-British Studies*, 33/34, 35-45.
- Goosse, André (1989). *L'heure du dîner*. Bruxelles: Académie royale de langue et de littérature françaises de Belgique. Em linha: <https://www.arlfb.be/ebibliotheque/communications/goosse110389.pdf>.
- Herzog, Paul (1916). *Die Bezeichnungen der täglichen Mahlzeiten in den romanischen Sprachen und Dialekten. Eine onomasiologische Untersuchung*. Zürich: Diss.-Druckerei Gebr. Leemann & Co.

Höfler, Manfred (1968). “Déjeuner – dîner – souper. Zur Bedeutungsverschiebung seit der Französischen Revolution”, *Zeitschrift für Romanische Philologie* 84/3–4, 301–308.

Said Ali, Manuel (1975). “Refeições”, [em:] Manuel Said Ali, *Investigações filológicas*. Rio de Janeiro: Grifo, 192–200.

Os róticos em ataque silábico inicial e intervocálico no falar de moradores de Tubarão/SC e Vacaria/RS: pelo aporte da geossociolinguística com dados do projeto ALiB

Kauana Scabori (uelscabori@gmail.com), U. Estadual de Londrina

Os róticos em ataque apresentam variação no Sul do Brasil, dessa forma, a troca entre as variantes posteriores (mais usuais) e anteriores (menos usuais), conforme atestado em alguns trabalhos sobre os róticos, como de Busse (2010), Aguilera & Biolada (2015), Justina (2018), Comiotto & Margotti (2019), e outros, comumente ocorre no ataque de sílaba simples (consoante e vogal). Constata-se que inexistente uma investigação para o /R/ (neutralização para representar as variantes róticas) em contexto dos Discursos Semidirigidos (DSM), contemplados no questionário do Projeto ALiB (2001), mais exclusivamente às entrevistas realizadas com moradores de duas localidades, a saber: Tubarão, localizada na mesorregião Sul de Santa Catarina; e, em Vacaria, no Nordeste do Rio Grande do Sul. Outrossim, nota-se que a metodologia estatística de razão de máxima verossimilhança (TRMV) e a análise do coeficiente de correlação intraclasse (CCI) têm sido pouco utilizadas na temática em investigação. À luz da Sociolinguística Variacionista Quantitativa, de William Labov (2008 [1972]) e da Geossociolinguística, de Rasky (2003), e de modo a fornecer uma resposta à problemática descrita, o presente artigo tem como objetivo geral descrever as variantes róticas em ataque silábico inicial e intervocálico no falar de 8 moradores, distribuídos em dois pontos de inquérito da Região Sul do Brasil. Os objetivos específicos consistem em: (i) identificar as variantes róticas realizadas pelos moradores de Tubarão/SC e Vacaria/RS; (ii) analisar o favorecimento dos contextos linguísticos (posição, classe morfológica, vogal da sílaba alvo e divisão silábica) e extralinguísticos (sexo, faixa etária, estilo de produção de fala e localidade) na variação para o rótico em ataque inicial e medial; (iii) verificar se existe indício à *posteriorização* em dois municípios próximos de fronteiras estaduais do Sul brasileiro; e (iv) investigar a atuação do fator diatópico na manutenção das variantes anteriores. Para alcançar os objetivos discurridos, este artigo tem como critério teórico-metodológico a pesquisa descritiva de natureza quantitativa. Para tanto, utiliza-se de dados da fala extraídos de três partes do questionário: Questionário Fonético-Fonológico (QFF), Relato (DSM) e leitura (Parábola), nas quais as variantes são segmentadas em fala mais ou menos monitorada, pouco ou nenhuma atenção à fala e elevado monitoramento. Os resultados apontam à posteriorização – Callou (1987) e Brescancini & Monaretto (2008) – de forma majoritária em Tubarão/SC, e o favorecimento de fatores extralinguísticos (diassexual e diageracional) na manutenção das vibrantes na localidade de Vacaria/RS. Além do fator diatópico mostrar-se determinante para a posteriorização, mesmo com a proximidade entre as localidades.

Palavras-chave: geossociolinguística, ALiB., róticos em ataque.

Bibliografia:

Aguilera, V. de A., & Biolada, G. L. (2015). ALiB: um estudo dos róticos em posição de ataque nas capitais da região Sudeste. In J. A. Mota, M. T. Paim, & S. C. Ribeiro (Eds.), *Documentos 5: projeto atlas linguístico do Brasil* (pp. 141-155). Quarteto. ISBN 978-85-8005-078-3.

- Busse, S. (2010). Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná/ALERO: uma descrição preliminar do movimento diatópico e diastrático da fala. *Signum: Revista de Estudos da Linguagem*, 12(1). 123-144. ISSN 2237-4876.
- Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001). Atlas Linguístico do Brasil: questionário. 3ª ed. Eduep, Londrina. ISBN 85-7216-281-X.
- Brescancini, C., & Monaretto, V. N. de O. (2008, dezembro). Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. *Signum: Revista de Estudos da Linguagem* [online], 2(11), 51-66. https://meriva.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/23562/2/Os_rticos_no_Sul_do_Brasil_panorama_e_generalizaes.pdf. ISSN 2237-4876.
- Callou, D. M. I. (1987). *Variação e distribuição da vibrante da fala urbana culta do Rio de Janeiro*. [Tese de Doutorado em Linguística], Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Comiotto, A. F., & Margotti, F. W. (2019). Uso dos róticos do português em contato com os dialetos italianos. *Acta Scientiarum* [online], 4(2), 1-9. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/48857/75137> 5149066. ISSN 1983-4683.
- Justina, T. D. (2018). Os róticos em contexto Norte Mato-grossense: variação em posição de ataque silábico. In I. Philippsen, & J. L. Lima (orgs.), *Diversidade e variação linguística em Mato Grosso* (pp. 133-149). UNEMAT, Cáceres. ISBN 978-85-7911-176-1. Labov, W. (2008 [1972]). *Padrões sociolinguísticos*. M. Bagno, M. M. P. Scherre, & Cardoso. C. R. Parábola Editorial. ISBN 978-85-88456-85-3.
- Razky, A. (2003). *Estudos geossociolinguísticos no Estado do Pará* (Vol. 1). Razky, A. (Coord.), Grafia. ISBN 85-903190-1-6.

Os sufixos derivados do -*ari*- Latino com o valor de ‘profissão’ no português no final do século XVI

Mário Eduardo Viaro (maeviaro@usp.br), U. de São Paulo

É flagrante o testemunho de substantivos da língua portuguesa com sufixos provenientes do -*ari*- latino, a saber, -*ari*- ~ -*air*- e -*eir*- na obra de Jerónimo Cardoso (c1508-1569). Numa sincronia pretérita que corresponda à segunda metade do século XVI, é importante distinguir itens lexicais herdados, como *vicairo* < latim eclesiástico *vicarius* ou *obreiro* < latim vulgar *operariu(m)*, vocábulos com correspondência em outras línguas iberorromânicas, vocábulos que, além de equivalências na Península Ibérica, se encontram num ou noutro ponto da România e, por fim, vocábulos exclusivos da língua portuguesa. É interessante também, nesse período pré-industrial, ressaltar peculiaridades semânticas, em contraste com a língua portuguesa da sincronia atual. Por fim, de extrema importância para a Etimologia e para a Filologia revela-se a identificação da primeira ocorrência de itens vocabulares (*terminus a quo*) na sincronia pretérita investigada.

Palavras-chave: sufixo derivacional, linguística histórica, morfologia, filologia, semântica.

Bibliografia:

- BARBOSA, A. (1611). *Dictionarium Lusitanico Latinum*, Braga: Typis & expensis Fructuosi Laurentij de Basto.
- CARDOSO, J. (1562-1563) *Hieronymi Cardosi Lamacensis dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*. Lisboa: Ex officina Ioannis Aluari typographi Regij.

- CARDOSO, J. (1570) *Dictionarium latinolusitanicum & vice versa Lusitanico latinũ, cum adagiorum ferè omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione*. Coimbra: Ioan. Barrerius.
- HOUAISS, A., VILLAR, M. S. (2001) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MAURER JR., T. H. (1959) *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- SIMÕES NETO, N. A. (2020) *O esquema X-ari- do latim às línguas românicas: um estudo comparativo, cognitivo e construcional* (Tese de doutoramento). Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.

Padrões de concordância verbal de primeira pessoa do plural no português brasileiro

Elimária Oliveira Lima (elimarialima@letras.ufrj.br), U. Federal do Rio de Janeiro

No falar brasileiro o comportamento variável da concordância entre verbo-sujeito vem sendo amplamente documentado pelos sociovariacionistas que buscam, com base em dados coletados em situações reais de interação, observar quais fatores linguísticos e sociais interferem no fato de que ora os falantes usam a desinência de plural nos verbos, ora apagam. No que diz respeito à primeira pessoa do plural, além da variação da concordância entre verbo e pronome, observa-se também que tanto o *nós* quanto o *a gente* são usados pelos falantes em referência à primeira pessoa. Embasado nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, este estudo trata de uma pesquisa de doutorado em andamento que tem como objetivo descrever e analisar a alternância pronominal e a concordância verbal de primeira pessoa do plural no português brasileiro, observando quais fatores linguísticos e sociais condicionam a variação. São objetos de análise os seguintes tipos de ocorrências: *Nós* anda(mos)/escreve(mos)/vai(mos) e *a gente* anda(mos)/escreve(mos)/vai(mos). Como base teórica temos os pressupostos da Teoria Variacionista propostos por LABOV (2008 [1972]), estudiosos da área da sociolinguística, como BORTONI-RICARDO (1985), MOLLIKA (2017) e, ainda, estudiosos do pronome pessoal no português brasileiro, como OMENA (1986), LOPES (1999), RUBIO (2012), entre outros. Para constituição do *corpus* são utilizados dados do projeto ALiMA (Atlas Linguístico do Maranhão) e dados obtidos pela pesquisadora, somando um total de 16 entrevistas. A metodologia é de caráter quali-quantitativo e, para análise dos dados, são levadas em consideração as variáveis sociais sexo (masculino e feminino), localidade (São Luís e Barra do Corda) faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e escolaridade (ensino fundamental e ensino superior. Em relação às variáveis linguísticas, são analisadas a saliência fônica, tempo e modo verbal, explicitude do sujeito e paralelismo linguístico. A análise preliminar da alternância pronominal realizada através dos resultados gerados pelo programa GoldvarbX (SANKOFF, TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), permitiu constatar que o uso do pronome *a gente* supera em dobro o pronome *nós*, 71% e 29%, respectivamente. Na análise da concordância verbal, observou-se 65% de uso do pronome *nós* com desinência verbal de primeira pessoa do plural (-mos) e 35% do pronome com desinência de terceira pessoa do singular (Ø), com forte atuação do fator escolaridade, em que quanto maior o nível de escolarização maior a taxa concordância. Em relação à concordância com o pronome *a gente*, quase sempre os falantes aplicam o verbo com desinência de terceira pessoa do singular (Ø).

Palavras-chave: sociolinguística variacionista, primeira pessoa do plural, português brasileiro.

Bibliografia:

- BORTONI-RICARDO, S. M. **The urbanization of rural dialect speakers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno e Marta Scherre. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972]. 392p.
- LOPES, C. R. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português**. 1999. 174 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- MOLLICA, M. C. Relevância das variáveis não linguísticas. *In*: MOLLICA, Maria C.; BRAGA, Maria. L (org.) **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017. 200p.
- OMENA, N. P. de. A referência variável da primeira pessoa do discurso no Plural. *In*: NARO, A. J. et al. **Relatório Final de Pesquisa**: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação, Rio de Janeiro, UFRJ, 1986. p. 286-319.
- RUBIO, Cássio Florêncio. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo**. 2012. 393 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics; Ottawa: University of Toronto, 2005.

Para um perfil sociolinguístico histórico de escreventes mulheres gaúchas oitocentistas no Sul do Brasil

Luciana Pilatti Telles (lupilatti@gmail.com), Fundação U. Federal do Rio Grande do Sul
Valéria Neto de Monaretto (monareto@ufrgs.br), Departamento de Linguística, Filologia do IL da U.
Federal do Rio Grande do Sul

Os primeiros estudos sociolinguísticos, a partir da década de 1960, observaram que havia diferenças linguísticas entre homens e mulheres. As mulheres, por serem mais conservadoras e por tentarem alcançar algum *status* social, utilizavam variantes menos estigmatizadas e de maior prestígio do que os homens, adaptando-se linguisticamente a uma série de situações sociolinguísticas (LABOV, 1972; CHAMBERS, 1995). Este trabalho propõe investigar o comportamento linguístico de mulheres brasileiras gaúchas, nascidas no extremo sul do Brasil, e que viveram no século XIX, para se caracterizar um possível perfil sociolinguístico da época, com base em estudos históricos e em fontes documentais primárias. Pelo fato de que as mulheres oitocentistas não tinham as mesmas chances e disponibilidades de estudo formal como os homens, poucas oportunidades profissionais restavam-lhes, uma vez também que eram educadas para ofícios domésticos, submetendo-se ao marido e à sorte do casamento. A escrita privada era uma das poucas formas de participação das mulheres no mundo da escrita (PRÁ & CEGATTI, 2016). Por meio de textos escritos por mulheres, procuramos investigar se seria possível saber se é uma mulher ou um homem escrevendo e que tipos de pistas linguísticas estariam associadas a certos significados sociais nos anos 1800. O *corpus* de análise é formado por cartas pessoais manuscritas de familiares de Julio Prates de Castilhos. São 23 remetentes de cinco gerações que escrevem assuntos variados em 78 missivas, entre os anos 1802-1916. Também faz parte do objeto de análise um texto da primeira médica formada no Brasil, a gaúcha Rita Lobato (1866-1951) e um acervo de cartas e documentos manuscritos de gêneros variados de correspondentes femininos dos acervos de Gabriel Fortes e Antônio Assis Brasil, compreendendo mais de 60 documentos manuscritos. A metodologia segue a linha de investigação da Linguística Histórica e da Sociolinguística Histórica de Romaine (1982), Lass (2000), Schneider (2002) e Berber Sardinha (2004). Os resultados mostraram que é possível observar diferenças de habilidades escritas entre homens e mulheres, em termos de uso de formas etimologizadas, riqueza lexical e pistas de variantes fonéticas, conforme apontam outros estudos (MONARETTO, 2021; MONARETTO & TELLES, 2022).

Palavras-chave: Mulheres gaúchas oitocentista; Perfil sociolinguístico mulheres; Habilidade de Escrita Mulheres.

Bibliografia:

- Berber Sardinha (2004), Tony. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole.
- Labov, William (1972) *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Lass, Roger. *Historical linguistics and language change*. Cambridge. Studies in Linguistics, University Press. 2000.
- Monaretto, Valéria Neto de Oliveira. (2021). Para uma estratificação de redatores oitocentistas por grau de cultura escrita. In: VANDRESEN, Paulino et al. *Variação e mudança linguística no português falado e escrito na região Sul e outros temas*. Blucher.
- Monaretto, Valéria; Telles, Luciana Pilatti. (2022) Perfil Sociolinguístico de Mulheres escreventes gaúchas no século XIX. Comunicação apresentada no evento *Linguística, História e Computação: dos acervos aos conhecimentos e vice-versa* em 06 de junho de 2022 no Arquivo Público do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Schneider, E. W. (2002) Investigating Variation and Change in Written Documents. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (ed.) *The Handbook of Language Variation and Change*, Malden, Massachusetts, USA, Blackwell.

Prá Jussara Reis; Cegattil, Amanda Carolina. (2016) Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no Ensino Básico. *Revista Retrato da Escola*, Brasília, v.10, n.18. p. 215, jan/jun.

Para uma caracterização do português falado em Aveiro

Leonardo Marcotulio (lmarcotulio@ua.pt), U. de Aveiro

Os estudos sobre a geografia linguística de Portugal publicados ao longo do século XX, com destaque para os de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva (1974) e Luís F. Lindley Cintra (1971), permitem-nos conhecer, a partir de distintas metodologias, uma série de aspetos linguísticos que servem de base ao traçado de isófonas que delimitam fronteiras linguísticas entre os dialetos portugueses.

Por esses estudos, o distrito de Aveiro, pertencente ao falar do Baixo Vouga e Mondego (Paiva Boléo & Silva, 1974) ou à região pela qual passaria a linha imaginária entre os dialetos setentrionais e os centro-meridionais (Cintra, 1971), embora seja caracterizado como uma área de difícil classificação, pela ausência de particularidades fonéticas, pode também ser definido como uma zona de transição, na qual convivem aspetos conservadores do Norte e inovadores do Centro-Sul.

Com base nas propostas elaboradas pelos estudos dialetológicos, os aspetos presentes no território de Aveiro podem sugerir, numa perspetiva sociolinguística, a existência de casos de variação linguística que merecem ser investigados mais a fundo quanto à sua manutenção, produtividade e distribuição na estrutura social da região.

Esta comunicação tem, portanto, dois objetivos centrais. Em primeiro lugar, apresenta-se o projeto sociolinguístico "Como falam os aveirenses?", desenvolvido no âmbito do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro, dedicado à constituição de amostras de fala para o estudo da variação linguística na variedade aveirense. Além disso, com o intuito de validar e/ou retificar as informações disponibilizadas pelos estudos dialetológicos, e consequentemente atualizá-las, expõem-se os resultados iniciais sobre questões metodológicas relacionadas ao desenho, à estratificação da amostra e à entrevista sociolinguística, bem como os primeiros achados com base na análise de uma amostra piloto sobre os seguintes fenómenos linguísticos: conservação do ditongo /ej/, conservação do ditongo /ow/, centralização de /e/ diante de consoante lateral palatal, distinção fonológica entre /v/ e /b/, distinção fonológica entre /tʃ/ e /j/, distinção fonológica entre os dois pares de fricativas (ápico-alveolares e predorsodentais) e epêntese de semivogal anti-hiática.

Palavras-chave: sociolinguística, dialetologia, variedade aveirense.

Bibliografia:

- Cintra, L. F. L. (1971). Nova proposta de classificação dos dialectos galegoportugueses. *Boletim de Filologia*, Centro de Estudos Filológicos, 22, 81-116.
- Paiva Boléo, M. & Silva, M. H. (1974). O "mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental". In M. Paiva Boléo (Ed.), *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica* (Vol. I, Tomo I, pp. 309-352). Acta Universitatis Conimbricensis.

Para uma história recente das estruturas clivadas do português europeu

Alexandra Fiéis (afieis@fcsh.unl.pt), U. Nova de Lisboa
Maria Lobo (maria.lobo@fcsh.unl.pt), U. Nova de Lisboa

O português europeu contemporâneo dispõe de várias construções de clivagem (Casteleiro 1979; Costa e Duarte 2001; Duarte 2003; e.o.) (1)-(6):

(i) as clivadas canónicas:

(1) **Foi** um livro policial **que** o João me ofereceu.

(ii) as clivadas-Q:

(2) **Foi** um livro policial **o que** o João me ofereceu.

(iii) as pseudoclivadas básicas:

(3) **O que** o João me ofereceu **foi** um livro policial.

(iv) as pseudoclivadas invertidas:

(4) Um livro policial **foi o que** o João me ofereceu.

(v) as clivadas de *é que*:

(5) Um livro policial **é que** o João me ofereceu.

(vi) as semipseudoclivadas básicas (ou estruturas de focalização com *ser*):

(6) O João ofereceu-me **foi** um livro policial.

Sintaticamente, caracterizam-se pela ocorrência de um constituinte focalizado através de uma forma do verbo SER. Discursivamente, podem estar associadas a foco informacional ou a foco contrastivo. No entanto, é possível observar-se diferenças entre elas, no que toca, por exemplo, a ordem de constituintes, ao tipo de introdutor da subordinada, na concordância de SER em tempo com o verbo da oração principal, na concordância em pessoa de SER com o constituinte clivado, na concordância em pessoa do V da oração principal com o sujeito clivado, e ainda nos contextos discursivos.

Em fases anteriores da língua, contudo, nem todas estas estruturas estavam disponíveis, como mostram os trabalhos de Kato & Ribeiro (2009), Kato (2009), Silveira (2017), Longhin (1999), Fiéis & Lobo (2014). Algumas das estratégias de clivagem que encontramos hoje são essencialmente estruturas próprias da modalidade oral.

Neste trabalho, consideraremos dados de fases mais recentes da história da língua portuguesa de um género textual que apresenta marcas mais próximas da oralidade, nomeadamente cartas extraídas do *corpus Post Scriptum*. Procuraremos mapear a diacronia recente das estruturas de clivagem do português, considerando simultaneamente a sua frequência e as suas propriedades sintáticas e discursivas, incluindo a ordem dos constituintes, a função do constituinte clivado, a flexão em tempo e concordância de SER e do V principal, e os contextos discursivos em que ocorrem.

Palavras-chave: estruturas clivadas, português europeu, diacronia.

Referências bibliográficas:

- Casteleiro, J. M. (1979). Sintaxe e semântica das construções enfáticas com É QUE. *Boletim de Filologia*, XXV, 97-166.
- CLUL (Ed.) (2014). *P.S. Post Scriptum. Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna*. URL: <http://ps.clul.ul.pt>.
- Costa, J. & Duarte, I. (2001). Minimizando a Estrutura: Uma Análise Unificada das Construções de Clivagem em Português. In C. Correia & A. Gonçalves (Eds.). *Actas do XVI ENAPL*, 627-638. Lisboa: APL/Colibri.

- Fiéis, A. & Lobo, M. (2014). Estruturas clivadas num corpus do português antigo. In Fiéis, Lobo & Madeira (orgs.) *O Universal e o Particular. Uma vida a comparar*. Lisboa: Colibri, 143-153.
- Kato, M. A. (2009). Mudança de ordem e gramaticalização na evolução das estruturas de foco no português brasileiro. *Estudos linguísticos*, 38(1), 375-385.
- Kato, M. A. & Ribeiro, I. (2009). Cleft sentences from Old Portuguese to Modern Brazilian Portuguese. In A. Dufter & D. Jacob (Org.), *Focus and Background in Romance Languages* (pp. 123-154). Amsterdam: John Benjamins.
- Longhin, S. (1999). *As construções clivadas: uma abordagem diacrônica* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, SP].
- Silveira, D. M. (2017). A diacronia das clivadas e pseudo-clivadas: implicações da gramática V2 nas estruturas de foco. *Cadernos De Estudos Linguísticos*, 59(2), 267–287. <https://doi.org/10.20396/cel.v59i2.8649152>.

Perspectivas sobre as crenças e as atitudes linguísticas nos estados de MS, MT e GO

Wanessa R. M. Oliveira (wanessarmoliveira@gmail.com), U. do Estado de Mato Grosso

Este trabalho constitui-se como a síntese da tese de Doutorado, em andamento, vinculada ao programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), que objetiva pesquisar as atitudes e crenças linguísticas dos moradores nascidos na Tríplice Divisa entre os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, localizados no Centro-Oeste do Brasil, respectivamente, nas comunidades de fala de Alto Taquari, Costa Rica e Mineiros. Poucos ou inexistentes são os estudos que tratam da variedade linguística dessas regiões, por isso, os objetivos centram-se no interesse em detectar as semelhanças na fala desses moradores; investigar a visão que eles possuem em relação à sua fala e a dos migrantes que residem nas outras cidades em questão; e levantar quais são os fatores que levaram às mudanças linguísticas na Tríplice Divisa. O aporte teórico fundamentou-se na Sociolinguística Laboviana Quantitativa para analisar os dados por meio de recursos gráficos segundo estudos feitos por Monteiro (2008); e para arguição das atitudes e crenças linguísticas, apoiou-se nas pesquisas dos psicólogos sociais Lambert e Lambert (1972) e em Fernández (1998). Os resultados preliminares evidenciam que uma característica dessas regiões é o [r] retroflexo, sugerindo a presença de uma atitude linguística, pois o processo de colonização desses municípios apresenta semelhanças culturais e históricas, as quais podem ter contribuído para a criação desse fenômeno. A maioria dos participantes considera os falares similares ao da Tríplice Divisa, mesmo afirmando que não possuem sotaque e, que o falar mais “puxado” é dos mineirenses por conta da influência goiana estar presente não apenas no sotaque, mas também na cultura. Outra percepção é o fato de os mineienses, costarriquenses e taquarienses mais jovens não falarem como os mais velhos, devido as gírias e a internet ter modificado a forma de comunicação entre as pessoas. Uma observação importante é a presença de sulistas e de nordestinos nas três comunidades de fala pesquisada, sendo que alguns apontam a variedade linguística como um acontecimento positivo por entenderem que as misturas culturais agregam valores à região; outros, no entanto, opinam que os sulistas contribuíram para “apagar” a cultura local, o que não foi registrado em Costa Rica; os nordestinos sofrem preconceito linguístico por possuírem o sotaque, os costumes e a mão de obra “barata”, que do ponto de vista de alguns, não é bom em razão de enviarem às suas famílias o que ganham, não gerando benefícios para o comércio local.

Palavras-chave: atitudes linguísticas, crenças linguísticas, tríplice divisa.

Bibliografia:

Fernández, F. M. (1998). *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje* (1ª. ed.). Ariel.
Lambert, W. W., & Lambert, W. E. (1972). *Psicologia social* (3ª. ed.). Zahar.
Monteiro, J. L. (2008). *Para compreender Labov*. Vozes.

Prescrições negativas em Manuais de Saúde do Século XIX, no Rio Grande do Sul, Brasil: um estudo sob a perspectiva das tradições discursivas

Silvana Silva (ssilvana2011@gmail.com), U. Federal do Rio Grande do Sul

Sabemos o quanto o século XIX foi decisivo na construção do saber médico, não apenas pela culminância de um processo de construção de uma “ciência” baseada em pressupostos biopolíticos (Foucault, 2004) mas também pela diversidade linguística e ideológica encontrada nos textos médicos. Nesse sentido, a negação é evidenciada como ‘sintoma’ de uma resistência do sujeito ao saber inconsciente (Freud, 1924), em especial em uma época em que o discurso científico se pretende, cada vez mais, afirmativo. Tomamos com referencial teórico o problema da articulação entre diacronia, sincronia e história (Coseriu, 1979); o escopo das tradições discursivas e gêneros (Kabatek, 2004); a relação entre atos de fala e a tradição discursiva (Andrade e Gomes, 2018); e, por fim, Temos como objetivo trazer à luz formas linguísticas que compõem a tradição discursiva de dizeres médicos contidos em Manuais de Saúde que circularam no Rio Grande do Sul, Brasil, do Século XIX, dando especial atenção a prescrições negativas, por sua dupla natureza formal formulaica, e sua pregnância enunciativa, formulação textual icônica para a observação da força e do intentado enunciativo (Ono, 2008). Coletamos prescrições negativas em dez (10) capítulos de cinco (5) Manuais de Saúde escritos entre meados do século XIX ao início do século XX, e encontrados em Arquivos do Museu de História da Medicina de Porto Alegre (MHMPOA), Rio Grande do Sul, Brasil, a saber, Imbert (1853), Raspail (1860), Reys (1874), Chernoviz (1886) e Souza Soares (1908) para observação das prescrições negativas com vistas à elaboração de padrões gramaticais da tradição discursiva do dizer médico do século XIX. Selecionamos capítulos sobre dois temas: aleitamento materno e envenenamento. Os resultados indicam que, a partir do Manual de 1874, há um desaparecimento das prescrições negativas concomitante a um incremento de formas afirmativas de dizer médico. Além disso, a partir do referido Manual, observa-se que desaparecem prescrições negativas e de cunho moralizante, notadamente dirigidas às mulheres que não podem (ou querem) amamentar. Concluímos que há um processo de gramaticalização em curso, no entanto, como se trata de documentos raros e esparsos temporalmente, não é possível demonstrar plenamente os processos morfológicos envolvidos, tal como aponta a literatura da área.

Palavras-chave: textos médicos do século XIX, tradições discursivas, gramaticalização, prescrições negativas, Arquivos Públicos do RS/Brasil.

Bibliografia:

ANDRADE, M.L.; GOMES, V.S. Tradições discursivas: reflexões conceituais. IN: ANDRADE, M.L.; GOMES, V.S. *Tradições discursivas do português brasileiro: constituição e mudança dos gêneros discursivos*. São Paulo: Contexto, 2018, p. 23-43.
COSERIU, E. Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística. RJ: Presença, 1979.

- FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FREUD, S. A negativa. IN: __*Obras completas de Sigmund Freud. Volume XIX (1923- 1925)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 293-302.
- KABATEK, J. Sobre a historicidade de textos. *Linha D'água*, 17, São Paulo, Universidade de São Paulo/APLL, p. 160-67, 2004.
- MEILLET, A. *A evolução das formas gramaticais*. Seleção, tradução e notas Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2020.
- ONO, A. *La énonciation chez Benveniste*. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

Representatividade dicionarística dos prefixos de origem preposicional na língua portuguesa: do século XVIII à atualidade

Susana Nunes (susana.nunes@ipleiria.pt), U. de Coimbra, CELGA-ILTEC, Faculdade de Letras/
Instituto Politécnico de Leiria

Desde sempre considerada como «le parente pauvre des processus d'analyse de la formation des mots» (Amiot 1997:24), a prefixação tem, contudo, vindo a assumir, ao longo da história da língua, um papel de relevo nos processos de formação de palavras, sobretudo no que diz respeito ao seu contributo para a formação de linguagens de especialidade.

Alguns dos estudos existentes sobre prefixação identificam os prefixos com a categoria gramatical das preposições. A procedência etimológica preposicional de boa parte dos prefixos, bem como a coincidência formal e semântica existente entre prefixos e preposições, fazem com que os prefixos tenham sido, ao longo dos tempos, frequentemente considerados como variantes ligadas das preposições.

É objetivo desta comunicação dar a conhecer a representatividade dicionarística dos prefixos que em português coexistem com preposições configuracionalmente homólogas (co[m]-, contra-, entre-, sem-, sob-, sobre-), sublinhando (i) as suas tendências de acoplagem, (ii) a sua especialização semântica e (iii) o seu contributo para a formação de linguagens de especialidade ao longo da história da língua.

A análise empreendida ancora-se num *corpus* constituído por cerca de 2350 vocábulos, recolhidos em diversas fontes lexicográficas, designadamente em dicionários de língua portuguesa (incluindo a variedade brasileira) publicados entre 1712 e 2002: Bluteau 1712, Domingos Vieira 1871, Moraes e Silva 1878, Figueiredo 1939, Casteleiro 2001, Ferreira 2001, Houaiss 2002. Esta análise permitirá aferir as características diferenciadoras dos elementos prefixais em estudo, designadamente no que concerne [i] à sua representatividade dicionarística (atual e pretérita), [ii] à(s) especificidade(s) semântica(s) por eles ativada(s) diacronicamente e [iii] ao contributo da(s) mesma(s) na formação das diversas realidades ontológicas de especialidade.

Palavras-chave: prefixação, representatividade dicionarística, especialização semântica.

Semiótica e linguística de *corpus*: uma proposta de nova classificação para a análise de sentimento

Tulio Silva (tuliosilva@usp.br), U. de São Paulo
Andressa Silva (andressa.vieira.silva@usp.br), U. de São Paulo
Thais Igarashi (igarashi.thais@usp.br), U. de São Paulo

Mais complexa do que as atividades computacionais de extrair palavras-chaves ou resumir um texto, a análise de sentimento busca inferir a polaridade de um dado discurso entre positivo e negativo, muitas vezes contando ainda com o neutro e o misturado como classes complexas a complementar o aparato de classificação. Segunda revisão de Donega (2017) dois procedimentos são utilizados para realizar a tarefa: por meio de dicionários e ontologias ou da aprendizagem de máquina. O primeiro, em se tratando de redes sociais digitais, é bastante problemático, pois os produtores de texto escrevem com um estilo peculiar bastante próprio da internet: marcado por oralidade, erros tipográficos, emojis, entre outros (Silva, 2021). Se fosse preciso criar regras para cada possibilidade de desvio das normas cultas, por exemplo, o trabalho do programador já seria infinito. Por isso, as técnicas de processamento de língua natural (PLN) através do aprendizado de máquina parecem ser mais eficientes, principalmente com o uso de redes Transformer - atual estado da arte no PLN (Rothman, 2021). Embora a análise de sentimento pareça simples, classificar um texto como positivo, negativo, neutro ou misturado é um trabalho bastante subjetivo e muito demorado. Os *corpora* anotados de alta qualidade requerem conhecimentos de domínio consideráveis e múltiplos pesquisadores trabalhando em conjunto. Fatores humanos, tais como preconceitos pessoais, cansaço e baixa experiência na produção de discursos, também têm impacto na qualidade dos *corpora*. Para investigar os principais problemas da análise de sentimento em português e buscar a mitigação deles, um grupo de trabalho do SemioCom (Grupo Experimental em Semiótica Computacional da USP) tem aplicado uma leitura do semioticista Luiz Tatit (2011), a partir das propostas da semiótica tensiva de Claude Zilberberg (2006), e preparado um *corpus* anotado, bem como um manual de anotação que busque limitar a subjetividade analítica. Entre nossos principais avanços, em relação ao estado da arte, encontra-se a divisão da classe “misturado” em “positivo, porém” e “negativo, porém”, aumentando a granularidade analítica. A primeira etiqueta, também conhecida como atenuação, na metalinguagem semiótica, diz respeito a textos em que o positivo reina, mas já existe a entrada de negatividade: “Bolsonaro, votei em você, quando vai acabar a mamata?” Enquanto que no “negativo, porém”, ou restabelecimento, acontece o inverso: “Lula é ladrão, porém não é o único né?”. Nesta comunicação, pretendemos apresentar nossos principais resultados a partir de um *corpus* composto das palavras “Lula” e/ou “Bolsonaro” anotado a partir da nova metodologia semiótica.

Palavras-chave: análise de sentimento, semiótica, linguística de *corpus*, processamento de língua natural, inteligência artificial

Bibliografia:

- Carvalho, P., Sarmiento, L., Teixeira, J., Silva, M. (2011) Liars and Saviors in a Sentiment Annotated Corpus of Comments to Political Debates. In Proceedings of the 49th Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics: Human Language Technologies, pages 564–568, Portland, Oregon, USA. Association for Computational Linguistics.
- Donega T. (2017) Os efeitos das revisões críticas online sobre o mercado cinematográfico americano, “Dissertação de Mestrado” (Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Informação), EACH-USP, Brazil.
- Finatto, M., Rebechi, R., Sarmiento, S., Bocorny, A. (2018) Linguística de corpus: perspectivas [recurso eletrônico]; Porto Alegre: Instituto de Letras - UFRGS

- Freitas, C., Motta, E., Milidiú, R. L., César, J. (2012) Vampiro que brilha... rá! Desafios na anotação de opinião em um corpus de resenhas de livros. *Encontro de Linguística de Corpus*, v. 11, p. 1-13
- Lv, Y., Wei, F., Cao, L., Peng, S., Niu, J., Yu, S., Wang, C. (2021) Aspect-level sentiment analysis using context and aspect memory network. *Neurocomputing*, v. 428, p. 195–205
- Rothman, D. (2021), *Transformers for Natural Language Processing*, Packt Publishing, USA.
- Silva, T. (2021) Inteligência semiótica e TripAdvisor: deep learning e quantificações subjetivas na análise dos discursos de sanção de restaurante, “Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral)”, FFLCH–USP, Brazil.
- Tatit, L. (2011), Quantificações subjetivas: crônicas e críticas, “Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Linguagens em diálogo”, n. 42, Brazil.
- Stoyanov, V., Cardie, C. (2008) Annotating Topics of Opinions. In *Proceedings of the Sixth International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC'08)*, Marrakech, Morocco. European Language Resources Association (ELRA).
- Zilberberg C. (2006), *Éléments de grammaire tensive*, Pulim, France.

Sobre a evolução diacrónica de ‘qualquer’ em português

Clara Pinto (claragpinto@gmail.com), U. Nova de Lisboa - CLUNL

A criação de indefinidos a partir da fórmula [relativo qual + verbo querer] afigura-se como uma estratégia produtiva, já existente no latim (QUI-VIS) e herdada por várias línguas românicas (cf. Haspelmath 1995; Gianollo 2019), como o espanhol (cf. Rivero 1986, Company 2009, Mackenzie 2019) ou o italiano (cf. Degano & Aloni 2020, Kellert 2021). É também o caso do português ‘qualquer’, que resulta da reanálise do relativo ‘qual’ com a forma verbal ‘quer’, ainda no português medieval, e que será o tópico central desta comunicação.

Palavras-passe: qualquer, free-choice item, indefinidos.

Bibliografia:

- Company-Company, Concepción (2009). Parámetros de gramaticalización en los indefinidos compuestos del español. In Fernando Sánchez Miret (ed.), *Romanística sin complejos. Homenaje a Carmen Pensado*. Bern: Peter Lang. 71-103.
- Degano, Marco & Maria Aloni (2020). Indefinites and free choice: when the past matters. *Natural Language & Linguistic Theory* 40. 447–484.
- Gianollo, Chiara (2019). *Indefinites between Latin and Romance*. Oxford: Oxford University Press.
- Haspelmath, Martin (1995). Diachronic sources of “all” and “every”. In E. Bach, E. Jelinek, A. Kratzer and B. Partee (eds.), *Quantification in Natural Languages*, Dordrecht: Kluwer. 363–382.
- Kellert, Olga (2021). Free choice indefinites in old and modern Italian. *Journal of Historical Syntax* 5(1-13): *Proceedings of the 20th Diachronic Generative Syntax (DiGS) Conference*. Article 9. 1-27.
- Mackenzie, Ian (2019). *Language Structure, Variation and Change: the case of Old Spanish syntax*. London: Palgrave MacMillan.
- Oliveira, Roberta Pires de (2005). Qualquer e o conceito de livre-escolha. *DELTA* 21(2): 251-277.
- Peres, João (2013). Semântica do sintagma nominal. In Raposo et al. (eds.), *Gramática do Português*, vol I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 735-813.

Rivero, María-Luisa (1986). Dialects and diachronic syntax: free relatives in Old Spanish. *Journal of Linguistics*, 22:443-454.

Vendler, Zeno (1967): *Linguistics in Philosophy*. Ithaca and London: Cornell University Press.

Textos notariais na Idade Média: a tradição discursiva da ‘carta’ como documento jurídico

Clara Barros (mbarros@letras.up.pt), Centro de Linguística da U. do Porto/ Faculdade de Letras da U. do Porto

O objetivo desta comunicação é a análise linguístico-discursiva da estrutura de documentos jurídicos notariais da Idade Média e a explicitação de alguns aspetos específicos da sua construção. Procura-se avaliar se esses textos apresentam traços concordantes que os filiem numa mesma tradição discursiva (Kabatek, 2008 ed.), definida como um modelo histórico-normativo, socialmente estabelecido e respeitado na produção discursiva.

Procedeu-se à análise de *corpora* de documentos notariais, do período compreendido entre o século XIII e o século XVI, nomeadamente os do *corpus* editado por Clarinda Azevedo Maia (1986), procurando avaliar as afinidades e as diferenças que os textos revelam, no sentido de levantar modelos tipológicos e explicitar, se possível, a sua filiação numa tradição de escrita institucionalizada e estável. Este estudo visa avaliar, portanto, em que medida os atos de composição e de planeamento dos textos são análogos e se a presença de estruturas deste modelo textual num vasto conjunto de documentos revela a sua filiação numa prática de escrita institucional que torne possível identificar alguma tradição discursiva pré-existente. Pretende-se indagar, entre outros aspetos, se a tradição da designação ‘carta’, que muitos documentos notariais exibem, poderá implicar a existência de alguma afinidade estrutural entre a ‘carta’ como meio de comunicação e de interação com o sentido primitivo do latim *littera*, *epistola* e a ‘carta’ como documento jurídico escrito, como registo.

Será observada a estruturação dos discursos e do sentido neles construído, tendo necessariamente em conta as condições da sua produção-receção como, por exemplo, os agentes e destinatários dos documentos e os espaços em que circulavam. Os textos em análise serão estudados como pertencendo a uma tradição de intertextualidade observável quer na situação social e institucional em que o texto ocorre, quer em aspetos de ordem macroestrutural e microestrutural da sua realização linguística.

Esta proposta de análise da estruturação discursiva de documentos notariais da Idade Média pretende constituir um contributo que se insere no âmbito mais geral do estudo das características específicas do discurso jurídico medieval em português.

Palavras-chave: Textos notariais, tradições discursivas, discurso jurídico medieval, gramática histórica, história da língua portuguesa.

Referências:

Barros, C. (2018a). A importância das tradições discursivas para a análise da evolução de conectores no português medieval. In J. Veloso; J. Guimarães; M. P. Silvano; R. Sousa-Silva (orgs.). *A linguística em diálogo: volume comemorativo dos 40 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: CLUP, pp. 123-136.

Barros, C. (2018b). Percursos de gramaticalização dos contrastivos em Português: análise em diversas tradições discursivas. In R. Antonelli; M. Glessgen; P. Videsott (eds.). *Atti del XXVIII Congresso internazionale di linguistica e filologia romanza*. Strasbourg: ELIPHI. Vol. I, pp. 271-282.

- Carvalho, M. J. (2012). A gramaticalização e a lexicalização como processos históricos. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 6-7, pp. 159-176.
- Cunha, M. C. Almeida (2005). *A Chancelaria Arquiepiscopal de Braga: 1071-1244*. Braga: Editorial Toxosoutos.
- Kabatek, J. (2008. ed.). *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: nuevas perspectivas desde las tradiciones discursivas*. Frankfurt: Vervuert/ Iberoamericana.
- Maia, C. de Azevedo (1986). *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Oesterreicher, W. (1997). Zur Fundierung von Diskurstaditionen. In: T. Haye; D. Tophinke (eds.). *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, pp. 19–41.
- Silva, M. J. Oliveira (2013). *A Escrita na Catedral: a chancelaria episcopal do Porto na Idade Média*. Lisboa: Centro dos Estudos da História Religiosa.
- Silva, M. J. Oliveira. (2018) *Reconstructing Formularies: The charters of the episcopal chancery of Porto in the Middle Ages*. In O. Guyotjeannin; L. Morelle; S.P. Scalfati (orgs.). *Les formulaires. Compilation et circulation des modèles d'actes dans l'Europe médiévale et moderne*. <http://elec.enc.sorbonne.fr/cid2012/part16>. (17.03.2023).

Um efeito fonológico da diacronia sobre a sincronia: segmentos complexos e segmentos inerentemente pesados do Português

João Veloso (ojoaoveloso@gmail.com), U. de Macau / U. do Porto

Certos segmentos fonológicos podem ser considerados como inerentemente complexos (cf., e. o., Brandão de Carvalho 2011; 2017; Brandão de Carvalho et al. 2010). A identificação de um segmento como segmento complexo resulta, entre outros fatores, de uma especificação lexical com um número comparativamente elevado de primitivos subsegmentais (simplificadamente, um segmento S1 com uma especificação de traços T1, T2, T3 será mais complexo do que um segmento S2 cuja especificação consista somente em T1, T2).

De acordo com propostas como as de Veloso 2017, tal complexidade fonológica traduz-se ainda numa outra propriedade: o peso inerente dos segmentos (PIS). De acordo com a referida proposta, em línguas como o português o PIS resultaria de propriedades representacionais como, p. ex., a abertura vocálica (no caso das vogais) e a palatalidade (no caso das consoantes). Segmentos inerentemente pesados – como as vogais abertas/semiabertas e as consoantes palatais – apresentam um comportamento diferenciado perante fenómenos como a Condição de Minimalidade (CM) ou o acento principal de palavra. No caso do português, tenha-se presente que:

(i) os monossílabos lexicais com uma estrutura linear CV apresentam normalmente em núcleo silábico uma vogal aberta/semiaberta (má, pé, só);

(ii) as consoantes palatais em ataque da última sílaba impedem a acentuação proparoxítona (espelho vs. *éspelho; rebanho vs. *rébanho; fogacho vs. *fógacho).

Estes segmentos parecem herdar a complexidade/PIS de estádios passados da língua. Com efeito, os núcleos de monossílabos lexicais do português contemporâneo (vd. (i)) descendem frequentemente de hiatos medievais, por sua vez herdados de dissílabos latinos (mala>maa>má; pede>pee>pé; solu>soo>só); as consoantes palatais do português contemporâneo derivam, num número significativo de casos, de sequências bissegmentais do latim, mantidas como tal no nível linear em estádios mais antigos do próprio português (filiiu>...>filho; vinea>...>vinha; roseu>...>roxo).

Nesta comunicação, defenderemos que a biposicionalidade segmental de estádios passados, exemplificada no parágrafo anterior, se manteve, no português contemporâneo, ao nível das representações abstratas. Assim, no nível subjacente:

(i') monossílabos como *má*, *pé* e *só* continuariam a ser representados como dissílabos (/mAA/, /pEE/, /sOO/), salvaguardando a CM;

(ii') as consoantes palatais contemporâneas corresponderiam a uma representação estrutural de ponto e modo de articulação adicionada à especificação autosegmental da palatalidade, o que explicaria o seu comportamento acentual.

De acordo com a nossa proposta, este seria um dos casos em que representações fonológicas da diacronia se manteriam, ainda que de forma opaca no nível linear, nas representações fonológicas sincrónicas.

Palavras-chave: Peso inerente, Complexidade fonológica, Representação fonológica, Mudança fonológica

Referências:

- Brandão de Carvalho, J. 2011. Contrastive hierarchies, privative features, and Portuguese vowels. *Linguística*. 6: 51-66.
- Brandão de Carvalho, J. 2017. Deriving sonority from the structure, not the other way round. *The Linguistic Review*. 34: 589-614.
- Brandão de Carvalho, J. et al. 2010. *Comprendre la phonologie*. Paris: PUF.
- Veloso, João. 2017. Monossílabos CV do português: leves e degenerados? Sonoridade vocálica e iteração de elementos na atribuição de peso e na preservação da minimalidade em português. *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. 12: 201-226.

Um estudo comparativo da construção da cortesia em cartas setecentistas de mulheres e homens na América Portuguesa

Beatriz de Freitas Cardenete (beatriz.cardenete@usp.br), U. de São Paulo

Maria Clara Paixão de Sousa (mariaclara@usp.br), U. de São Paulo

Vanessa Monte (vmmonte@usp.br), U. de São Paulo

Este estudo compara a construção da cortesia em cartas escritas por mulheres e homens na América Portuguesa na segunda metade do século XVIII. As cartas de mulheres estudadas, disponíveis online (Cardenete, 2023a), integram o Projeto Mulheres na América Portuguesa, e as cartas de homens integram o estudo de Monte (2015). Analisamos as estratégias de cortesia utilizadas pelos dois gêneros e as estruturas textuais mais ou menos formulaicas empregadas. Segundo Bellotto (2002, p. 266), as cartas são “documento[s] não-diplomático[s], mas de desenho mais ou menos padronizado”. Assim, trazem certas estruturas textuais que possibilitam uma investigação de cunho diplomático, ainda que, a rigor, não sejam consideradas documentos diplomáticos. As cartas oficiais escritas por homens entre 1765 e 1775 (Monte, 2015) apresentaram a seguinte estrutura de composição: protocolo inicial (com direção e saudação inicial), núcleo e protocolo final (com valedictio, datações, fecho complementar e assinatura). Entretanto, o desejo de bons votos ao destinatário, conhecido como valedictio, é menos frequente nas cartas de mulheres: menos da metade apresenta essa estrutura (Cardenete, 2023b). As cartas que não possuem *valeductio* utilizam outras formas de despedida, mantendo a cordialidade na troca epistolar. Entre as possíveis razões para a variação das estruturas textuais estão o ambiente de circulação da correspondência, num *continuum* entre o público e o privado, e o gênero de seus autores — fatores que, como argumentaremos, relacionam-se entre si. Verificaremos também a utilização das formas de tratamento, como ‘vossa mercê’, largamente empregada em documentos do período. Sabe-se que os estudos históricos de tais formas de se referir ao interlocutor contribuem com os estudos diacrônicos sobre o tratamento em português, com destaque para o período anterior à formação do português brasileiro. Através dessa análise comparativa, busca-se identificar diferenças e similaridades na construção da cortesia em cartas de homens e mulheres da época, contribuindo para a compreensão das práticas comunicativas e sociais da América Portuguesa em uma época anterior ao século XIX, período ao qual se dedicaram estudos pioneiros no tema, como Lopes & Machado (2005) e Lopes & Rumeu (2018). Além disso, mostraremos como as missivas aproximam ou se distanciam dos modelos de escrita epistolar presentes em manuais que circularam no período e, consequentemente, permitem inferir o grau de conhecimento de seus autores e autoras sobre a composição das cartas. Espera-se que este estudo seja útil para a área de Pragmática Histórica e para a compreensão das relações sociais e de gênero na América Portuguesa.

Palavras-chave: Cortesia, Formas de tratamento, Cartas, América portuguesa, Século XVIII.

Bibliografia:

- Bellotto, H. L. (2002). *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documentos de arquivos*. (Projeto Como Fazer, v. 8). Arquivo do Estado/Imprensa Oficial do Estado: São Paulo.
- Cardenete, B. F. (2023a). *Corpus Punho de mulher: um estudo filológico sobre cartas de mulheres na América Portuguesa (1737-1821)*. Recurso online. Recuperado de map.prp.usp.br/Corpus/Punhodemulher/Index.html
- Cardenete, B. F. (2023b). *Punho de mulher: um estudo filológico sobre cartas de mulheres na América Portuguesa (1737-1821)*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Cintra, L. F. L. (1972). *Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Freire, F. J. (1801). *Secretario portuguez, ou methodo de escrever cartas. Por meyo de huma Instrucção Preliminar: Regras de Secretaria, Formulario de tratamentos, e hum grande número de Cartas em todas as especies, que tem mais uso, com varias Cartas Discursivas sobre as Obrigações, Virtudes, e vícios do novo Secretario*. Lisboa: Typografia Rollandiana.
- Lopes, C. R. S. & Machado, A. C. M. (2005) Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. C. R. S. Lopes (Org.). *A norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX* (Cap.2, pp. 45-66). Rio de Janeiro: FAPERJ/UFRJ.
- Lopes, C. R. S. & Rumeu, M. C. B. (2018). A identificação dos perfis socioculturais dos redatores de corpora históricos: encaminhamentos metodológicos. *Diadorim*, 20 – Especial, 147-168. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2018.v20n0a23272>
- Monte, V. M. (2015). *Correspondências paulistas: As formas de tratamento em cartas de circulação pública (1765-1775)*. São Paulo: FAPESP/Humanitas.
- Monte, V. M. (2020). Forms of address in São Paulo: A historical approach. M. Hummel; C. S. Lopes. (Orgs.). *Address in Portuguese and Spanish: Studies in Diachrony and Diachronic Reconstruction*. (1ed, v. 1, pp. 207-226). Berlim: De Gruyter.
- Rodrigues, D. F. (2003). *Cortesia Linguística: uma competência discursivo-textual (Formas verbais corteses e descorteses em Português)*. Tese (Doutorado em Linguística - Teoria do Texto) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

Uma fonte para o conhecimento do português de Goa no início do séc. XX

Hugo Cardoso (hugocardoso@campus.ul.pt), Faculdade de Letras da U. de Lisboa

Apesar de uma história contínua de mais de 5 séculos, o português da Índia está entre as menos conhecidas de todas as variedades desta língua (v. Cardoso 2016), o que se explica por uma combinação de fatores que incluem uma relativa escassez de fontes que atestem as suas especificidades, um investimento reduzido no seu estudo ao longo dos tempos e o declínio demográfico e funcional que esta variedade tem sofrido desde a integração de Goa, Damão e Diu na União Indiana, em 1961.

Do ponto de vista diacrónico, o conhecimento que é possível obter acerca do português indiano restringe-se à variedade de Goa e assenta nalguns estudos – entre os quais se destacam trabalhos de alguma envergadura realizados por Sebastião Rodolfo Dalgado (1900) e por Graciete Batalha (1982), para além de outros menos de menor dimensão (como Dias 1981) – e alguns textos literários (como Costa 1896) que registam, ainda que de forma eminentemente estereotípica, características tidas como vernaculares dessa variedade.

Há contudo, uma fonte do início do séc. XX que não foi ainda explorada do ponto de vista da documentação linguística, apesar de conter referências muito substanciais às características do português de Goa. Trata-se de uma coluna sobre tópicos linguísticos, publicada regularmente no jornal goês Heraldo entre Outubro e Novembro de 1908, cujos textos foram, no ano seguinte, reunidos num volume intitulado *Palestras sobre os vícios de linguagem portuguesa mais comuns em Gôa*. O autor desta coluna, que rapidamente se transforma em consultório linguístico, foi José Camilo Bernardo Maria da Costa Álvares, membro da elite goesa que estudou em Portugal e, ao longo da vida, combinou o exercício da medicina com o da docência e da administração colonial. Nos seus textos, Costa Álvares assume uma postura fortemente normativa e uma defesa intransigente da norma europeia do português, variedade que dominava plenamente. Apesar disso, as *Palestras* são ricas em referências a características do português de Goa que contrastavam com o padrão europeu, resultantes quer das críticas produzidas por Costa Álvares, quer das questões que lhe eram endereçadas pelos seus consulentes.

Esta comunicação constitui a primeira descrição dos contributos das *Palestras* enquanto fonte de documentação do português utilizado pelos goeses no início do séc. XX e resulta do levantamento das especificidades desta variedade do português que aí se apresentam, distribuídas por diversos domínios, incluindo a fonética, a morfossintaxe, o léxico e até a ortografia.

Palavras-passe: português indiano, português de Goa, fonte diacrónica.

Bibliografia:

- Batalha, Graciete Nogueira (1982). *Língua e cultura portuguesas em Goa: Estado actual*. Macau: Serviços de Educação e Cultura de Macau.
- Cardoso, Hugo C. (2016). O português em contacto na Ásia e no Pacífico. In Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho (Eds.), *Manual de Linguística Portuguesa* (pp. 68-97). Berlim: Mouton de Gruyter.
- Costa Álvares, José Maria da (1909). *Palestras sobre os Vícios de Linguagem Portuguesa mais Comuns em Gôa por A. Castro Alves*, vol. I. Nova Goa: Casa Luso-Franceza.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo (1900). Dialecto Indo-Português de Goa. *Revista Lusitana*, VI, 63-84.
- Dias, Filinto Cristo (1981). Peculiaridades dialectais do português de Goa. *Revista da Academia da Língua e Cultura Portuguesa*, 1(1), 33-39.

Uma vogal esquecida pela Linguística portuguesa: variabilidade diacrónica da vogal central [a] em posição átona

Maria José Carvalho (mariac@fl.uc.pt), U. de Coimbra, CELGA-ILTEC, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Os estudos históricos sobre o vocalismo átono do português têm-se centrado, ao longo das últimas décadas, quer nas origens da redução e fechamento de /e/ e /o/ em posição medial no PEC quer no fenómeno da elevação de /e/ em posição átona final ou medial (por harmonização vocálica), no PB. Quanto à vogal central, exceto quando em posição inicial absoluto (prefixo ou prótese), tem sido um tema pouco tratado na linguística portuguesa. O mesmo se verifica nos estudos de fonética/fonologia do galego atual: «a variabilidade da vogal central non recibiu especial atención e asumíuse que se trataba dunha vogal estable, de maneira que non se reparou no seu campo de dispersión nin nas eventuais repercusións fonolóxicas da súa variabilidade» (Aguete Cajiao & Fernández Rei 2022: 24).

É, contudo, intrigante verificar que, nos mesmos contextos, certas mudanças que envolvem esta vogal tiveram lugar e outras não. Assim, do ponto de vista etimológico, é fácil compreender o motivo por que **sarrar* (< SERRARE), **samear* (< SEMINARE) e **sagredo* (< SECRETU) nunca se fixaram no sistema normativo do português, não obstante serem tão comuns na língua popular. Seria, no entanto, expectável que, no mesmo contexto fónico, o /ĩ/ ou /E/ não se tivessem transformado em /a/, em numerosas palavras do nosso léxico patrimonial. Assim, por exemplo, BILANCIA originou *balança*, no português (ao contrário do italiano, que conserva a vogal átona: *bilancia*), acontecendo o mesmo fenómeno em MIRABILIA > *maravilha*, TREPALIUM > *trabalho*, SERVIENTE – *sarjento* ou LICER > *lazer*. Em outros contextos, como em LOCUSTA, no português, a par da conservação da vogal no nome científico de um tipo de gafanhoto (*locusta*), verificou-se o mesmo processo de dissimilação (> *lagosta*), enquanto que o espanhol não só transformou o /o/ em /a/ como optou pelo seu reforço, através de nasalidade: *langosta*.

Através de uma análise de *corpus*, demonstraremos que são frequentes, na história da língua portuguesa, os casos em que /a/ átono aparece como uma vogal mais resistente constituindo-se, portanto, como a vogal de chegada, mas também aqueles casos em que a vogal central cede lugar a outras vogais, em posição idêntica. O nosso objetivo é fornecer dados diacrónicos que permitam avaliar o papel do contexto fonológico adjacente e da acentuação neste tipo de variabilidade, no sentido de contribuir para uma análise mais integrada desta vogal em posição átona, no PEC, seja no quadro da Fonologia de Laboratório ou à luz da fonologia dos elementos.

Palavras-chave: fonologia histórica, vocalismo átono, vogal central.

Bibliografia:

- Agüete Cajiao, A. & Fernández Rei, E. (2022). O proceso de redución vocálica en galego: a vogal central, em *Libro de Resúmenes de Congreso Internacional de Linguística y Filología Románicas*, p. 24. https://ticmeet.com/assets/archivos/6ebaa9d0-5b21-477f-a5ee-31e8291a2c9d/Libro_completo_28-06-22.pdf.
- Carvalho, M. J. (2017). *Documentação medieval do mosteiro de Santa Maria de Alcobaca. Edição, com introdução e notas de aparato crítico*. Anexo de Verba 74, 255 pp. https://www.usc.gal/libros/index.php?id_product=249&controller=product.
- Clavería Nadal, G. (2000). La variación vocálica en español antiguo, em Annick Englebert, Michel Pierrard, Laurence Rosier & Dan Van Raemdonck (Eds.) (pp. 113-122), *Actes du XXIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes, Bruxelles, 23-29 juillet 1998*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, vol. II.
- Fonte, J. S. (2017). O vocalismo átono na história da língua portuguesa. *Alfa*, 61 (1). S. Paulo, 169- 199. <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1704-7>.
- Maia, C. de A. (19972). *História do Galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*. Lisboa: JNICT e FCG. https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/42474/3/Historia_do_Galego.preview.pdf
- Menéndez Pidal, R. (1968). *Manual de Gramática Histórica Española*. Décima tercera edición. Madrid: Espasa-Calpe, S.A.
- Paiva, M. H. (2008). A descrição do vocalismo átono quinhentista: linhas e entrelinhas nos textos metalinguísticos coevos, *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 3, 197-221 (On-line: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6882.pdf>).
- Parkinson, S. (1976-1979), Os tabeliães, o seu título e os seus documentos, *Boletim de Filologia*, 25 (1976- 1979), p. 185-211.
- Pérez Capelo, C. (2017). O cambio linguístico nos nomes de lugar. Notas a partir da toponímia galega, em Xosé Luis Regueira & Elisa Fernández Rei (Eds.), *Estudos sobre o cambio lingüístico no galego actual* (pp. 273-295) . Universidade de Santiago de Compostela:

Instituto de Língua Galega. Online:
http://consellodacultura.gal/mediateca/extras/2017_Estudos-sobre-o-cambio-linguistico-nogalego-actual_pp272-297.pdf
Veloso, João (2012). Vogais centrais do português europeu contemporâneo: uma proposta de análise à luz da fonologia dos elementos, *Letras de Hoje*, 47/ 3, 234-243, (jul./set. 2012).
https://www.researchgate.net/publication/259891909_Vogais_centrais_do_portugues_europeu_contemporaneo_Uma_proposta_de_analise_a_luz_da_fonologia_dos_elementos.

Usos e funções das orações completivas e adverbiais em sete variedades diatópicas do português: uma comparação baseada em *corpus* oral

Alessandra Emanuelle Macieira Silva (alessandraems@gmail.com), U. Federal de Minas Gerais
Giulia Bossaglia (giulia.bossaglia@gmail.com), U. Federal de Minas Gerais

Neste trabalho, comparamos a realização das orações completivas e adverbiais explícitas na fala espontânea de sete variedades diatópicas do português (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe), com base no *corpus* Português Falado - Variedades Geográficas e Sociais (Gonçalves & Veloso, 2000). O *corpus* disponibiliza os áudios das gravações alinhadas ao texto das transcrições, com anotação das quebras prosódicas terminais e não terminais, sendo uma ferramenta adequada para a análise desta diamesia.

Exportando os arquivos de alinhamento para o software Praat (Boersma & Weenink, 2021), que permite analisar o espectrograma e os movimentos de f0, foram explorados e etiquetados informacionalmente 5 arquivos por cada variedade. O referencial teórico que norteou a etiquetagem informacional foi a Language into Act Theory (Moneglia & Raso, 2014), que defende que, geralmente, as relações sintáticas entre elementos lineares devem ser analisadas de formas distintas a depender se estes elementos se encontram dentro da mesma ou ao longo de mais do que uma unidade informacional (UI): no primeiro caso, elas podem ser analisadas como relações de dependência sintática verdadeira, enquanto no segundo elas estariam “subordinadas” a funções pragmático-comunicativas próprias de cada UI (Cresti 2014).

Observou-se que, em todas as variedades, há uma tendência clara para as completivas ocorrerem prevalentemente dentro da mesma UI de suas orações principais, mantendo com elas uma relação de dependência sintática forte. Quando são realizadas em UI distintas, as completivas veiculam a ilocução do enunciado, enquanto suas principais manifestam sinais de gramaticalização como marcas de modalidade ou estratégias focalizadoras.

Por outro lado, as adverbiais ocorrem majoritariamente em UI, ou até em enunciados distintos, com um leque mais amplo de funções (identificação do domínio de aplicação da ilocução, informações de natureza parentética, realização de ilocuições, entre outras). Isto parece sugerir iconicidade (Haiman 1983; Foley & Van Valin 1984: 264) entre o grau de integração semântico-sintática destas orações com suas principais e suas realizações prosódicas (mais ou menos integradas às principais) e funções na fala.

Observou-se, contudo, que nas variedades de São Tomé e Príncipe e Angola o contraste entre as realizações das completivas e das adverbiais é menos acentuado que nas demais, enquanto na variedade europeia e guineense atinge valores mais extremos. Levantamos a hipótese, a ser verificada por futuras investigações, que isso possa depender de diferentes estruturas rítmicas das variedades e/ou das performances dos informantes, que permitiriam alocar dentro da mesma UI maiores ou menores quantidades de material locutivo (cf. Bossaglia 2016).

Palavras-chave: subordinadas completivas e adverbiais, fala espontânea, variedades diatópicas do português.

Referências bibliográficas:

- Bossaglia, Giulia. (2016). Effects of speech rhythm on spoken syntax. A corpus-based study on Brazilian Portuguese and Italian. *CHIMERA: Revista de Corpus de Linguas Romances y Estudios Lingüísticos*, 3(2), 265-285.
- Boersma, P. & Weenink, D. (2021). Praat: doing phonetics by computer. <http://www.praat.org/>.
- Cresti, E. (2014). Syntactic properties of spontaneous speech in the Language into Act Theory. *Spoken Corpora and Linguistic Studies*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 365-410.
- Foley, W. & Van Valin, D. R. Jr. (1984). *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gonçalves, J. B. & Veloso, R. (2000). Spoken Portuguese: Geographic and Social Varieties. In Gärtner, E et al. (Eds.), *Estudos de gramática portuguesa*. Frankfurt am Main: TFM.
- Haiman, J. (1983). Iconic and economic motivation. *Language*, 781-819.
- Moneglia, M., & Raso, T. (2014). Notes on the Language into Act Theory. *Spoken corpora and linguistics studies*. Amsterdam/NewYork, Benjamins, 468-489.

Variações da língua política salazarista entre ditadura militar e Estado Novo: algumas considerações.

Gabriela Iurcev (gabrielaiurcev@gmail.com), Università degli Studi di Padova

Durante o governo de Domingos de Oliveira (1930-1932), no qual os militares tinham significativa influência no processo de decisão política, Salazar compreende que para obter o controle total era necessário criar uma nova forma de ditadura, dotada de uma constituição e centrada na figura do chefe de governo.

Nos vários discursos que profere a partir de 1930, o ministro das finanças começa a traçar as linhas do seu novo regime: o objetivo final é a criação de uma nova ordem política, econômica e social; enfim, um Estado Novo. Um dos primeiros passos em direção à criação do Estado Novo (1933-1974) é a União Nacional (1930-1932), graças a qual Salazar se coloca acima da disputa entre facções e se eleva ao cargo de «árbitro supremo do jogo» (Pimenta, 2011, pp. 79-113).

A nossa premissa se relaciona diretamente com o fenômeno político que, por sua vez, resulta de um conjunto de fatos – políticos, jurídicos, sociais e morais – que, embora pertençam a ordens diferentes, se permeiam constantemente.

Com efeito, compreender o funcionamento e as escolhas linguísticas envolve referir-se à sua «situação», ou seja, o conjunto de circunstâncias em que ocorre a atividade linguística e aos componentes da situação comunicativa, como o contexto da situação, o papel comunicativo e social do orador, o destinatário, os objetivos, os resultados, a forma e o conteúdo da mensagem e os canais de comunicação.

Ainda que se conceba a política e a realidade do poder como uma questão de ação, essa só pode ser levada a cabo se houver um discurso que a motive e, naturalmente, nada impede que a linguagem seja instrumentalizada no exercício dos poderes.

O objetivo da nossa proposta, enfim, é identificar as variações da língua política adotada por Salazar ao variar da situação sociopolítica supracitada a partir do texto escrito, ou seja, dos discursos proferidos pelo «sujeito político» que se encontra em uma situação de enunciação «dentro da governança». Pelo que se refere às variações, estas últimas podem se relacionar com elementos gramaticais-sintáticos, fónico-rítmicos e retóricos, como a variação do léxico e a manutenção, implementação ou eliminação de certas estratégias linguísticas utilizadas por Salazar nos discursos produzidos entre 1930 e 1934, anos que compreendem um período que vai desde pouco antes da criação da União Nacional até pouco depois da instauração do Estado Novo.

Sendo a língua o resultado duma certa realidade, este novo contexto pode corresponder a uma nova ou, pelo menos, diferente, língua política.

Palavras-chave: língua política, António de Oliveira Salazar, Estado Novo.

Bibliografia:

- António de Oliveira Salazar. *Discursos e Notas Políticas 1928 a 1966*. Obra completa de António de Oliveira Salazar. Coimbra Editora, 2016.
- Bice Mortara Garavelli. *Manuale di retorica*. Bompiani, 2000.
- Chaïm Perelman; Lucie Olbrechts-Tyteca. *Trattato dell'argomentazione: la nuova retorica*. Einaudi, 2001 (1966)¹.
- Clarinda de Azevedo Maia. *Estudos Linguísticos - Volume I: Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa*. Imprensa da universidade de Coimbra, 2022.
- Clarinda de Azevedo Maia. *Estudos Linguísticos - Volume II: Dialetologia, Sociolinguística e Línguas em Contacto*. Imprensa da universidade de Coimbra, 2022.
- Fernando Tavares Pimenta. *Storia politica del portogallo contemporaneo (1800-2000)*. Le Monnier, 2011.
- Gaetano Berruto. *Fondamenti di sociolinguistica*. Laterza, 2005.
- Gianpietro Mazzoleni. *La comunicazione politica*. Il Mulino, 1998.
- Olivier Reboul. *Introduzione alla retorica*. Il Mulino, 2009 (1991)¹.
- Patrick Charaudeau. *Discurso político*. Contexto, 2011.